



CAIO FERNANDO ABREU

ONDE ANDARÁ DULCE VEIGA?



AGIR



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Caio Fernando Abreu

Onde Andará
Dulce Veiga?

UM ROMANCE B



Sumário

Capa

Folha de Rosto

Prefácio

Dedicatória

Epígrafe

I - Segunda-feira : Vaginas Dentatas

II - Terça-feira : The Hard Core Of Beauty

III - Quarta-feira : A Fera Muçulmana

IV - Quinta-feira : Poltrona Verde

V - Sexta-feira : O Labirinto De Mercúrio

VI - Sábado : Vaga Estrela Do Norte

VII - Domingo : Nada Além

Cartas

Créditos

Notas

O Cinema Moderno De Caio F.

Toda a literatura de ficção que se faz hoje no mundo sofre em alguma medida, com maior ou menor autoconsciência, a influência do cinema. Muitos dos contos, romances e novelas de maior apelo junto ao público têm o que se convencionou chamar de "ritmo cinematográfico" – expressão incongruente, uma vez que o cinema, de Hitchcock a Antonioni, de Kurosawa a Kiarostami, comporta inúmeros ritmos diferentes – e seus eventos são narrados como cenas de um filme. Trata-se, o mais das vezes, de uma dupla regressão: o cinema *mainstream*, em particular o que se faz em Hollywood, retoma o modo de narrar do realismo literário do século XIX, e em contrapartida os *best-Sellers* de nosso tempo ignoram as experiências e conquistas da literatura moderna para imitar o cinemão norte-americano. Romances como os de Don Brown são pouco mais que roteiros fílmicos, e sua maior aspiração é um contrato de adaptação com algum grande estúdio.

As relações entre a prosa ficcional de Caio Fernando Abreu e o cinema são de outra ordem, pertencem a outra linhagem. Escritor cinéfilo, como um Paul Auster ou um Manuel Puig, Caio explora de forma consciente e deliberada as conexões e os atritos entre a linguagem audiovisual e a escrita, servindo-se das experiências mais fecundas de uma e de outra para ampliar seu instrumental expressivo e aproximar-se do coração selvagem da vida.

Os contos e romances de Caio Fernando Abreu pressupõem um acervo de imagens, signos e clichês provenientes do cinema e incorporados à cultura de nossa época. Por isso são freqüentes em seus contos e romances as referências, ora poéticas, ora irônicas, a cenas clássicas, a frases célebres, a estrelas. Nisso, a proximidade com Puig é marcante, embora o autor argentino se mantenha geralmente mais preso ao universo do cinema clássico hollywoodiano e tenha a tendência a reificar os mitos.

A abordagem de Caio é mais inquieta e irreverente. Uma passagem de *Onde andaré Dulce Veiga?* ilustra bem essa sem-cerimônia. De dentro de um táxi, o protagonista-narrador vê partir em outro táxi a mulher que ele estava procurando. "Eu então toquei o ombro do motorista, e disse finalmente aquela frase com que sonhava há pelo menos trinta anos: – Siga aquele carro".

Aqui, como em inúmeros outros momentos deste que é talvez o mais cinematográfico dos escritos de Caio Fernando Abreu, a remissão irônica à memória afetiva do cinema serve como contraponto ao drama narrado e, mais que isso, ajuda a questionar a objetividade e a confiabilidade do narrador, na melhor tradição da literatura moderna desde Henry James e Machado de Assis.

Em outros casos, com efeitos semelhantes, o autor narra o que se passa como se estivesse num set de filmagem, descrevendo os movimentos de câmera, os *closes*, os *travellings* e panorâmicas. Na página 93, por exemplo, lemos: "Mas parado na porta – se a câmera mudasse seu enquadramento e substituísse meus olhos pelos olhos de Castilhos ou de alguém postado atrás dele, por sobre seus ombros curvos –, eu também fazia parte daquela cena". Se a literatura best-seller mimetiza o cinema hollywoodiano pré-moderno, que pressupõe uma câmera invisível e uma montagem imperceptível (a chamada "decupagem clássica"), a prosa de Caio Fernando Abreu incorpora as conquistas do cinema moderno,

expondo os andaimes da representação, inserindo o narrador no centro da cena, revelando ao espectador/leitor o modo de produção da escrita.

Nada mais natural, portanto, que *Dulce Veiga* chegue ao cinema pelas mãos do cineasta Guilherme de Almeida Prado. As afinidades eletivas entre os dois artistas são antigas e evidentes. Além de amigo pessoal do escritor - como se pode constatar numa das cartas publicadas parcialmente no final deste volume -, Guilherme (autor, entre outros, de *A dama do Cine Shangai*, *Perfume de gardênia* e *A hora mágica*) é um cineasta que costuma exercer a metalinguagem e servir-se da literatura, da música e do teatro para investigar e desnudar a própria natureza do cinema como arte da representação. Suas narrativas cinematográficas são sempre "de segundo grau", no sentido de que discutem a si próprias, discutem sua própria manufatura. Não por acaso, seu filme anterior, *A hora mágica*, era uma adaptação livre do conto *Cambio de luces*, de Julio Cortázar, que explora o intervalo entre a fantasia criada pelo rádio e o "real" por trás dos microfones.

Os personagens de Guilherme, assim como os de Caio, são encharcados de cinema, de rádio, de televisão, de música e, eventualmente, também de literatura. São como sombras de outros personagens, espectros viventes, projeções do imaginário de um narrador nada confiável. A Dulce Veiga do romance é, em grande medida, uma aparição, um fantasma, uma projeção - tanto no sentido psicanalítico como no cinematográfico. Seu destino (palavra cara aos personagens de Caio Fernando Abreu) era terminar na tela de cinema. Desde o momento da escrita, seu criador sonhava com isso, e sabia que a pessoa mais indicada para realizar essa transposição, essa travessia, era seu amigo Guilherme de Almeida Prado.

José Geraldo Couto *Fevereiro de 2006*

*À memória de
Nara Leão*

*Para
Odete Lara,
Guilherme de Almeida Prado,
Cida Moreyra
e todas as cantoras do Brasil.*

I had Seventeen dollars in my wallet. Seventeen dollars and the fear of writing. I Sat erect before the typewriter and blew on my fingers. Please God, please Knut Hamsun, don't desert me now. I started to write and I wrote:[u](#)

John Fante, *Dreams from Bunker Hill*

I

Segunda-feira

Vaginas Dentatas

Eu deveria cantar.

Rolar de rir ou chorar, eu deveria, mas tinha desaprendido essas coisas. Talvez então pudesse acender uma vela, correr até a Igreja da Consolação, rezar um Pai Nosso, uma Ave Maria e uma Glória ao Pai, tudo que eu lembrava, depois enfiar algum trocado, se tivesse, e nos últimos meses nunca, na caixa de metal "Para as Almas do Purgatório". Agradecer, pedir luz, como nos tempos em que tinha fé.

Bons tempos aqueles, pensei. Acendi um cigarro. E não tomei nenhuma dessas atitudes, dramáticas como se em algum canto houvesse sempre uma câmera cinematográfica à minha espreita. Ou Deus. Sem juiz nem platéia, sem *close* nem *zoom*, fiquei ali parado no começo da tarde escaldante de fevereiro, olhando o telefone que acabara de desligar. Nem sequer fiz o sinal-da-cruz ou levantei os olhos para o céu. O mínimo, suponho, que um sujeito tem a obrigação de fazer nesses casos, mesmo sem nenhuma fé, como se reagisse a uma espécie de reflexo condicionado místico.

Acontecera um milagre. Um milagre à toa, mas básico para quem, como eu, não tinha pais ricos, dinheiro aplicado, imóveis nem herança e apenas tentava viver sozinho numa cidade infernal como aquela que trepidava lá fora, além da janela ainda fechada do apartamento. Nada muito sensacional, tipo recuperar de súbito a visão ou erguer-se da cadeira de rodas com o semblante beatificado e a leveza de quem pisa sobre as águas. Embora a miopia ficasse cada vez mais aguda e os joelhos tremessem com frequência, não sabia se fome crônica ou pura tristeza, meus olhos e pernas ainda funcionavam razoavelmente. Outros órgãos, verdade, bem menos.

Toquei o pescoço. E o cérebro, por exemplo.

Já chega, disse para mim mesmo, parado nu no meio da penumbra gosmenta do meio-dia. Pense nesse milagre, homem. Singelo, quase insignificante na sua simplicidade, o pequeno milagre capaz de trazer alguma paz àquela série de solavancos sem rumo nem ritmo que eu, com certa complacência e nenhuma originalidade, estava habituado a chamar de *minha vida*, tinha um nome. Chamava-se – um emprego.

Olhei minha cara no velho espelho riscado, as marcas que eu nem sabia mais se pertenciam ao vidro ou à pele, cumprimentei com uma curvatura de cabeça: "Muito bem, parabéns. Você agora tem um emprego". Mas não conseguia sentir nenhum calafrio de dignidade, nenhum frêmito de esperança que pudesse iluminar meus olhos vermelhos ou empurrar para fora meu fatigado peito onde – não queria lembrar, mas lembrei – há menos de uma semana descobrira o primeiro fio de cabelo branco.

Suspirei.

Verdade que só um completo idiota ou alguém totalmente inexperiente sentiria, nem digo êxtase, mas qualquer espécie de animação por ter conseguido um trabalhinho de repórter no *Diário da Cidade*, talvez o pior jornal do mundo. Acho que ainda não tinha me transformado num idiota, não completamente pelo menos. E quanto à experiência – bem, aquela cara marcada, ainda inchada de sono, com barba de três dias, me observando por entre

os riscos do espelho, parecia tê-la de sobra. Tudo bem, disse a cara no espelho, já que você prefere mesmo confundir experiência com devastação... Suspirei outra vez. Não, querida cara, encher laudas e laudas nas máquinas de escrever daquele pasquim pré-informático certamente não era motivo para dar pulinhos.

Mas eu *tinha* que ficar contente. E quando você quer, você fica. Comecei a ficar. Afinal, aquele podia ser o primeiro passo para emergir do pântano de depressão e autopiedade onde refocilava há quase um ano. Gostei tanto da expressão *pântano-de-depressão-&-etc.* que quase procurei papel para anotá-la. Perdera o vício paranóico de imaginar estar sendo sempre filmado ou avaliado por um deus de olhos multifacetados, como os das moscas, mas não o de estar sendo escrito. Se fosse bailarino, talvez imaginasse estar constantemente, em qualquer movimento, o esculpido? Ah, cada gesto, uma verdadeira apologia estética da forma pura.

Era engraçado. E bastante esquizofrênico. Mas de repente o real tinha-se tornado bem menos retórico.

"Você começa hoje, cara" – dissera Castilhos no telefone. Com aquela voz no fundo da qual, para manter o velho hábito subliterário, eu poderia localizar algo que chamaria de áspera-ternura-cúmplice, mas na verdade não passava de excesso de nicotina e saco cheio: "E vê se não me faz cagada logo no primeiro dia, *oquei?* Garanti prós homens que você é da pesada".

Espantoso: na noite anterior eu fora dormir como um jornalista desempregado, endividado, amargo, solitário e desiludido de quase quarenta anos para acordar no dia seguinte, magicamente, com aquela voz do passado me comunicando pelo telefone que eu era – *da pecada*. A partir de hoje, uma vida feita de fatos. Ação, movimento, dinamismo. A claquete bate. Deus vira mais uma página de seu infinito, chatíssimo roteiro. O escultor tira outra lasca do mármore.

Coloquei água para fazer café, cogumelos branquicentos cresciam na umidade da cozinha. Simpáticos, até meio bucólicos. Liguei o rádio, entrei no chuveiro. O apartamento era tão pequeno que a gente podia fazer todas essas coisas praticamente ao mesmo tempo. Com uma das mãos, ensaboava a cabeça, com a outra controlava o volume do rádio na sala, enquanto estendia uma das pernas para apagar o fogo quando a água fervesse.

– Eia! Avante! Sus! – gritei embaixo da água gelada. – Ai-pi-ai-ô, Silver!

Então ouvi no rádio uma música que parecia conhecida. Dizia qualquer coisa como "a realidade não importa, o que importa é a ilusão", no que eu concordava plenamente. Pelo menos nos últimos meses, não me acontecera nada além de fantasias. Mas a música que ressoava em algum porão da memória era antiga como um bolero, um fox, e o que saía do rádio agora era um desses rocks com baixo elétrico desesperado, percussão envenenada e sintetizadores histéricos. A voz da cantora lembrava vidro moído num liquidificador. De qualquer forma, pensei, a letra está certa. E todas as coisas que eu lembrava, ou achava que lembrava, porque de tanto lembrar delas acabara por transformá-las em mera – e péssima – literatura, já não importavam mais.

O resto do último sabonete escorregou entre meus dedos. Era tão pequeno que desapareceu pelo ralo.

– Isso é brincadeira – eu disse. – Esse grupo existe mesmo?

Castilhos bateu no ar um de seus cigarros. Desde que eu o conhecia, há uns vinte anos, fumava três ou quatro ao mesmo tempo. Alguns equilibravam-se na beira da mesa, o contorno metálico cheio de manchas escuras, outros espalhavam-se pelos cinzeiros perdidos entre pilhas de laudas, fotos, clipes, pastas, envelopes, copos de plástico, adoçante artificial, tubos de cola, rolos de dinheiro, bilhetes de loteria, blocos, lápis, canetas, restos de sanduíche, latas de coca-cola dietética e um boi nordestino de cerâmica, que eu conhecia de outras redações. Por trás dele, o ventilador soprou as cinzas contra meus olhos. A sala acarpetada devia estar numa temperatura próxima de um forno crematório.

Ele depositou o cigarro num cinzeiro em forma de mãos unidas e abertas em concha, como se esperassem um maná dos céus. Aquele cinzeiro, eu também achava que conhecia. Velhas redações, outros tempos. Na verdade, uma por uma daquelas bugigangas pareciam familiares, inclusive ele. E isso não era exatamente o que eu chamaria de "uma sensação agradável".

Castilhos mexeu nas fotos, separou uma mulata de fio-dental e botas brancas, juntou-as com um clipe a uma lauda tão furiosamente rasurada que as correções tinham furado o papel:

– Que que tem de estranho, só por causa do nome? São os tempos, que se há de fazer? Agora eles se chamam Ratos Escrotos, Vermes Imundos, Bichos Nojentos, coisas assim. – Ele voltou-se para a mesinha mais baixa do lado, enfiou uma lauda na máquina e datilografou de um jato. – Que coxas, hein, meu?

Olhei para ele sem entender. Pelo que sabia, gostava das magras espirituais, tipo Audrey Hepburn. No máximo, Deborah Kerr. Das mais recentes, talvez Michelle Pfeiffer. Jamais mulatas de botas brancas.

– A legenda: "Que coxas, hein, meu?" Uma de vinte toques, descontando o *i*, cabe certinho. – Arrancou a lauda, berrou: – Pai Tomás, chega aqui.

– Perfeito – eu disse. Tinha esquecido que conversar com ele era sempre assim. Dois ou três temas cruzados, entrecortados por suspiros, tosses, roncos, telefonemas, cigarros e berros. Cortes bruscos, retomadas e contratemas, sem nenhuma introdução tipo como-eu-ia-dizendo ou coisa assim.

– Pai Tomás, onde se meteu essa anta? – Passou distraído as pontas dos dedos amarelos pelas coxas da mulata. Sempre me surpreendiam, as mãos de Castilhos. Em vez de previsíveis manoplas peludas, eram pequenas, gordinhas, rosadas. Quando começava a odiá-lo, bastava olhar para elas. Perdoava tudo na hora. – Vômito, outro dia pintaram uns garotos aí com um grupo assim. Grupo não, banda. É assim que eles dizem agora. Teve outro, As Lesmas. Apareceu também um Belzebu e os Querubins Invertidos. São os tempos, que se há de fazer?

O telefone tocou, ele atendeu. Olhei em volta, mas a sala enorme e decadente, com seus ventiladores de pés altos, estava quase vazia. Anão ser por um rapaz de cabelos eriçados de gel, todo de preto, que datilograva com fúria talvez uma demolidora crítica aos Querubins

Invertidos.

– Fecha às oito – Castilhos berrava. – Às oito sem falta, porra. Quero isso na minha mesa até as sete, pelo menos pra dar uma lida nessa bosta, *oquei?* – Bateu o telefone, pontas de cigarro voaram em todas as direções. – Débeis, todos débeis. Outro dia um aí escreveu que fulana ganhou o Oscar de melhor *atora*, é mole?

De repente materializou-se ao lado da mesa dele um negro jovem, mas de cabelos completamente brancos, como um Preto Velho de umbanda. Fez continência, sério. Por baixo da camisa cáqui desabotoada vi uma guia de contas vermelhas e pretas. Brilhavam, lustradas pelo suor da pele negra. Castilhos ergueu a foto da mulata e sacudiu-a na minha cara.

– Pai Tomás, este é o nosso novo repórter de Variedades.

– *Laroiê!* – disse Pai Tomás, curvando a cabeça branca.

Eu sorri. Quer dizer, contraí os músculos da face para mostrar os dentes. Estava me sentindo um pouco tonto, não tinha comido nada naquele dia. Pisquei, quando abri os olhos Pai Tomás tinha-se desmaterializado. Perto de Castilhos, nunca se sabia ao certo quando as coisas paravam de parecer divertidas e começavam a tornar-se patéticas, folclóricas ou vagamente ameaçadoras. Atrás da mesa dele os vidros imundos filtravam a luz cinza da Nove de Julho. A cidade parecia metida dentro de uma cúpula de vidro embaçada de vapor. Fumaça, hálitos, suor evaporado, monóxido, vírus. Olhei outra vez para as mãos dele e, sem nenhum empenho, tentei pela última vez:

– Preciso muito, Castilhos, sinceramente. Mas não sei se sou o sujeito mais indicado para.

– Sabe sim. Sabe perfeitamente. E vai fazer tudo direitinho, *oquei?* Só porque o nome da banda das meninas é Márcia Felácio e as Vaginas Dentatas, que que tem de mais? Até que é um nome muito original, e devem ser umas meninas legais. Toca toda hora no rádio.

– Só ouço canto gregoriano – menti. E suspirei: – Sapatas, sexistas, adolescentes rebeldes sem causa nem consequência.

– Bom título para uma crítica. Mas vai lá ver, depois escreva. – Acendeu um cigarro. E repetiu: – São os tempos.

– Que se há de fazer? – completei. – Me dá o telefone delas. Ele afastou uma pilha de laudas, pegou uma agenda. Havia mais papéis soltos dentro dela do que todas as páginas juntas. Isso que ainda estamos em fevereiro, pensei. Estendeu um papelzinho.

– Fala com Patrícia. Ou Vanessa, ou Mônica, ou Cristiane, um desses nomes modernos. Que coisa, não existem mais Veras, Juçaras, Elviras. E Carmens, então?

– Castilhos, você ainda mora naquele apartamento da São João?

Ele abriu uma gaveta com o pé, depois fechou-a com estrondo, empurrou os óculos para a testa e acariciou os chifres do boi nordestino. Isso eu lembrava: era o sinal de que não tínhamos mais nada a conversar. Enquanto levantava, eu disse:

– Toma cuidado, guerreiro, quando os dedos do grande mestre acariciarem os chifres do bovino.

Ele grunhiu. Talvez fosse um sorriso, não sei.

Fui saindo entre as mesas desocupadas. Uma loura cinquentona, com muitas jóias douradas e um vestido decotado imitando onça, debruçou-se na máquina quando passei. Poderia ser vulgar, mas qualquer coisa no pescoço esticado demais e nos ombros rígidos, jogados para trás, revelava certa aristocracia. Quem sabe uma recém-divorciada tentando começar de novo, uma ex-bailarina russa fascinada pelos trópicos e obrigada a fazer sórdidas traduções para sobreviver. Atrás dela, num calendário Seicho-No-Ie, estava escrito "Agora é o momento decisivo para renascer". Estava começando a sentar ao lado dela para telefonar, quando Castilhos gritou:

– É a capa de sexta – e depois, sem levantar, mas com a voz muito empostada, num inglês tão perfeito que não entendi absolutamente nada, recitou: – *"Disable all the benefits of your country, be out of love with your Nativity, and almost chide God for making that countenance you are"*.

O rapaz de preto deteve as mãos sobre o teclado.

– John Donne – arriscou.

A ex-bailarina russa bateu palmas:

– Fernando Pessoa.

Estava totalmente errada. Nos vinte anos que eu conhecia aquele jogo, em língua portuguesa Castilhos só admitia Camões. E certa vez, para surpresa geral, Florbela Espanca: *"Sempre da vida o mesmo estranho mal, e o coração a mesma chaga aberta."* Agora todos esperavam, olhando para mim. Era decisivo como uma prova iniciática.

Chutei:

– Shakespeare. Castilhos confirmou:

– *As you like it*. Ato quatro, cena um.

Os outros aplaudiram. Curvei a cabeça, agradecendo. Pedi licença à loura e peguei o telefone. Antes que pudesse disar, ela estendeu sobre a mesa a mão cheia de anéis e longas unhas escarlates.

– Prazer – disse, sem nenhum sotaque russo. Ao contrário, com suas vogais abertas soava levemente baiano. – Sou Teresinha O'Connor.

– Teresinha como?

– O'Connor – ela repetiu, caprichando na pronúncia. – De origem irlandesa, sabe? Sou a cronista social. Quando tiver alguma nota, você me passa? Pessoal que lida com arte sempre tem. – Pode deixar – eu disse. E comecei a disar.

3

Do fundo, vinha uma gritaria infernal. Um assassinato, uma tourada, festa de criança ou estupro. *It's only rock and roll*, pensei, elas deviam estar ensaiando. Ficamos gritando, sem que ninguém conseguisse ouvir nada. Depois ouvi um barulho seco, como uma porta

batendo, a gritaria abafada, e a voz no telefone.

- Com quem você quer falar?
- Com Vanessa – eu disse.
- Qual Vanessa, a Redgrave ou a Bell?
- Qualquer uma.
- Aqui não tem nenhuma Vanessa, meu amor. Tenta a Jane.

Revidei:

- Qual Jane, a Fonda ou a Bowles?

Ela surpreendeu-se exageradamente. Era carioca, percebi pelos “esses” chiados, “erres” rascantes. E estava se divertindo:

- Você disse Bowles, Jane *Bowles*? Essa eu não conheço.

– Escuta – eu disse. – Se você faz mesmo questão, podemos levar horas nisso. Posso chamar a Marianne Faithfull ou a Moore, a Charlotte Brontë ou a Rampling. Muito cultural e tudo. Mas acontece que estou trabalhando, gatinha. – O *gatinha* não fazia parte de meu glossário, mas achei que ajudaria. E mais formal: – Com quem estou falando?

- Com a Patrícia.

Neal ou Highsmith, pensei em perguntar, talvez Travassos. Aquilo era contagioso.

- Com você mesmo que eu quero falar.
- Então fala, meu anjo.

Enquanto eu explicava que precisava fazer uma matéria com o grupo e tal – achei melhor dizer assim, *o grupo*, ainda não me sentia preparado para pronunciar em público algo como *Márcia Felácio e as Vaginas Dentatas* –, Teresinha O'Connor telefonava freneticamente na mesa ao lado. Era daquele tipo que disca com a ponta da caneta esferográfica, depois masca a tampa enquanto espera a ligação completar.

– Tudo bem – Patrícia disse. – Imprensa é imprensa, só que também não é *assim*. Liga e já vai entrevistando. Antes eu preciso da sua data de nascimento.

- Hein?

– Data, local e hora. Que nem a Yoko fazia quando todos aqueles caras queriam entrevistar o John Lennon. Não é porque a gente é brasileira que não vai ser seletiva, entendeu?

- Mas para que você quer isso?

- Para montar seu mapa astral, evidente. Preciso ver se tudo cruza.

Roqueira, intelectual e astróloga. Devia usar óculos, pensei. E mentalizei a superfície cor-de-rosa de Netuno, Miranda, vulcões de gases congelados. Depois a *Voyager* perdida no espaço, a voz de Mick Jagger urrando para o infinito *I can get no satisfaction*, em nome de todos nós. Precisei pensar um pouco para dar a data certa, não lembrava direito do ano.

- *Tudo* isso? – Patrícia parecia decepcionada.

- É.

– E a hora?

– A hora eu não sei.

– Então nada feito. Sem hora exata, como é que eu vou calcular o Ascendente? Não tem na certidão?

– Não.

– Pergunta para sua mãe.

– Minha mãe mora fora do Brasil – menti.

– Liga pra ela, nem é tão caro assim. Liga aí do jornal.

– Ela não tem telefone – "é uma aldeia perdida nos Cárpatos", contei para mim mesmo. No meio da neve, numa cabana sem telefones nem redações, cronistas sociais ou bandas de rock, só tem alces lá. Onde ficavam mesmo os tais Cárpatos?

– Mas pelo menos foi de manhã, à tarde ou à noite?

– De manhã cedo – falei. Era verdade, minha mãe sempre contava que não tinha dormido a noite toda. Para me fazer sentir culpado, claro. Mas uma vez falou qualquer coisa como quando olhei pela janela o sol estava nascendo e você estava saindo. Eu gostava disso, pelo menos fora num dia de sol.

– Segura na linha – Patrícia pediu.

Do outro lado, voltou a gritaria infernal. Aos poucos a redação começava a ficar movimentada. Sujeitos gordos do Esporte, meninas desgrenhadas da Variedades, adolescentes espinhentos da Geral. Eu estava ficando velho. E mal-humorado. Baixei os olhos, comecei a desenhar círculos concêntricos nas costas do papel com o telefone dela. Mexendo devagar a cabeça, naquele calor, isso me estonteava ainda mais. Miranda, enumerei, Cárpatos, Passo da Guanxuma. Tudo tão longe, tudo ficção. Embaixo dos círculos concêntricos escrevi "tudo gira ao seu redor", como num cartão que tinha visto não sabia onde. Estava enchendo de tinta o segundo ó quando a gritaria voltou no telefone, depois tornou a ficar abafada.

– Alô – eu disse.

– Olha, querido, hoje não vai dar de jeito nenhum. Nós temos uma gravação. Além disso, dia da Lua não é favorável. Muito instável, entende? Só na sexta, dia de Vênus. E às seis da tarde, com Leo no Ascendente e o Sol na casa do outro.

Escandi as sílabas tão meticulosamente que qualquer um, até uma vagina dentata, perceberia que eu estava ficando furioso:

– Patrícia, tenho que entregar essa matéria na quinta. Para sair na sexta. Não posso esperar que os astros estejam favoráveis e Urano na casa do caralho.

Ela não disse nada, teria sido o palavrão?

– É a capa – seduzi. Até parecia a *Vanity Fair*. – A capa, a cores. De repente, ela cedeu:

– Tudo bem. Vamos gravar um *clip* num estúdio daqui a pouco. Aparece lá. Mas, entrevista, de jeito nenhum. Só depois do mapa. Vou te dar o endereço.

Quando terminei de anotar os intermináveis sabe aonde tem um posto meio escroto e aí

você vai ver um *out-door* de cueca dum cara muito sexy e bem ao lado de um prédio horroroso de pastilhas verdes, apaguei o cigarro no cinzeiro de bronze, muito artístico, de Teresinha O'Connor. Ela estendeu o rosto para um beijinho.

– Três pra casar – pediu.

Dei um, sem tocar na pele. Ou na camada de maquiagem entre minha boca e a pele dela. Peguei um monte de laudas e sai correndo. Na porta, ouvi a voz de Teresinha:

– Não esquece as minhas notas, viu?

4

Até encontrar um táxi, passei por dois anões, um corcunda, três cegos, quatro mancos, um homem-tronco, outro maneta, mais um enrolado em trapos como um leproso, uma negra sangrando, um velho de muletas, duas gêmeas mongolóides, de braço dado, e tantos mendigos que não consegui contar. A cenografia eram sacos de lixo com cheiro doce, moscas esvoaçando, crianças em volta.

Na esquina estava um homem vestido com um macacão alpino, de chapeuzinho verde, tocando realejo para um periquito desses que tiram a sorte. Parei. O homem fez o periquito bicar três vezes o papelzinho dobrado antes de estendê-lo para mim. Estava escrito:

"O hábito de trabalhar proporcionar-te-á todas as comodidades da vida: aprende a ser feliz em um honesto viver, desejas notícias que serás surpreendido com uma fortuna de que viverás feliz, eis o que o teu signo diz".

O motorista japonês tentou puxar conversa, mas respondi com um grunhido, ele desistiu depois de comentar que ia cair a maior água. Afastei o banco para trás, estendi as pernas, abri mais o vidro. Ele ligou o rádio, rezei para que não sintonizasse num daqueles programas com descrições hiper-realistas de velhinhas estupradas, vermes dentro de sanduíches, chacinas em orfanatos. De repente a voz rouca de Cazuzza começou a cantar. Vai trocar de estação, tive certeza, mas ele não trocou. Isso me fez gostar um pouco dele, tão oriental, talvez budista, e pedi que aumentasse por favor o volume, deitei a cabeça no encosto de plástico pegajoso e por quase um segundo, muito rapidamente, enquanto o carro rastejava pelo trânsito difícil, sobre o asfalto em brasa, a camisa molhada, a pilha de laudas virando pasta entre meus dedos, fechei os olhos, o vento soprava na minha cara, secando o suor, e por quase um segundo, outra vez, como quem de repente suspira ou pisca e segue em frente, veloz feito uma mariposa que cruza subitamente o ar nas noites de verão, à procura de luz acesa para girar em torno, como quem apaga ou acende uma dessas luzes para perceber no quarto vazio apenas a vibração do bater de asas que restou no ar, não o inseto que já foi embora, no fundo turvo do pensamento, eu queria ver no escuro do mundo, sem querer nem provocar ou conduzir, por quase um segundo, finalmente, dentro do táxi que descia em direção ao Ibirapuera, lembrei então de Pedro.

Antes de vê-la, recebi na cara uma rajada de gelo seco através da porta que ela abriu, depois fechou. Ficou parada na frente, como a sacerdotisa guardiã de algum tesouro. Uma sacerdotisa com pelo menos um metro e oitenta, não mais de vinte e poucos anos e a aparência de uma dessas aves pernaltas que, nas fotografias ecológicas, repousam à beira dos pantanais. Seria engraçada, se não tentasse parecer tão séria.

Como imaginei, Patrícia usava óculos. Não redondos, enormes, para indicar que lia muito, nem de armação colorida, para deixar bem claro que, apesar de ler muito, não era nenhuma chata. Óculos gatinho, anos 50, de algum brique rico dos Jardins. O cabelo crespo quase louro despencava em cascatas desgrenhadas até a cintura do jeans muito justo. Em frangalhos, claro. Nos pés, arrastava coturnos pesados de soldado ou alpinista. Dava a impressão de não se preocupar nem um pouco em parecer bonita, simpática ou educada. Talvez por isso, aquele ar de pré-vestibulanda problemática, tinha um jeito desamparado.

Eu não conseguia tirar os olhos de sua camiseta. No peito, havia algo como o desenho de uma boca vertical aberta, uma mancha bordo sanguinolenta contra o fundo branco. Entre os contornos arroxeados daquela boca ameaçadora, duas fileiras de dentes serrilhados, como os dos tubarões, ameaçavam entre os lábios. E quando pensei *lábios*, entortando a cabeça para ver melhor, foi que compreendi. Era uma vagina dentata. Mas só tive certeza quando ela virou de costas e pude ler o nome do grupo, escrito atrás.

Ela me olhava entediada, eu não tinha nada especial. Um jeans como o dela, mas sem rasgões, camiseta branca sem vagina nem falo estampados. Nenhum brinco, nenhuma mecha verde no cabelo. Uniforme de guerra, ou de quem quer ficar invisível. E eu queria, há tanto.

Ela perguntou:

– Você é o cara do jornal?

Eu disse que sim.

– Você parece muito careta.

Eu disse que era.

Ela me olhou por cima dos óculos:

– Você deve ter o ascendente em Peixes.

Fiquei olhando a vagina entre os seios dela, sem dizer nada. Sabia que a qualquer momento podíamos nos enredar outra vez num daqueles diálogos labirínticos: Dorothy Parker ou Lamour, quem sabe Dandridge?

Foi então que comecei a ouvir.

Por trás da porta, vinha uma música familiar. Não apenas familiar. Havia nela, ou na sensação estranha que me provocava, algo mais perturbador. Tentei ouvir melhor, mas o que lembrava não era exatamente aquilo, embora o que eu não identificava que fosse, e quase lembrava, também estivesse lá, dentro da música ou de mim. Dava saudade, desgosto. E outra coisa mais sombria, medo ou pena. Na minha cabeça cruzaram figuras desfocadas, fugidias como as de uma tevê mal sintonizada, confundidas como se dois ou três projetores

jogassem ao mesmo tempo imagens diversas sobre uma única tela. Fusão, pensei: pentimento. E revi uma sala escura muito alta, luz do dia vedada pelas cortinas, um cinzeiro antigo em forma de caixinha redonda, desses que as mulheres dos filmes preto-e-branco dos anos 40 carregam nas bolsas, o fio de pérolas no colo alvo de uma mulher. Não fazia sentido.

Patrícia olhava para mim, curiosa. Um reflexo qualquer fez cintilar uma das pedrinhas no canto de seus óculos. Talvez por isso, muito nítida entre aquelas imagens vagas, uma poltrona desenhou-se na minha memória. Ou imaginação, eu não sabia. Era uma poltrona clássica, uma *bergère* forrada de veludo verde. Procurei em volta algum tom de verde semelhante àquele. Não havia nenhum. Folhas que jamais recebem sol, musgo, fundo de garrafa – um pedaço de vidro que achara certa vez na areia, tão verde e polido pelo sal e as águas que era como se tivesse absorvido a cor das profundezas do mar. Era assim, o verde da poltrona.

– Conheço essa música – eu disse.

Patrícia sacudiu os ombros.

– Todo mundo conhece. É o nosso grande sucesso, está em segundo lugar.

Empurrei-a para o lado.

– Preciso ouvir melhor.

– Você não pode interromper – ela começou a dizer.

Mas eu já tinha entrado. A sala grande estava enevoadada pelo gelo seco. Entre nuvens, fui distinguindo aos poucos alguns homens, ou partes deles. Troncos, cabeças. Pouco depois, ao fundo, um cenário de papelão pintado reproduzindo edifícios em ruínas cercados por enormes latas de lixo quase do tamanho deles. De dentro delas, brotavam objetos inesperados: uma perna de manequim, um relógio de pêndulo, um violoncelo partido ao meio, bonecas decepadas, flores de plástico, lápides, réstias de alho. Salvador Dali em Hollywood, pensei, cenografando um filme de Christopher Lee.

Contra os edifícios, três garotas vestidas com jeans e camisetas iguais aos de Patrícia tocavam bateria, baixo elétrico e teclado. Eram as Vaginas Dentatas: uma baterista negra, cabelos trançados com contas coloridas, uma tecladista gorda, cabeça quase raspada, e uma japonesa enorme. À frente delas, apoiada num poste falso de luz, outra garota de cabelos descoloridos, coberta de couro negro, com uma guitarra. De onde eu estava, não conseguia ver seu rosto. Apenas percebia o contraste entre as roupas pesadas e os cabelos quase brancos, pairando feito auréola sobre o rosto profundamente pálido, sob a luz azulada dos *spots*. Irreal como um anjo. Um anjo do mal, sem asas nem harpa, um anjo caído. Essa era Márcia Felácio.

Quando entrei, ela parou imediatamente de cantar. No mesmo momento, telepáticas, as três Vaginas Dentatas também pararam. Patrícia gemeu no meu ouvido.

– Eu tentei avisar. Márcia odeia isso.

No meio da névoa falsa, um homem gritou.

– Que porra é essa, moçada? Estava tudo bem, assim não dá.

Márcia bateu com a guitarra no poste de luz. A coluna de papelão tremeu na base de

isopor pintado. As mãos na cintura, ela olhava para mim e Patrícia. Compassadamente, a negra das trancinhas começou a bater num dos pratos da bateria. Parecia proposital: a trilha sonora óbvia do crescendo de suspense um segundo antes da explosão de nervos.

– Patrícia – Márcia berrou, um feitor ordenando com chibatadas, salguem-lhe as costas. – Já não falei mil vezes que não admito nenhum estranho por perto em hora de gravação?

– É o cara do jornal – Patrícia explicou. A voz soava infantil, desafinada. Ridícula, e ao mesmo tempo coerente com aquele visual de ave pernalta. – Ele pegou e foi entrando, não tive culpa.

A prima-dona-pós-punk-pré-apocalíptica olhou direto para mim. Talvez por causa das luzes, os olhos dela brilhavam demais. Sintéticos, como se fossem de acrílico ou emitissem facho de raio laser. Um farol maldito, para perder os navegantes. Achei que podiam ser verdes.

– De onde você é mesmo?

– Do *Diário da Cidade* – gaguejei. Gostaria de ter dito *New York Times*, *Le Monde* ou algo assim. – Tenho que fazer uma matéria *de capa* com vocês. A culpa não foi de Patrícia, eu é que.

Márcia chutou o poste outra vez. Um homem gritou:

– Epa, assim você me fode o cenário, gatinha.

Na bateria, o prato continuava retinindo. A japona do baixo arrancou um acorde estridente, que ficou rangendo no ar. Apoiada no teclado eletrônico, a gorda fumava com um risinho cínico. Estavam se divertindo, percebi.

Um dos homens bateu palmas:

– Como é que é, *rapazes* – e ninguém riu. – Agente não pode ficar aqui a vida inteira. Vocês querem ou não gravar esta merda?

Os olhos de *laser* de Márcia Felácio varreram o estúdio:

– O que você chama de *merda*, eu chamo de *arte*. Cada um vê apenas aquilo que é capaz de ver.

– Certo – desculpou-se o homem invisível. – Desculpa, eu não quis. Vamos gravar.

Patrícia apertou meu braço:

– Ela não é *bárbara*? – sussurrou.

Só se ouvia a batida da bateria entrecortada pelos uivos do baixo. Márcia baixou a cabeça, chutou devagar o poste torto e pegou a guitarra.

– Tudo bem – disse. – Esquece, dessa vez passa.

– Grá-vando! – o diretor gritou.

Márcia virou de costas, ergueu o braço direito, o indicador apontado para o teto. No pulso, um bracelete cheio de tachas. Márcia olhou para as outras Vaginas Dentatas, depois contou, batendo o pé no chão:

– *One, two, three!*

Um acorde horripilante da guitarra me fez imaginar uma daquelas enormes unhas escarlates de Teresinha O'Connor riscando de alto abaixo um quadro-negro. Márcia recomeçou a cantar.

Aquela voz de vidro moído, áspera e aguda, girando dentro de um liquidificador, nem feia nem desafinada, mas incômoda na maneira como ocupava espaço dentro do cérebro da gente, aquela voz que, independente do que cantasse, dava a impressão de sair do fundo de ruínas atômicas, não as ruínas falsificadas daquele cenário de papelão, mas as de Hiroshima, as de Köln, depois do bombardeio, escombros de alguma aldeia nos arredores duma usina nuclear, após a explosão, sobrevivente do fim de tudo, aquela voz de sereia radioativa – era a mesma que eu ouvira no rádio, enquanto tomava banho para ir ao jornal.

Passei a mão pela nuca, o arrepio não desapareceu. Porque não era apenas isso, eu suspeitava mais que sabia. Eu conhecia aquela música de outro lugar, outro tempo. Prestei atenção na letra.

Distorcida pelo arranjo que lembrava um vento radioativo soprando dentro de uma catedral gótica, acelerada, gemida e urrada, completamente diversa do tom sereno que tivera um dia, poluída pelos uivos contaminados da guitarra e as batidas imitando explosões longínquas, era um velho sucesso dos anos 40 ou 50. Para meu próprio espanto, lembrava a letra inteira.

Comecei a cantar junto, movendo os lábios sem som, eu não sabia cantar:

*Nada além,
nada além de uma ilusão.
Chega bem,
é demais para o meu coração.
Acreditando em tudo que o amor
mentindo sempre diz,
eu vou vivendo assim, feliz,
na ilusão de ser feliz.
Se o amor só nos causa
sofrimento e dor, é melhor,
bem melhor a ilusão do amor.
Eu não quero nem peço
para o meu coração
nada além de uma linda ilusão.*

Nada, nada além, Márcia repetia, quase sem se mover, afastando-se do poste apenas para abaixar-se, estendendo dramaticamente a mão para a frente, erguendo para o alto o rosto desfigurado pelos filtros mortíços das luzes. Fechando os olhos, vi novamente aquela poltrona verde. E mais nada, nada além, até começar a lembrar dos mesmos versos cantados

por outra voz. Uma voz de mulher, antiga, densa, pesada.

– Corta! – alguém gritou.

Então lembrei, num relâmpago: Dulce Veiga.

Dulce, Dulce Veiga também tinha gravado a mesma música. Há dez, quinze, vinte, quantos anos? O arrepio desceu da nuca para os meus braços, estranho feito uma premonição.

Dulce Veiga, eu disse para o escuro. O quê, Patrícia perguntou. Não respondi, as luzes acenderam. O diretor gritou:

– Cinco minutos, vamos fazer uns contra planos. Márcia saiu do meio das latas de lixo, veio andando para mim. De algum lugar, Patrícia fez surgir uma coca-cola com um canudinho, que estendeu para ela. Muito perto de mim, Márcia tirou a jaqueta. Não usava nada por baixo. Tinha seios pequenos, firmes, com dois bicos empinados como se estivesse excitada. Havia uma borboleta tatuada entre eles. Transformada em mucama, Patrícia começou a abaná-la com um leque de palha. Eu não conseguia desviar os olhos dos seios dela.

– Desculpa o escândalo – ela disse, a voz um pouco rouca. Os olhos eram mesmo verdes. – Não consigo me concentrar quando tem alguém estranho.

– Tudo bem – eu disse.

– Tudo bem – ela disse.

– Tudo bem – eu repeti.

– Tudo *uma maravilha* – disse a japonesa atrás de mim, passando a mão na minha bunda.

– Aquela música – eu disse. – Essa música que você cantou.

– Chama-se *Nada além*.

– Eu conheço.

– E daí? Todo mundo conhece. É um sucesso antigo do Orlando Silva, a gente só.

Eu perguntei de repente:

– Você conhece a gravação de Dulce Veiga?

Márcia fez o canudinho roncar, no último gole de coca-cola. Sem responder, estendeu a garrafa vazia para Patrícia. Num canto, as três Vaginas Dentatas acotovelavam-se ansiosas em torno do espelho nos joelhos de um baixinho. De onde estávamos dava para ouvir o rác-rác da gilete batendo no vidro. Senti um frio nos intestinos. Como uma estrela canastrona, Márcia jogou para cima a fumaça de um cigarro. Estendido assim, o longo pescoço tinha veias azuis quase invisíveis, pulsando. Lembrei de Lestat, o vampiro: ficaria doido. A japona chamou:

– Você não quer? Vem logo antes que essas piranhas cheirem tudo.

Márcia convidou:

– Quer uma carreira?

O baixinho passou o espelho, Patrícia estendeu uma nota enrolada para Márcia. Ela curvou-se. Quando ergueu a cabeça, seus olhos brilhavam ainda mais. Estendeu a nota para mim. Quase um palmo, na carreira generosa, me cabia o *i* do nome dela escrito no espelho. Metade na narina esquerda, metade na direita: aspirei, um arrepio no estômago. Ergui a cabeça, tornei a perguntar:

– Você conhece a gravação de Dulce Veiga?

Ela passou as costas da mão na ponta do nariz. Tive medo que se ferisse nas tachas da pulseira. Funguei, pequenos grãos amargos rolaram para o fundo da garganta: era do bom.

– Claro que conheço. Dulce Veiga era minha mãe.

– Como, *era*? Ela morreu?

Profundamente, Márcia estudava lá dentro dos meus olhos. Baixou a cabeça:

– Não, ela não morreu. Ela desapareceu um dia, de repente, faz muitos anos.

– Como, *desapareceu*? *Ninguém* some assim, sem mais.

Márcia mordeu os lábios com força, por muito tempo. Os dentes ficaram manchados de batom roxo. Parecia irritada.

– Desapareceu, porra – e estendeu uma das mãos fechadas até muito perto do meu rosto. Achei que ia me esbofetear, feito filme. Mas abriu a mão no ar, na ponta do meu nariz, estalando os lábios: *Puf!* Foi assim, sumiu, bem assim. Eu era quase um bebê. Foi há vinte anos.

Então, eu não disse. A poltrona verde, o quarto de paredes altas, o cinzeiro redondo, o fio de pérolas. E um bebê. Entre as ruínas dos edifícios, um dos câmeras começou a bater palmas:

– Vamos lá, minha gente. Tomem seus lugares.

Eu disse:

– Conheci a sua mãe.

Não sei se ela ouviu. Deu um beijo frio no meu rosto:

– Amanhã sem falta. Liga em casa, a gente combina a entrevista.

Mas, eu quis dizer. Eu precisava falar de Dulce Veiga. Dela, de mim, do tempo. Lentamente, de maneira estudada, Márcia começou a voltar para o cenário, enquanto vestia a jaqueta. No meio do caminho, voltou-se, os olhos lançando raios, puxou violentamente o zíper e gritou para todos ouvirem:

– Vê se dá o fora daqui. Não consigo trabalhar direito com esse cara me olhando.

O baixinho do espelho me empurrou para fora. Eu estava atordoado demais para reagir, me deixei levar. Para fora, para longe, para qualquer lugar, talvez lá onde estavam a poltrona verde, a seringa manchada de sangue, o berço no canto escuro. Não sei como tinha esquecido tudo aquilo, mas agora também não sabia o jeito certo, se havia um, de lembrar. Tantas coisas, tantos anos depois de Dulce Veiga. Antes de ser empurrado para fora, olhei para trás e ainda consegui ver Márcia mais uma vez. Estava em pé, de costas, ao lado do poste de luz, a guitarra atravessada no corpo, o braço direito levantado feito uma lança, a mão fechada,

apenas o dedo indicador apontando para o alto.

Então, eu não disse depois que aporta fechou, então eu também conheci você, *baby*.

6

Estava entardecendo. As nuvens rolavam pelo céu rasgado por alguns relâmpagos ao longe, nos lados da Cantareira. O vento arrastava latas vazias e folhas de jornal pela rua, janelas batiam, pessoas fechavam apressadas as portas das lojas, das casas, os homens cerravam com força as marquises metálicas das bancas de revistas. Um trovão explodiu distante, depois outro, mais perto. Um cão ganiu, depois uivou. Vai cair uma tempestade, pensei, e comecei a caminhar rápido em direção ao Ibirapuera, à procura de táxi ou ônibus, antes que as ruas ficassem alagadas, intransitáveis, a cidade em estado de calamidade, como em todas as tardes de verão.

Da sacada de um edifício, alguém gritou:

- *Eparrrê, eparrrê-i, Iansã!*

Foi nesse momento que a vi.

Numa das esquinas em frente ao parque, no meio da ventania, embaixo da quaresmeira coberta de flores roxas, estava parada Dulce Veiga. Toda vestida de vermelho, uma rosa branca aberta, presa na gola do casaco, a bolsa da mesma cor pendurada num dos braços cruzados, com luvas de cano curto brancas. Repartidos exatamente ao meio, cobrindo suas têmporas e as maçãs salientes do rosto, os cabelos louros e lisos caíam em duas pontas no espaço entre os lábios finos e o queixo um tanto orgulhoso, que ela erguia para olhar melhor na direção de onde eu vinha, sem sorrir nem fazer gesto algum. Soprados pelo vento, a única coisa que se movia no corpo dela eram os cabelos. Desnudavam ou cobriam seu rosto, esvoaçavam em torno dele, tão lisos que sempre acabavam por voltar à posição antiga depois que o vento passava. Estava ali parada, indiferente à ventania e às primeiras gotas esparsas de chuva. Concentrada, paciente. Como se depois de todos aqueles anos, esperasse por mim.

Quando alcancei a esquina oposta, esperando o sinal abrir, tão próximo que podia ver o fio de pérolas no seu pescoço, do outro lado da rua ela ergueu o braço direito, indicador estendido para o céu, num gesto igual ao de Márcia antes de começar a cantar. No mesmo instante, um raio de prata caiu entre as árvores do parque. Fechei os olhos, ofuscado. Ao abri-los, entre as brechas dos carros passando e a primeira saraivada fria de chuva na minha cara, Dulce Veiga não estava mais lá.

Talvez tivesse subido num carro, talvez tivesse entrado no parque, atravessado a rua correndo para entrar também no parque, atrás dela. A chuva ficava cada vez mais forte, mais gelada, e imaginei vê-la desaparecendo na curva da alameda, entre os bambus, os saltos demasiado altos dos sapatos vermelhos afundando na terra molhada. Gritei seu nome, que nem eu mesmo ouvi, abafado pelo rumor dos carros passando, da chuva transformada em granizo batendo e batendo contra a terra morna. Minha roupa estava encharcada, vou pegar um resfriado, pensei – e não, eu não podia, o jornal, a entrevista, a febre outra vez no apartamento vazio, as pontas dos dedos buscando sinais malditos no pescoço, na nuca, nas

virilhas. Procurei abrigo embaixo de uma árvore, sentei no chão, abracei os joelhos. Encolhido feito um cão com medo dos trovões, fiquei olhando a queda oblíqua das pequenas pedras de gelo. A terra molhada exalava um cheiro penetrante, secreto, íntimo como de sexo ou sono. Encostei a testa fria nas pernas, tornei a fechar os olhos.

7

A primeira vez que vi Dulce Veiga, e foram apenas duas, ela estava sentada numa poltrona de veludo verde. Uma bergère, mas naquele tempo eu nem sabia que se chamava assim. Sabia tão pouco de tudo que, na época, quando tentei descrevê-la depois na mente e no papel, disse que era uma dessas poltronas clássicas, de espaldar alto e assim como duas abas salientes na altura da cabeça de quem senta. Por alguma razão, até hoje, ao pensar nela penso também inevitavelmente num filme qualquer, em preto-e-branco, da década de 40 ou começo dos 50.

Dulce tinha a cabeça jogada para trás, afundada entre aquelas abas. Comove não me visse, comove eu não estivesse lá. Parado sob o arco que dividia em duas salas de paredes altas onde estávamos os dois, eu podia ver apenas sua garganta muito branca, um fio de pérolas brilhando contra a pele. Na peça escurecida, provavelmente era quase noite e, além disso, as cortinas permaneciam sempre cerradas, eu saberia depois, sem que ninguém contasse, as sombras caídas sobre a poltrona e seus cabelos louros não permitiam que eu visse o rosto dela. Percebia somente suas mãos longas, magras, unhas pintadas de vermelho, destacadas como um recorte móvel na penumbra azulada do entardecer. Numa das mãos, agitava lenta um cálice de conhaque. A outra segurava um cigarro aceso.

Dulce Veiga só bebia conhaque, dizia que para amaciar a voz. Mas como fumava sem parar, principalmente quando bebia conhaque, e isso era muito freqüente, não acredito hoje que a razão fosse mesmo essa. Naquela época, quando eu a conheci, costumava acreditar em tudo que me diziam. Eu era muito jovem, tinha vinte anos e a segurança absoluta da eterna juventude, como um pequeno vampiro ou semideus.

Não estou absolutamente seguro que, de algum lugar no interior do apartamento, viessem os acordes iniciais de Crazy, he calls me, na gravação de Billie Holiday, e poderia ser também Glad to be unhappy, Sophisticated lady ou qualquer outra dessas canções roucas, gemidos. Naquele tempo eu não as conhecia, mas estou certo de que nessa ou na outra vez perguntei quem era e ela disse que era Billie, e eu anotei, tão aplicado. Tudo isso que agora parece clichê banal, naquele tempo – repito e não me canso, porque é belo e mágico na sua melancolia: naquele tempo – tudo era novo, eu nem suspeitava das marcas pelo caminho. Afirmo que havia música, sem medo de mentir, poli mesmo que não houvesse nada e o silêncio do apartamento fosse cortado apenas pelo ruído dos carros na Avenida São João, lá embaixo – mesmo que não, que nada e nunca, repito: seria tão perfeito se fosse exatamente assim como penso que lembro, tantos anos depois, que ficou como se tivesse sido.

Logo que entrei na sala, não a vi. Mas devo ter sentido a presença de alguém, algo como uma respiração arfante, um perfume adocicado de jasmim, dama-da-noite, manacá ou

outra dessas flores assim antigas, excessivamente perfumadas. Fiquei parado no escuro, até começar a perceber algumas formas mais definidas pelos cantos. Atrás da poltrona, o berço coberto pelo pano indiano, depois a mesa de tampo redondo de mármore sobre a qual havia alguns objetos que, nesse primeiro momento, nesse primeiro dia, não prestei atenção. Olhava só para ela.

Quando meus olhos acostumaram-se à luz escassa pude vê-la inteira, sentada naquela poltrona de veludo verde, pernas cruzadas, vestida toda de preto. Ela usava sempre no máximo duas cores, mas isso, como tantas outras coisas, eu só saberia depois. A brasa de seu cigarro subia e descia no escuro, às vezes mais viva, quando ela tragava. Devo – e digo devo porque sou incapaz de lembrar exatamente dos gestos que fiz, das coisas que disse e ou pensei – ter feito um movimento para acender a luz na sala de paredes altas. Pois, disso estou certo, de repente uma voz densa, uma voz que só inúmeros conhaques, cigarros e cafés poderiam ter deixado assim, uma voz de veludo verde, espesso como o da poltrona, brotou no meio das sombras para pedir, numa lamúria:

– Não acenda, por favor. Está bem assim.

Creio que apertei o gravador contra o peito. Eu era muito magro, eu tinha acho que até menos de vinte anos, e tantas ilusões. Creio que perguntei se podíamos começar entrevista, e ela disse que sim, ou não disse nada durante algum tempo, não lembro. Mas tenho certeza que, antes de levantar o rosto, estendeu a mão para depositar o cálice de conhaque sobre a mesa de mármore, depois apanhou uma caixinha preta, redonda, abriu a tampa com um estalido seco e equilibrou nela o cigarro. Só então Dulce Veiga ergueu para mim o rosto de maçãs salientes, os olhos verdes, e pude ver seus cabelos lisos, louros, finos, repartidos ao meio com exatidão milimétrica, caindo em duas pontas no espaço entre os lábios finos e o queixo um tanto orgulhoso. Não sei se foi dessa vez que o bebê chorou, e ela levantou apoiando-se no braço gasto da poltrona, para embalar devagarinho o berço. Isso não combinava com ela, e sei que não sei ao certo por que minha memória guardou-a inteiramente imóvel olhando direto meus olhos no momento em que disse com um suspiro: – Está certo, podemos começar.

8

Era quase noite quando parou de chover. Nos lados de Pinheiros, o céu tinha tons púrpura no alto, depois diluídos lentamente até o laranja, então mais intensos, luminosos, dourado perto do horizonte que a gente nunca via. Atravessei devagar o parque deserto enquanto ouvia ao longe as sirenes das ambulâncias, carros de polícia e bombeiros, dei a volta pelo lago onde um barco solitário me fez lembrar, outra vez, aquela palavra que eu não sabia ao certo o significado. Pentimento, repeti: pentimento, um sentimento com pena. A roupa molhada secava contra o corpo, água de chuva e suor.

Quase na Avenida Brasil, olhei para trás de repente, num impulso, como se alguém chamasse meu nome, mas não havia ninguém mais no parque e então, erguendo a cabeça para o céu, para os lados de Interlagos, vi um arco-íris. Um arco-íris esmaecido, meio invisível, precisei fixar os olhos, apertá-los um pouco para ver melhor o lilás e o azul quase

perdidos na noite que começava a descer, apenas o verde e o amarelo mais nítidos, como uma bandeira. Podia fazer um pedido, lembrei, mas não acreditava mais nisso. Voltei as costas para seguir em frente.

Ergui a cabeça para as manchas cada vez mais douradas do crepúsculo, e foi nesse momento que a vi, incendiada de prata, um pouco acima da faixa violeta sobre os edifícios mais altos, a primeira estrela, devia ser Vênus. *Primeira estrela que vejo*, lembrei, *realiza o meu desejo*, pulávamos amarelinha riscada com pedaços de tijolo pelas calçadas do Passo da Guanxuma, eu sempre queimava o limite do céu na hora de dar o giro de costas, num salto, olhos fechados, sete vezes repetir, olhos abertos presos na estrela até fazer o último pedido, depois não olhar mais para cima. Parado entre quatro esquinas, a primeira estrela à minha esquerda, o arco-íris à direita, de frente para a cidade, de costas para o parque, respirei fundo o ar lavado pela chuva e pedi. Pedi sete vezes em voz alta, não havia ninguém por perto para olhar e talvez rir, um homem não muito jovem, todo molhado, falando sozinho, pedindo não sabia o quê.

Força e fé, que tinha perdido, eu pedi.

9

Não havia ônibus nas ruas alagadas, os táxis passavam cheios, jogando água barrenta nas pessoas amontoadas, à espera de condução. Resolvi andar até em casa, mas antes entrei num bar, pedi um conhaque. O rádio falava do temporal, favelas desabadas, carros levados pela enxurrada, congestionamento, um edifício evacuado, não seria impossível que fosse o meu.

Um homem de muletas ofereceu a borboleta, últimos bilhetes, na cabeça, moço. Mas não tenho sorte, eu disse, e o homem falou nunca diga isso, tem que arriscar, um dia quem sabe. Falei que fosse andando, peguei o copo opaco, cheiro de pano molhado, bebi de uma só vez. Bateu no estômago e na cabeça ao mesmo tempo, um fio de fogo ligou os dois na altura do peito, depois desceu para as pernas, espalhou-se pelos braços.

Esfreguei as mãos com força. Do rádio saíam os primeiros acordes da *Voz do Brasil*. Alguém disse um palavrão, o caixa desligou. Paguei, acendi um cigarro e comecei a atravessar a cidade.

10

Era um edifício doente, contaminado, quase terminal. Mas continuava no mesmo lugar, ainda não tinha desmoronado. Embora, a julgar pelas rachaduras no concreto, pelas falhas cada vez mais largas no revestimento de pastilhas de cor indefinida, como feridas espalhando-se aos poucos sobre a pele, isso fosse apenas uma questão de meses.

Velha e querida espelunca, pensei com certo carinho, esse tipo de carinho por um cachorro velho, cego e sarnento, enquanto passava a mão na eterna placa de *en conserto*

pendurada pelos porteiros nordestinos na porta do elevador quebrado.

Novamente subi pelas escadas meio alagadas, que sempre me faziam lembrar de um hospital onde nunca estivera. Um hospital em quarentena, isolado por alguma peste desconhecida e mortal, no coração da Rodésia: Karen Blixen traria víveres, vacinas. Eu fizera aquilo tantas vezes que, mesmo fechando os olhos, sem contar os degraus, só pelos cheiros e ruídos dos corredores, podia identificar cada um dos andares. No primeiro, cebola frita, feijão, mijo de gato, moravam as velhinhas tão idênticas com suas saias pretas e guarda-chuvas que eu nunca soubera quantas seriam, mas no mínimo uma meia dúzia, e aqueles diálogos das telenovelas que assistiam sem parar.

– *Leda, você não tem o direito de fazer isso comigo. Afinal, são sete anos. Sete anos, mais que de amor, de devoção!*

– *Amor? Você diz... amor? Só se for para você, Rogério. Porque para mim, para mim foram sete anos de prisão e amargura.*

– *Então quero saber a verdade, Leda. Por mais insuportável que seja. Olha nos meus olhos e responde, se ainda te resta alguma dignidade. Você... você tem outro homem?*

Não ouvi a resposta de Leda. A nefasta verdade. Ou a câmera parada num rosto impenetrável, narinas frementes: cenas do próximo capítulo.

No segundo andar, afundei naquele cheiro de suor de academia de ginástica, água de colônia barata e preservativos usados. O apartamento dos dois rapazes argentinos que faziam musculação, halteres e, eu suspeitava, também michê pelos jornais. Do meu apartamento podia ouvir um dos dois sair correndo quase sempre depois que o telefone tocava, naqueles dias exatos – eu cuidara no jornal – em que os classificados de massagens ofereciam os prazeres de "Stallone, argentino atlético superdotado para homens e mulheres insaciáveis". Aos domingos, quando deviam sentir banzo da Calle Florida e não havia clientes, pela janela aberta era possível ouvir a voz de Carlos Gardel, *nostalgias de sentir junto a mi boca como un fuego tu respiración*. Gardel agora estava calado, substituído pelos gemidos de algum vídeo pornô entrecortado por exclamações quase incompreensíveis além de um *coño* ou *mira que conchuda, hombre*.

Há mais de ano, desde que Lídia me passara o apartamento antes de fugir para o interior de Minas Gerais, nada daquilo era surpresa. Dependendo do humor de cada dia, podia soar folclórico, bizarro, sórdido, deprimente. Às vezes Pedro Almodóvar, às vezes Manuel Puig. Mas naquela noite eu estava exausto demais para achar qualquer coisa.

Parecia pior, parecia real.

Meu andar cheirava sempre a defumação. Não aquela das varetas indianas compradas em entrepostos naturais, mas outra mais espessa e barata, tabletes coloridos das lojas da Praça da Sé. De qualquer forma, perfumado. Cheiro de igreja. Místico, enjoativo. Pelas frestas da porta do apartamento ao lado, principalmente às sextas-feiras, escapavam colunas acinzentadas de fumaça doce, transformando o corredor num túnel nevoento, litúrgico. Era o apartamento de minha vizinha Jandira. Tentei pisar mais leve, para que não abrisse a porta puxando conversa. Foi inútil.

Eu enfiava a chave na porta quando ouvi a voz dela:

– Você viu o Jacyr por aí?

Jacyr – ela gostava de contar que o filho chamava-se assim porque, num ato de amor, fundira num só o nome dela com o do ex-marido-Moacyr-aquele-cafajeste – era um garoto magro, esganiçado, de uns treze anos, que às vezes fazia faxina para mim, ia ao correio, ao banco, ou ficava numa esquina da Augusta distribuindo volantes sobre "os estarrecedores poderes telúricos de Jandira de Xangô". Desde que, por insistência de Lídia, eu escrevera o texto dos tais volantes, Jandira decidiu que eu era uma-flor-de-moço e estava sempre tentando me ajudar.

Eu disse que não tinha visto ninguém, e me volvei para ela. Era uma mulata clara, pouco mais de trinta anos, cintura muito fina, bunda imensa, dentes magníficos. Usava um turbante prateado, argolas enormes nas orelhas. Não parecia muito preocupada.

– Ele saiu antes da chuva, Iansã anda furiosa. Não voltou até agora – ela olhou para mim mais atenta, e meio vesga, como sempre ficava quando começava a ver coisas:

– Você está diferente, o que aconteceu?

– Arrumei emprego – eu disse.

Ela bateu palmas, ergueu as mãos para o alto, saudando:

– *Kaô kabiesile* meu pai! Graças a Deus, pedi tanto a Xangô. Você vai ver como agora vai surgir justiça na sua vida, meu filho. Daqui para a frente, Xangô há de prover todas as suas necessidades.

Pensei que, se aquele emprego no *Diário da Cidade* era justo, Xangô devia andar bebendo demais. Mas não disse nada. Virei a chave, comecei a abrir a porta. Embaixo dela, no chão, havia uma carta, o envelope debruado de verde e amarelo. Podia ser, tive saudade, esperança e duvidei, podia ser de Pedro. Fiquei ansioso para pegá-la, mas Jandira não parava de falar, querendo saber tudo sobre o tal emprego.

– Trabalhei demais – menti. – Estou cansado.

Fui entrando, a carta palpitava no chão. Ela me deteve:

– Me procura amanhã. Você precisa jogar os búzios, Oxum está pedindo.

Falei que tudo bem, não pretendia ir. Fora uma vez, Lídia não ia ao supermercado sem consultar Jandira, o oráculo da porta ao lado. Eu ficara decepcionado, ela não disse quase nada daquelas coisas todas sobre maravilhas do futuro, você vai ser convidado para uma festa, vai conhecer uma pessoa que. Só mandara tomar banhos com umas ervas, que não tomei, as feiras fechavam quando eu estava acordando. Cartas, santos, números, astros: eu queria afastar completamente todas essas coisas da minha vida. Queria o real, um real sem nada por trás além dele mesmo. Apenas mais fundo, mais indisfarçável, sem nenhum sentido outro que não aquele que se pudesse ver, tocar e cheirar como os cheiros, mesmo nauseantes, mas verdadeiros, dos corredores do edifício. Eu estava farto do invisível.

Antes de entrar, perguntei:

– E o Jacyr?

Jandira sacudiu os ombros:

– Quando Oxumaré quiser, ele aparece. Qualquer coisa, eu disse, qualquer coisa me

chama.

Peguei a carta no chão, olhei o remetente. Era Lúdia, provavelmente falando outra vez de todas aquelas igrejas coloniais, paredes brancas, portas e janelas azul-marinho, montanhas e vacas de Diamantina, Sabará ou Mariana. De como finalmente ela tinha descoberto a paz & o equilíbrio & do quanto estava feliz por cair fora de São Paulo & o que afinal eu continuava procurando nesta cidade poluída, maligna & amaldiçoada? O real, respondi mentalmente. Deixei o envelope em cima da mesa, sem abrir. Aquelas cartas me faziam mal.

Tudo me fazia mal, olhei em volta.

Nas paredes que eu limpava de todos os vestígios de Lúdia – Che Guevara, John Lennon, Charles Chaplin – havia apenas um pôster gigantesco, quase dois metros de largura. Cercado por uma moldura preta cheia de furos brancos, como um fotograma, estava uma faixa de areia amarela mergulhando num mar quase verde. Ao longe, do outro lado do que provavelmente era uma baía, algumas montanhas rasas. Tudo árido, nada tropical. Em primeiro plano, contra as montanhas e o mar, em pé na areia, uma mulher usando um antiquado maiô duas peças, mãos cruzadas atrás da cabeça. A mulher era um tanto gorda, cintura grossa, pernas curtas. Usava *raybans* gatinho, como os de Patrícia. Embaixo dela, sobre a borda inferior do fotograma, estava escrito *Leben ist nicht aufregend, dieses Leben?*, que alguém me dissera em Berlim que significava "não é excitante esta vida?" ou algo assim. Era absolutamente tolo, quase sempre me dava vontade de rir. E era tão raro rir que repeti:

– Não é excitante viver?

Ainda não tinha me acostumado à ausência da secretária eletrônica, então olhei para o telefone sem nenhuma máquina embaixo dele, nenhuma luzinha vermelha piscando para mim. Era sempre assim, depois que eu a vendera: entrava, olhava a alemã opulenta e tinha vontade de rir, depois olhava o telefone e tinha vontade de chorar. Alguém pensara em mim, e eu ausente, que pena, deixa teu recado depois do sinal. A estante torta de livros, quase todos de poesia, a máquina de escrever empoeirada, o fogão na quitinete, a geladeira vazia. Nem microondas, computador, máquina de lavar, freezer, fax, enceradeira, vídeo, aspirador, *disc-laser*, centrífuga.

Eu era artesanal, pré-eletrônico: duro. Estava pensando em sair para comer alguma coisa naquela cidade enlameada quando bateram na porta. Era Jandira, um copo de leite e uma fatia de bolo num prato. Sobre os dois, um guardanapo branco muito limpo. Estendi a mão, perguntei:

– Nada do Jacyr?

– Não se preocupe com ele. O Jacyr sabe se virar. Come isso, você anda muito magro, meu filho.

Dei um beijo nela. Sempre cheirava a arruda.

– Fica com Deus – ela disse.

Amém Jesus, eu devia dizer. Mas não disse nada.

Fechei a porta. Tirei toda a roupa, joguei no meio da sala, depois me estendi no sofá embaixo da janela. Pensei em ligar o rádio, mas não suportaria ouvir a voz de Márcia cantando, sempre era um risco, ligar a tevê ou abrir um livro, mas sabia que não conseguiria

prestar atenção em nada, desventuras de Rogério e Leda, buracos na camada de ozônio, vulcões em Java, terremotos na Mongólia. Pensei em sair para um cinema, mas já tinha visto todos os filmes da cidade, inclusive aqueles de férias, em que adolescentes esquizóides de repente viram o ídolo do colégio e conquistam a rainha da torcida, em beber outro conhaque, dez conhaques, mas não havia nenhuma bebida em casa, em ligar para alguém, onde andaria Regina, mas eu sumira há tantos meses que teria que dar explicações e contar e ouvir coisas como por onde você anda o que você está fazendo, e não – eu não queria mesmo nada além de ficar ali, exausto e nu, jogado no sofá molhado pela chuva.

Toquei o pescoço, no lado direito. Inaparentes, rolavam sob as pontas dos dedos.

Apaguei a luz, e enquanto comia o bolo de Jandira, no escuro iluminado apenas pelos reflexos do neon da funerária do outro lado da rua, sem querer pensar em nada do que tinha acontecido, lembrei vagamente que havia mais alguém no apartamento da São João, naquele dia, quando pela primeira vez vi Dulce Veiga, e logo depois, ou ao mesmo tempo, um pouco excitado, equilibrei sobre a barriga o copo de leite, para lembrar também da borboleta entre os seios pequenos de Márcia, mas os seios dela confundiam-se com os peitos musculosos do argentino que eu vira um dia no corredor, e no meio da gritaria dos travestis lá embaixo entrando pela janela aberta junto com nuvens de mosquitos, antes de dormir, pela terceira vez naquele dia, entre farelos, pensei outra vez em Pedro.

II

Terça-feira

The Hard Core Of Beauty

Por trás das lentes escuras dos óculos, contra a luminosidade do sol das duas da tarde, enquadrada pelo retângulo da porta do edifício, cortada pelo reflexo na lataria dos automóveis lá fora, do fundo do corredor onde eu estava pensei primeiro que a silhueta era de mulher. Alguma freguesa dos búzios de Jandira, terça era dia de jogo, querendo amarrar marido. Ou cliente dos rapazes do segundo andar, embora jovem demais para pagar homem. Eu estava enganado.

Botas brancas até o joelho, minissaia de couro, cabelos presos no alto da cabeça, pulseiras tilintando, a maquiagem de prostituta borrada como se tivesse dormido sem lavar o rosto ou pintado a cara sem espelho – era Jacyr.

– Oi – cumprimentou. E depois, agressivo: – Que que foi, bofe, nunca me viu?

Eu disse:

– A sua mãe está preocupada. Você sumiu, Jacyr.

Jogou a cabeça para trás. Tinha uma mancha roxa no pescoço.

– Que se dane. E não me chama mais de Jacyr, agora sou Jacyra.

Em vez de suspirar, peguei um cigarro.

– Me dá um.

– Você só tem treze anos.

Tentei guardar o maço, mas ele arrancou-o da minha mão. Quando se curvou para que eu acendesse, e acendi, duas sacolas carregadas da feira, uma das velhinhas passou por trás dele sem cumprimentar.

– Catorze – Jacyr corrigiu. Ergueu a cabeça, os olhos de pupilas dilatadas cobertos de sombra azul, soltou uma nuvem de fumaça na minha cara, bafo de maconha e cerveja, devolveu os cigarros e gritou para a velhinha: – Horrrosa. Vai cuidar da tua vida, jaburu!

Mais respeito, eu quis dizer. Afinal, velhinhas. Um alarme de automóvel disparou lá fora, eu não queria começar aquele dia com outra dor de cabeça.

– Tenho que andar. Estou atrasado.

Quase na porta do edifício, Jacyr me chamou. Olhei para ele, para ela. Estava parado na curva da escada, uma das mãos na cintura, a outra segurando o cigarro na altura dos seios falsos. Parecia Jodie Foster em *Taxi driver*, versão mulata. Gritou, a voz ainda mais esganiçada:

– Você não quer faxina hoje? Preciso levantar uma grana.

– Amanhã – eu disse sem pensar.

Quando me arrependi, era tarde demais. Jacyr já tinha desaparecido na curva das escadas. Antes de sair para a rua, fiquei um instante parado na porta do edifício. Mesmo com o alarme enlouquecido do automóvel, dava perfeitamente para ouvir o salto das botas brancas batendo decidido contra os degraus de cimento.

Na redação quase vazia, antes que ele cobrasse a matéria, eu disse:

– Castilhos, você lembra de Dulce Veiga?

– Dulce o quê? – ele rabiscava frenético uma lauda com caneta vermelha.

Repeti:

– Veiga. Dulce Veiga, a cantora.

Como se fosse um cigarro, Castilhos levou a caneta até a boca. E só depois de ter chupado distraído a tampa, olhando para mim por cima dos óculos na ponta do nariz, foi que pareceu compreender. Então depositou a caneta ao lado daquele cinzeiro das mãos unidas, pegou um cigarro e apertou-o entre os lábios. Tentou acendê-lo, não acontecia nada. Fez uma careta, eu avisei:

– O filtro.

– Hein?

– O filtro, você está acendendo o cigarro do lado errado. Aquilo nunca tinha acontecido antes. Até no escuro, com os olhos vendados e mãos amarradas, Castilhos sempre saberia encontrar cigarros no meio do caos daquela mesa, depois levá-los à boca sem desviar a atenção do que fazia para acendê-los rápido, certo. Era uma espécie de faixa-preta do tabagismo. O telefone tocou, mas em vez de atender ele tirou-o do gancho e ficou assim, o cigarro aceso do lado errado numa das mãos, o telefone na outra, olhando para mim como se eu tivesse acabado de dizer que queria cobrir a descida de extraterrestres na Avenida Paulista. Chamei:

– Castilhos.

Sem largar o telefone nem o cigarro, em voz baixa, lenta, ele recitou:

– *"The most marvelous is not
the beauty, deep as that is,
but the classic attempt
at beauty,
at the swamp's center."*

Olhava para trás de mim tão fixamente que cheguei a me voltar. Mas não havia mais ninguém na redação além de nós dois e Teresinha O'Connor, pendurada no telefone. Eu não tinha a menor idéia de quem seria o autor daqueles versos. E desta vez, não parecia um teste. Soava mais como uma epígrafe. Ou epitáfio. Insisti:

– Você lembra de Dulce Veiga?

– Diga de novo – ele pediu, ele estava estranho. – Diga de novo para mim, bem devagar.

– Dulce Veiga, Castilhos, você lembra? A tal Márcia Felácio, das Vaginas Dentatas, é filha de Dulce Veiga.

Ele esmagou o cigarro. Não acendeu outro.

– E onde ela anda? Baixei os olhos, culpado:

– Ensaando, gravando, aquelas coisas. Lançamento de disco, você sabe. Fiquei de ligar hoje. As Vaginas Dentatas não são fáceis. Amanhã sem falta entrego a matéria.

Castilhos bateu o fone no gancho com tanta força que duas pontas de cigarros desequilibraram-se da mesa e caíram ao chão. Apaguei com a ponta do pé.

– Não, idiota. Dulce, onde está Dulce Veiga?

– E eu sei lá? Segundo a filha, ela desapareceu faz uns vinte anos.

– Vinte, vinte anos – ele suspirou entrecortado, como se doesse. Passou a mão pelo cabelo escasso, quase todo grisalho, caindo abaixo das orelhas em pequenos caracóis enrolados no colarinho não muito limpo de camisa branca. Sua voz era inconsolável: – Vinte, vinte anos.

Eu estava irritado com aquela cena em câmera lenta & *closes* nos olhos reminiscentes.

– Você lembra dela?

Na minha direção, por sobre a mesa, ele estendeu as duas mãos abertas, num gesto de quem tenta segurar alguma coisa no ar. As palmas rosadas voltadas para cima, quietas como se esperassem que uma borboleta – e pensei nos seios de Márcia, no vendedor de bilhetes de loteria – pousasse nelas para então fechá-las cuidadoso e repentino, uma contra a outra, a borboleta presa no oco das duas mãos fechadas. Transpiravam, as palmas rosadas das mãos frágeis de Castilhos.

Ele tirou os óculos. Naquele tom monocórdico em que dizia os poemas, falou:

– E você acha que eu poderia esquecer? Logo ela, Dulce Veiga, a melhor de todas. A mais elegante, a mais dramática, a mais misteriosa e abençoada com aquela voz rouca que conseguia dar forma a qualquer sentimento, desde que fosse profundo. E doloroso, Dulce cantava a dor de estar vivo e não haver remédio nenhum para isso. E era linda, tão linda. Não só a voz, mas a maneira como se debruçava sobre o piano com um cálice de dry-martini na mão, mexia lenta a azeitona e pegava devagar o microfone com a outra. Não, por favor, não pense nenhuma vulgaridade. Como se colhesse uma rosa para depositar no altar de um deus cruel, assim ela pegava o microfone para cantar. Como quem aceita um dom que implica em outras desventuras, assim ela cantava. Não havia sexualidade explícita em Dulce Veiga, mas qualquer coisa como a lamentação da existência dessa sexualidade. Tudo que cantava era como se pedisse perdão por ter sentimentos e desejos. Uma parte dela estava no centro disso, chafurdando no lodo da paixão. A outra era uma deusa fria, longe de toda essa lamentável lama do humano buscando prazeres. Aquele rosto parecia esculpido em mármore branco, tão inatingível... Você pode achar que estou exagerando, mas todos que a viram um dia, e houve um tempo em que, embora não fôssemos muitos, éramos um clube fechado, uma legião, uma seita de fanáticos aos pés de Dulce Veiga. Nunca houve nenhuma outra como ela, nem vai haver. Você pode achar que estou exagerando, mas quem teve o privilégio de vê-la um dia, uma hora, cinco minutos que fossem, sabe muito bem que.

– Eu tive – interrompi.

Os olhos dele brilharam. Devia ter sido um homem bonito, eu vi, desses que recitam poemas depois do terceiro uísque. Castilhos fixou em mim seus olhos úmidos, as longas pestanas acariciaram as bolsas inchadas de álcool, cigarros e tempo.

– Você é muito jovem, rapaz.

– Não tanto quanto você pensa. Ou quanto eu gostaria. Ele tornou a colocar os óculos:

– Você a conheceu?

Lembrar, tão perigoso. Mas tentei:

– Eu não tinha nem vinte anos. Acho que foi a primeira entrevista que fiz na vida. Para a *Bonita*.

Ele riu. Dentes manchados, mas verdadeiros.

– *Bonita* – repetiu –, a revista da mulher idem. Faz tanto tempo, era divertido.

Eu disse:

– Estive duas vezes no apartamento dela.

Ele gemeu:

– Onde andaré Dulce Veiga?

E bateu com força as palmas das mãos. A borboleta, pensei, ele esmagou a borboleta.

– A entrevista – gaguejei.

Castilhos acariciou os chifres do boi de cerâmica. Mas eu não tinha entendido. Ele acendeu um cigarro, do lado certo:

– Esqueça a entrevista, você faz amanhã. Depois, quando der, não importa. Agora senta e escreve.

– Mas escrever o quê?

– Uma crônica. Você vai escrever uma crônica, *oquei*?

Ele ergueu a mão, desenhou as letras no ar com a fumaça do cigarro: – "*Onde andaré Dulce Veiga?*": vai se chamar assim. Quero isso sem falta aqui na minha mesa às seis da tarde.

Afundou a cabeça na mesa, voltou a rabiscar a lauda com a caneta vermelha. Do fundo da redação chegou a voz estridente de Teresinha: "Mas não me diga, logo ela, que perua!". Castilhos estava absorto em circundar o último parágrafo com letra vermelha, puxando-o com uma seta para o início da lauda.

– Cretinos – rosnou. – Colocam sempre o *lead* no fim da matéria, que se há de fazer? – E no mesmo tom, me olhando atravessado: – São sessenta linhas cheias.

Olhei desamparado para a mesa de Teresinha. Ela abanou, sem largar o telefone.

– Pede ao Pai Tomás uma pasta no arquivo. Deve ter fotos dela.

Comecei a rastejar em direção à mesa de Teresinha.

Maldita, maldita hora em que fora falar no nome de Dulce Veiga para despertar as

memórias místico-artístico-Ubidinais do editor-chefe. Eu nunca tinha escrito uma crônica na minha vida, e havia aquela zona de sombra que ainda não conseguira iluminar: alguém, havia mais alguém no apartamento de Dulce, naquele dia, no outro, não sei. Perdido no meio da redação, ergui a cabeça para um dos ventiladores. Ar, pensei. Terra não havia sob meus pés, aquele horrendo carpete amarronzado pelo tempo, fogo só nas brasas dos cigarros de Castilhos, e água viscosa escorrendo na palma das minhas mãos.

Quando consegui começar a me mexer, ele chamou. Estendeu um disco:

– Chegou para você – disse. Piscou um olho, e acrescentou: – A beleza no meio do pântano, o poema. William Carlos Williams: *The hard core of beauty*.

Peguei o disco. Isso sim, fazia sentido: *hard, hard core*.

13

O disco chamava-se *Armagedon*. Isso não me espantou, nem o fato de ter sido enviado tão rápido. Afinal, astrologias à parte, Patrícia devia ser uma excelente divulgadora. O que eu não contava era com a dedicatória escrita na capa, sobre o rosto de Márcia. Um rosto pálido, andrógino, mutante, só os olhos verdes coloridos em primeiro plano, contra o resto do grupo jogado num areai desértico, em preto-e-branco.

Com tinta roxa, numa letrinha miúda que absolutamente não combinava com ela, estava escrito: "*Qual o caminho para a morada da luz, e em que lugar encontram-se as trevas?* (Jó: 38, 19)". E logo abaixo: "Pelo nosso encontro". A assinatura era *Márcia F.* F de feroz, pensei, de foda, felicidade, falsidade – e tantas coisas mais. Estava começando a ler o nome das músicas na contracapa, quase todas composições dela, algumas letras de Patrícia – devia ser a mesma, uma tal Patrícia Woolf – outras de um certo Ícaro, com títulos tipo *Batalha final*, *Amor atômico* ou *Césio 90*, quando Teresinha me chamou:

– No segundo dia, já ganhando presentinhos, hein? Para me mandarem alguma coisa, preciso prometer mil notas.

"Um desejo sincero é sempre concretizado", li no calendário Seicho-No-Ie atrás dela.

– É uma matéria que estou fazendo. Ela espiou o disco:

– Márcia Felácio e as Vaginas Dentatas. Já ouvi no rádio. Interessante, mas barulhento demais. Prefiro Charles Aznavour, sabe? – Cantarolou com sotaque péssimo: – "*Que c'est triste Venice, le temps des amours morts*". Hoje estou tão fraca de notas, um horror. No verão não acontece nada. A única novidade é a última plástica de Lilian Lara. Imagina, novidade: a perua já deve ter feito mais de trinta.

Lilian Lara era uma famosa atriz de telenovelas, dessas louras de idade indefinida entre os trinta e os sessenta. Às vezes via fotos dela nas capas daquelas revistas que jamais compraria, ou ouvia sua voz melosa saindo da televisão das velhinhas do primeiro andar. Enfiei uma lauda na máquina, uma velha Facit pesada como um trator. Não tinha nada na cabeça, mas precisava fingir alguma ocupação para que Teresinha me deixasse em paz.

– Você não tem nenhuma nota para mim?

Eu ia dizer que não, mas lembrei:

– Você já ouviu falar em Dulce Veiga?

Ela piscou. Os cílios respingavam pontinhos pretos de rimei em volta dos olhos.

– Você quer dizer *Edith Veiga*?

– Não: Dulce, Dulce Veiga. Uma cantora, mais ou menos da mesma época.

Enquanto fazia um esforço para lembrar, o tempo parecia desabar sobre o rosto dela. As rugas espalharam-se pela testa até a raiz mais escura dos cabelos oxigenados. Da sua mesa, Castilhos olhou para nós, fiscalizando. Eu precisava trabalhar.

– Claro – ela disse subitamente. – Nossa, quanto tempo. Ela era muito chique, que fim levou?

– Ninguém sabe. Essa cantora, Márcia, é filha dela. Teresinha bateu na testa:

– Que *fantástico*. Já tenho até um título sensacional: "Filha de peixe" e reticências. Conta mais.

Contei o que sabia, isto é: quase nada. Foi suficiente. O telefone tocou, ela atendeu, e eu fiquei sozinho com a folha em branco e a máquina de escrever.

Escrever o quê? Tinha decidido apenas não revelar que Márcia era filha de Dulce Veiga, isso era assunto para Teresinha. E tudo o que eu lembrava era tão vago, quase incontável. Datilografei um inevitável *qwertyuiop*. Amassei a lauda, joguei no lixo. Acendi um cigarro. Passei a ponta dos dedos pelo rosto de Márcia na capa do disco, o tal caminho para a morada da luz, onde estaria? Ela usava uma gargantilha de couro negro, cheia de tachas pontiagudas. A foto era cortada na altura do peito, pouco acima de uma das asas da borboleta.

Mais de três da tarde, o pessoal da redação começava a chegar. De longe, o rapaz de preto e cabelos arrepiados de gel cumprimentou com a cabeça. Estiquei os músculos do rosto & etc. Pai Tomás não andava por perto para pedir a pasta, eu não me atrevia a gritar por ele, todos olhariam para mim, as palmas das mãos suavam, eu queria ser invisível. Acendi outro cigarro. Le-tár-gi-co, assim eu andava, a-pá-ti-co, co-le-óp-te-ro. Por trás dos vidros, as nuvens amontoavam-se no céu cinzento, ia chover outra vez. Levantei para tomar café. Fraco demais, copo de plástico, excesso de açúcar.

"Mais que de ti", lembrei, "mais que de ti, lembro dos teus sapatos amarelos." Há mais de dez anos aquele verso - seria um verso? – rondava na minha cabeça. Só isso, nunca soubera o que vinha depois. Haveria mesmo algo depois? Ai como eu estava entediado. Espiei o jornal, um filme novo de David Cronenberg, eu adorava *A mosca*, chegara a escrever um artigo comparando-o com Kafka: a-mesma-gênese-maldita-de-todos-os-outsiders-que-originou-a-metamorfose, qualquer coisa assim, pretensa. Claro, eu me identificava um pouco, afinal tinha meus aninhos de terapia: moscas, baratas, insetos. Estava fazendo o possível para ficar deprimido, e não consegui parar.

Naquele tempo, remói, antes que a vida se transformasse numa sucessão de manhãs iguais às de Gregor Samsa, naquele tempo pelo menos sabia escrever. Escrever, raciocinei idiota-mente, não era como andar de bicicleta nem como fazer sexo, meu bem. A gente desaprende, enferruja, entorpece. Crise geral.

A tarde lerda, o tempo passava.

Lá fora, o vento súbito soprou as folhas da única palmeira visível. Estar embaixo de outra palmeira como aquela, cartão-postal, um coco verde nas mãos. Depois entrar no mar transparente, ultrapassar a espuma branca da arrebentação, deitar de costas na água, rosto voltado para o céu, flutuar em direção a qualquer lugar. Ilhas, algas, corais, itaparicas. Longe da máquina de escrever.

Então fechei os olhos. E comecei a me distanciar dos telefones tocando, das máquinas batendo, das vozes fragmentadas em farrapos de conversas, para prestar atenção somente às batidas do meu próprio coração. As duas mãos postas sobre o teclado, naquela atitude que guarda um pouco de oração silenciosa e muito de loucura mansa, ao querer desesperadamente dar forma através de palavras a algo que só existe, sem face nem nome, nessa região longínqua do cérebro onde a fantasia cruza com a memória e a intuição cega. Só e submisso, perdido no centro desse cruzamento confuso, no meio do terror de não ser mais capaz, sem nada nem ninguém que pudesse vir em meu socorro, além da própria coisa em si, e ela mesma traiçoeira, talvez assassina, escorregadia feito serpente, ainda e talvez para sempre informe, porque eu, o único capaz de apreendê-la, poderia deixá-la fugir, esse o terror maior, de repente abri os olhos, esfreguei as palmas das mãos, coloquei uma folha na máquina e escrevi:

"A primeira vez que vi Dulce Veiga, ela estava sentada numa poltrona de veludo verde".

14

Faltavam quinze para as seis.

Li, reli, cortei, acrescentei. Parecia bom, parecia vivo. Minhas mãos tremiam um pouco. Domando a imprecisão, os pontos cravados no final de cada frase. Camisas-de-força, tentativas de conferir certa ordem e alguma clareza a algo que era pura nostalgia vaga, descontrolada. Acendi um cigarro, depois percebi que havia outro aceso no cinzeiro. Apaguei o segundo e, enquanto terminava de fumar o primeiro, fiquei olhando as pastas empoeiradas que Pai Tomás deixara em cima da mesa.

Havia pouco material, mas isso não era culpa do *Diário da Cidade*, tão antigo que essa talvez fosse a única coisa que prestava naquele jornal: a memória de tempos melhores, guardada nos papéis amarelados das pastas do arquivo.

Na verdade, Dulce Veiga nunca fora uma cantora muito popular. Os meninos críticos dos segundos cadernos de agora, indecisos em chamá-la de *obsoleta* ou *demodée*, diriam hoje talvez que era – *cult*. Mas essa palavra, que tinha o irresistível poder de me fazer pensar em Isabella Rossellini arrastando seu sotaque pesado para gemer *Blue velvet*, naquele tempo teria soado ridícula, quase incompreensível. Dulce Veiga apresentava-se em boates pequenas, mais ou menos requintadas, no centro da cidade, gravara um ou dois discos, fizera pequenos papéis no cinema, onde antes ou depois de cantar algum samba-canção dizia umas poucas falas, invariavelmente debruçada no piano ou fumando na mesa de pista, enquadrada entre o abajur no centro e a champanha no balde suado de gelo – e desaparecera no dia da estréia

daquele que seria seu primeiro grande show: "Docemente Dulce".

A casa cheia, críticos na platéia, amigos e admiradores: todos dispostos a amá-la e consagrá-la definitivamente como a melhor. Uma, duas horas, cortinas fechadas. Por trás delas, certa inquietação dos músicos, um acorde no piano, um suspiro do saxofone varando o veludo vermelho para estender-se, como uma capa incômoda, também sobre a platéia. Tosses, cadeiras rangendo, palmas nervosas. Ainda tímida, a primeira vaia. Então o diretor Alberto Veiga, marido dela - mas eu não lembrava desse nome, seria ele a outra pessoa naquela tarde, no apartamento da São João? -, mentindo que Dulce sofrerá um acidente. No dia seguinte, o desmentido e o cancelamento do show: Dulce Veiga desaparecera completamente.

Durante mais ou menos um mês, naquele ritmo fatal e inevitável das notícias sensacionais, os jornais acompanharam as investigações. A primeira página, depois matérias cada vez menores nas páginas internas, então o caderno policial, três colunas com foto, meia coluna sem foto. Finalmente uma notinha de rodapé dois, três meses depois: "O mistério continua sem solução. Ainda não foi localizada a cantora Dulce Veiga, que desapareceu sem deixar pistas quando".

Olhei a data, forcei a mente tentando lembrar onde andaria eu mesmo naquela época.

Entregando jornais em Paris, lavando pratos na Suécia, fazendo *cleaning up* em Londres, servindo drinques em Nova York, tomando ácido na Bahia, mastigando folhas de coca em Machu Picchu, nadando nos açudes lípidos do Passo da Guanxuma. Minha vida era feita de peças soltas como as de um quebra-cabeça sem molde final. Ao acaso, eu dispunha peças. Algumas chegavam a formar quase uma história, que interrompia-se bruscamente para continuar ou não em mais três ou quatro peças ligadas a outras que nada tinham a ver com aquelas primeiras. Outras restavam solitárias, sem conexão com nada em volta. À medida que o tempo passava, eu fugia, jamais um ano na mesma cidade, eu viajava para não manter laços - afetivos, gordurosos -, para não voltar nunca, e sempre acabava voltando para cidades que já não eram as mesmas, para pessoas de vidas lineares, ordenadas, em cujo traçado definido não haveria mais lugar para mim.

Ladrilhar uma parede com mosaicos díspares, assim tinha sido: a metade direita de uma guirlanda não continuava nem completava-se na metade esquerda de outra guirlanda, mas numa inesperada frisa grega ou barroca, que também não estendia-se pelo ladrilho seguinte para definir-se num quadrado ou retângulo, mas dava lugar a um círculo concêntrico decepado.

Na entrevista maior, publicada na véspera da estréia, provavelmente a última antes de desaparecer, sublinhei algumas frases de Dulce Veiga:

"Canto porque cantar me dá um mentido."

"Mas penso sempre que cantar é inútil."

"Não quero nenhuma das coisas materiais que o canto poderia me dar."

"Quero encontrar outra coisa."

"Outra coisa que nem sei o nome, maior que eu mesma ou que qualquer canção."

"Gostaria de desaparecer um dia."

"Como desapareceram os bondes descendo as ruas, os coretos no meio das praças."

Ambíguas, poéticas ou confusas, havia outras frases assim. Eu não conseguia prestar atenção nelas. Enquanto os ponteiros do grande relógio amarelo na parede dos fundos aproximavam-se das seis horas, cada vez mais a redação parecia uma colméia zunindo. Todos corriam de um lado para outro, entregando sua quota diária de mel, seria mesmo *mel*? Digamos que sim, pensei, eu estava de bom humor. De vez em quando a abelha-rainha Castilhos controlava tudo com um olhar. Eu precisava escolher uma foto, entregar a matéria.

Escolhi: contra um fundo claro infinito, os ombros nus, Dulce Veiga jogava para trás os cabelos louros, como Rita Hayworth em *Gilda*, sorrindo. Mas havia outras – sedutoras, artificiais, sombrias, extravagantes. Dulce num vestido de tecido brilhante, talvez tafetá, uma rosa de tule negro no decote; de malha preta, só os olhos pintados, equilibrada num banquinho como Silvia Telles, tentando quem sabe captar a simpatia do pessoal da bossa nova; uma boina escondendo os cabelos, pinta falsa no canto da boca, certo ar de militante da resistência francesa; o lado do rosto apoiado no espaldar de uma poltrona, dedos longos entre os cabelos, colar de pérolas, olhar pousado em qualquer coisa além do fotógrafo. Quase todas bonitas, mas nem uma com a luz daquela que eu tinha escolhido. Irracional, decidi que era preciso de qualquer forma passar uma imagem feliz de Dulce Veiga.

Havia também fotos com outras pessoas: debruçada nos ombros de Pepito Moraes, seu pianista preferido; com o marido Alberto Veiga, clima canastrão de galã de filme mexicano dos anos 60, paletó com ombreiras, cigarro na piteira entre as unhas esmaltadas; no meio de um grupo, em torno de uma mesa de boate, mãos dadas com um homem forte, vagamente familiar, de bigodes pesados e ar de turco; recebendo um prêmio de Leniza Mais e entregando outro a Maysa, sorrindo entre as duas. Para minha surpresa, várias fotos com Lilian Lara – sua melhor amiga, diziam alguns recortes da revista *Intervalo*. No centro da Praça da República, contra a amurada do lago, as duas de *tailleur* branco e grávidas. Um dos braços de Dulce estava passado em volta dos ombros de Lilian, o outro circundava a barriga de sete, oito meses. Acariciava Márcia, pensei. E procurei por Teresinha na mesa ao lado, tinha esquecido dela a tarde toda, iria gostar daquilo. Ela já se fora, sua coluna era a primeira a fechar.

A poeira dos papéis entrava pelas minhas narinas. Espirrei, assoei o nariz. Com um lápis vermelho, no contato feito no dia da estréia do show, tracei um círculo ao redor da foto escolhida, tomando cuidado para que o traço não interferisse naquela espécie de aura serena em torno do rosto de Dulce Veiga. *"Quero encontrar outra coisa"*, escrevi na legenda. Fechei as pastas, dobrei as laudas com a foto entre elas e atravessei a redação para entregá-las a Castilhos. Pensei que fosse ler imediatamente, mas nem sequer levantou os olhos quando me dispensou:

– Tudo bem, hoje você pode ir, *oquei*?

Antes que me tocasse, senti sua presença feito um formigamento, calor crescente no ombro. Devia estar nessa posição há muito tempo, a mão suspensa como se me abençoasse,

pois só depois que as outras pessoas no bar começaram a olhar foi que me voltei. Ainda assim, demorei a ver seu rosto, um pouco acima da mão estendida. Usava um anel de prata com a imagem de Jesus crucificado em relevo. Talvez por isso, por causa da prata sobre o dedo branco, tive certeza que aquela mão era fria.

Apertei-a, quando ele a estendeu para mim. E confirmei: quase gelada.

– Prazer – eu disse. Ele curvou a cabeça.

Todo vestido de preto, cabelos eriçados de gel no alto da cabeça, raspados em volta das orelhas, uma cruz também de prata pendurada na orelha esquerda, muito pálido, era o rapaz que eu já vira na redação. Não era uma palidez doentia, dessas de gente que, por medo da luz, qualquer espécie de luz, recusa-se a ver o sol, nem tinha aquele tom macilento dos intelectuais que bebem até tarde da noite. Era uma palidez sofisticada, aristocrática, como quem viveu muito tempo na Europa e achasse vulgar uma pele bronzeada, uma camisa florida ou qualquer outra cor além do preto da roupa e do branco da pele.

– Meu nome é Filemon – ele disse. – Desculpe interromper, mas eu li o seu livro. Não lembro direito o título. *Visões*, qualquer coisa assim.

– *Miragens* – corrigi. E quase me engasguei com o sanduíche. Ninguém tinha lido aquilo, eu mesmo fazia o possível para esquecer aqueles péssimos poemas.

– Belo título. Bastante simbolista, não?

Engoli o resto do sanduíche. Ele sorria com os olhos muito pretos, não com a boca inesperadamente vermelha. Era bonita, sua boca. Úmida, grande, viva. Tive uma vontade insensata de beijar aquela boca, enquanto dizia:

– Nada contra o final do século XIX, ainda mais agora, no final do século XX. Afinal, as questões básicas e o desamparo humano continuam e continuarão os mesmos de sempre.

Era pedante demais. Mudo, concordei com a cabeça. Ele continuou a falar:

– Mas o que acho mais curioso é que embora com uma visão espiritual subjetiva e decididamente metafórica do mundo você tentou incorporar aos seus versos a linguagem característica da poesia marginal que paradoxalmente por sua vez pouco ou nada tem de espiritual subjetiva e muito menos de metafórica na maneira como busca uma identificação concreta desse real que de resto convenhamos acaba sempre por esquivar-se a qualquer tentativa de reconhecimento seja este de natureza literária científica ou psicológica.

Ele parecia ter decorado o texto, soava inteiramente deslocado ali, no ar azedo do bar do jornal, em frente àqueles vidros redondos atulhados de ovos de cascas azuis, às travessas de peixe frito, coxinhas, empadas, cheiro de cebola e presunto gordo. Não havia onde ele sentar, e continuou em pé, contra o janelão de vidro que dava para a rua. Para ouvi-lo, virei de costas para o balcão meu banquinho forrado de plástico rasgado. Mas não conseguia compreender o que dizia, embora não tirasse os olhos da sua boca. Eu os desviava às vezes para espiar a noite caindo atrás de seus ombros, as luzes começando a acender, refletidas no asfalto molhado do cruzamento da Consolação com a São Luís.

Voltei a ouvir só quando ele tocou, de leve, no meu ombro.

– Só não compreendo – dizia, olhando fixo nos meus olhos, e muito baixo, para que as outras pessoas não ouvissem –, só não compreendo a ausência absoluta de Jesus nos seus

versos e, provavelmente, na sua vida.

Por trás do vidro, lá embaixo, algumas pessoas ainda carregavam guarda-chuvas abertos, embora a chuva tivesse parado. Vinda da Xavier de Toledo, uma mulher usando *tailleur* azul-marinho antiquado, de saia justa abaixo dos joelhos, ficou parada por alguns momentos em frente às escadarias da Biblioteca Mário de Andrade. Sob o guarda-chuva aberto, eu só conseguia ver a metade inferior de seu corpo. A saia justa, os saltos altos.

– Ausência de quem?

Filemon apertou mais meu ombro, aproximou tanto o rosto que sua cabeça encobriu a visão da rua. Olhava bem dentro dos meus olhos, como se tentasse me hipnotizar. Talvez estivesse conseguindo, porque eu continuava olhando fascinado para sua boca, cada vez mais vermelha, mais movediça. Todos deviam estar olhando para nós.

– De Jesus, eu disse. Eu disse o nome de Jesus. Você sabe de quem estou falando. Eu fui enviado até você para falar de Jesus, o Cristo. O homem que morreu por nós na cruz. Para nos salvar, sangrando e gemendo deu sua própria vida, seu próprio sangue, o sangue sagrado de Deus Nosso Senhor e de Maria Santíssima. Em nome de Jesus é que estou aqui, fazendo o que não costumo fazer. Porque não cabe a mim tentar despertar o nome de Jesus no coração de quem anda perdido nas trevas do demônio e seus enganos sutis.

– Obrigado – eu disse idiotamente. Não sabia o que dizer. Tentei afastá-lo para olhar outra vez a rua, aquela mulher parada em frente à biblioteca.

Ele pareceu perceber. Ou era apenas uma marcação dramática, estudada, quando endireitou o corpo e anunciou:

– Você tem a luz. Você tem Jesus dentro de si, sempre teve. Por isso falei com você. Apenas, Jesus está adormecido dentro do seu corpo enganado, da sua alma cativa. Nem você mesmo sabe disso. Mas eu posso ajudar você a despertá-lo, estou aqui para isso.

Atrás do vidro, exatamente na altura do coração de Filemon, a mulher de *tailleur* antiquado fechou o guarda-chuva branco, sacudiu-o lentamente no ar, como se quisesse livrá-lo das últimas gotas de chuva. Depois ergueu a cabeça, os cabelos louros, lisos, cortados na altura do queixo, e olhou para cima, para onde nós estávamos. Suspeitei que fosse ela. E tive certeza quando, compassada e leve como se dançasse, passou o guarda-chuva fechado para a mão esquerda e levantou o braço direito para o alto, o indicador estendido em direção ao céu, no mesmo gesto daquela mesma hora da tarde anterior. Mesmo no terceiro andar, mesmo através do vidro embaçado e entre todas as outras pessoas que passavam por ela, ocultando-a por instantes dos meus olhos, mesmo com a voz hipnótica de Filemon repetindo sem parar palavras como salvação, caminho, verdade, glória e pecado, sem nenhuma dúvida eu soube que aquela mulher parada lá embaixo só podia ser Dulce Veiga.

Tirei a carteira, joguei uma nota sobre o balcão, peguei o disco de Márcia, levantei para sair. Filemon me olhou espantado. Toquei-o no ombro, como tocara em mim antes, na seda preta da camisa. Ele me olhava, a boca aberta. Antes de descer correndo as escadas, avancei em direção ao rosto dele e, sem pensar nos outros que nos olhavam nem em mais nada, sequer no que estava fazendo, beijei-o rapidamente nos lábios. Eram quentes, ao contrário de sua mão, macios como a seda da camisa.

Quando atravesssei a porta do bar saindo para o corredor de pastilhas encardidas, ainda tive tempo de olhar para cima, para trás do balcão, e ver a imagem de São Jorge dentro de um nicho de luzes fosforescentes, a lança estendida para o dragão sob as patas do cavalo branco com uma vela acesa, um copo de cachaça e uma rosa vermelha escancarada a seus pés.

Esbarrei em Pai Tomás. Ele saudou:

– *Ogum iê!*

16

Ao sair para a rua tive medo de não vê-la. Porque desapareceria como na tarde anterior, como há vinte anos, e também porque naquela hora indecisa entre a noite e o dia, os neons ainda estavam apagados e o lilás do crepúsculo escondido pelos edifícios seria insuficiente para iluminá-la. Mas quase na sombra, o azul-escuro do vestido cada vez mais incorporado à noite que descia, Dulce Veiga continuava lá. Do outro lado, à minha espera.

O sinal fechado, sem me importar com os carros, as freadas e os gritos, comecei a atravessar em direção a ela. Quando me viu, e tive certeza que me via, todos viam aquele único homem atordoado que era eu no meio do cruzamento, Dulce voltou-se e começou a andar rapidamente. Os saltos batiam forte na calçada, atingiram a esquina quando cheguei em frente à biblioteca. E talvez pelo excesso de notícias sobre o Leste europeu, nos últimos tempos, talvez pela roupa severa que usava, por alguma ou nenhuma razão, mero delírio, achei que iria dobrar à esquerda, ultrapassar a Galeria Metrópole e entrar na agência da Lufthansa. Como uma espiã de filme dos anos da Guerra Fria, imaginei-a desembarcando em Berlim Oriental, depois seguindo para Budapeste, Praga ou Varsóvia.

Gritei seu nome, ela não olhou para trás.

Dulce Veiga atravessou a rua, perdeu-se atrás da banca de revistas, e pensei então que poderia entrar no Hotel Eldorado e sentar naquele bar de paredes envidraçadas, através das quais, olhando com atenção, pode-se ver os homossexuais caçando furtivos do outro lado, no meio das árvores da praça, mais numerosos à medida que a noite avança, para pedir um conhaque ou chá e permanecer ali sentada, esperando alguém ou ninguém, quem sabe simplesmente fumando sozinha, quase imóvel, olhando a rua ou não, talvez sem nenhum pensamento especial, nem mesmo uma expressão no rosto de queixo orgulhoso, enquanto o tempo passasse, o drinque e o cigarro chegassem ao fim e a noite terminasse de cair sobre a cidade.

Tornei a gritar, ela seguiu em frente.

Quem sabe então, fantasiei enquanto ela avançava pela calçada oposta e eu esperava, outra vez, o sinal abrir, pudesse também eu entrar no bar quase deserto àquela hora para sentar na cadeira vazia à sua frente e. Não saberia o que fazer, talvez mostrar o disco de Márcia, nem o que dizer, e antes que pudesse escolher entre tantas fórmulas tolas como *ainda lembra de mim?* ou *tenho pensado em você* ou *posso te fazer companhia?*, o sinal abriu e para não perdê-la fui obrigado a atravessar sem ter decidido nada do que poderia fazer ou dizer, se dissesse alguma coisa, se ela estivesse realmente lá e eu talvez entrasse também.

Nada daquilo seria, porque ela não parou, já ia longe da porta do bar, sem ter entrado. Continuei a segui-la até a esquina da Avenida Ipiranga, onde pensei que fosse atravessar outra vez para chegar à Praça da República, e quando pensei nisso pensei que a praça seria outra, a antiga, não esta de agora, apodrecida. Mas se já tinha atravessado antes, fui pensando enquanto corria, não faria sentido atravessar outra vez agora, no trânsito complicado do final da tarde, e continuei a pensar coisas assim, sem importância nem lógica ou clareza, até que ela desapareceu naquela pequena galeria do Edifício Itália.

Entrei na galeria. E tornei a sair, espiando as esquinas que fugiam ou mergulhavam no centro maldito da cidade. Entrei outra vez.

Não havia sinal algum dela nas poucas lojas ainda abertas, nem nos seis ou sete caminhos que se encontram naquele ponto. Entrava pelos corredores apenas um vento frio, talvez o primeiro daquele verão. Pensei em ir embora, mas olhando o painel do elevador percebi que alguém acabara de subir e talvez, pensei em seguida, como eu mesmo costumava fazer sempre que voltava à cidade, talvez ela tivesse ido até o terraço no último andar, de onde, com algum esforço, no resto de luz que ainda havia no ar, poderia ver ou pelo menos supor os verdes da Praça da República, os baixos sombrios nos lados do Bexiga e o contorno daquelas colinas muito além da Barra Funda.

As palmas suadas das mãos, apertei o botão do elevador.

17

Contei cada um dos quarenta e um andares. Ao descer no último para tomar o outro elevador que levava ao restaurante, ouvi o som de um piano. Notas lentas, aparentemente soltas, tão espaçadas que a princípio pareciam não fazer parte de melodia alguma. Só depois de um tempo, juntando na cabeça as notas dispersas, reconheci *Manhã de carnaval*. Tive vontade de cantar junto, mas lembrava apenas daquele pedaço que dizia na vida há uma nova canção, uma coisa assim.

Anão ser pelo garçom passando devagar um pano sobre o balcão e o homem de cabelos compridos e grisalhos, debruçado sobre o piano, o bar estava vazio. O garçom mal olhou para mim, fui andando entre as mesas enquanto via as costas curvas do pianista e suas mãos sobre o teclado. Quando ele voltou-se de perfil para pegar o copo de uísque em cima do piano, reconheci Pepito Moraes, o pianista de Dulce Veiga.

Parei ao lado dele. E perguntei.

– Onde ela está?

Ele continuou a tocar com a mão esquerda, enquanto bebia com a direita e me examinava de alto a baixo, sem surpresa. Depois de colocar o copo novamente sobre o piano, respondeu:

– Ela quem?

– Dulce Veiga – eu disse.

– Quem me dera saber onde ela anda – ele sorriu, voltando a tocar com as duas mãos. E

acelerou o toque sobre as teclas.

– Quem me dera ela voltasse um dia.

Apoiei o corpo no piano, para que meu rosto ficasse na altura do rosto marcado dele:

– Eu a vi subir até aqui.

Pepito semicerrou os olhos, curioso. As rugas espalharam-se pelos cantos, desceram pelas faces até se unirem aos vincos nos cantos da boca. Sua voz era muito calma, como se falasse com uma criança. Ou um louco.

– Você deve estar tendo visões, rapaz. Dulce Veiga sumiu há vinte anos. Desde então, ninguém sabe onde ela anda.

E podia ser, claro, que tanto a mulher da tarde anterior como a desta não fosse Dulce Veiga, mas outra qualquer, que eu fantasiara e enfeitara; podia ser ainda que não fosse ninguém mais além de uma imagem da minha mente; podia ser também que fosse realmente ela, mas tivesse seguido em frente, por outras ruas, e eu a perdera outra vez. Mas podia ser, finalmente, que Pepito e Márcia e Castilhos estivessem mentindo.

– Fale sobre ela – pedi.

Ele acelerou ainda mais o toque sobre as teclas, de maneira que, se antes a melodia precisava ser reunida através dos espaços que separavam cada nota, agora teria que ser descoberta dentro das mesmas notas, que a amontoavam e transformavam numa espécie de marcha nervosa, neurótica. De repente parou, voltou-se para mim e acendeu um cigarro:

– Não é uma história emocionante, rapaz. Faz tantos anos. Insisti, ele repetiu tudo que eu já sabia. A noite de estréia, o teatro cheio, Alberto Veiga mentindo que Dulce sofrera um acidente. No palco, Pepito e os outros músicos ainda tentaram tocar alguma coisa. Mas a platéia foi embora, só queria Dulce e nada mais.

Os olhos dele brilharam, devia ser o uísque.

– Não quero lembrar. Faz mal lembrar das coisas que se foram e não voltam. No começo fiquei com raiva, achei que ela não pensou em mais ninguém quando desapareceu. Só nela mesma. Mas a gente nunca pode julgar o que acontece dentro dos outros. Ela queria outra coisa.

– Que coisa?

– Nem ela sabia. Repetia isso o dia inteiro: "Quero outra coisa, eu quero encontrar outra coisa". Durante os ensaios, quando parava de cantar, entre as músicas. E estava tudo maravilhoso, seria um grande show. O melhor do ano. Agora já passou.

Não sinto raiva, não sinto nada. Sinto saudade, de vez em quando. Quando penso que podia ter sido diferente.

– Diferente como?

Ele terminou de beber, ergueu a mão. O garçom aproximou-se, encheu o copo.

– Quer um? – Pepito perguntou. – Eu pago. Ganhei no bicho hoje.

Recusei, ele continuou:

– Diferente, diferente. Será que as coisas poderiam mesmo ser diferentes do que são?

Não sei se não existe um plano traçado, como um destino, um roteiro. Houve um momento, aquele momento do show, em que ela poderia ter-se tornado a maior cantora do Brasil. E eu teria ido junto com ela. Roma, Paris, Nova York. Não aconteceu, só isso. Não aconteceu desse jeito, ela não quis. E não se importou se os outros queriam. Ela se foi, eu fiquei por aqui, por ali, tocando piano enquanto as pessoas comem, bebem e namoram. Sem escutar o que eu toco.

– Mas para onde ela foi?

– Ninguém sabe, rapaz. Deixou todos esperando aquela noite no teatro, e não apareceu. Nunca mais, até hoje.

Mostrei o disco de Márcia.

– Você sabia que esta moça é filha dela?

– Ouvi falar, dizem que tem muito talento. Vejam só, quem diria. Peguei essa menina no colo, mijou muito em mim. Dulce não tinha o menor jeito para mãe. E depois de Saul, ficou pior ainda.

Saul: aquele nome despertava alguma coisa em mim. Alguma coisa que tinha ficado escondida naquela tarde, no apartamento da Avenida São João, em frente à poltrona verde.

– Quem é Saul? – perguntei. E não queria saber a resposta. Pepito deu um longo gole no uísque. Além dos vidros, a noite tinha acabado de cair. O asfalto molhado da Ipiranga era um fio de luzes refletidas, invertendo os edifícios. Alguns casais começaram a encher o bar. Quase todos homens cinquentões, bem vestidos, acompanhados por garotas mais jovens, muito pintadas. As luzes diminuíram no salão, Pepito sorriu malicioso:

– Ah, um dos amores de Dulce. Ela teve tantos, nem eu escapei.

Eu queria perguntar mais. Mas o garçom tornou a aproximar-se, olhou enviesado para mim e cochichou alguma coisa no ouvido dele.

– Tenho de tocar – desculpou-se. – Afinal, os caras me pagam para isso. Tenho que levantar o pau desses senhores para foderem suas secretárias. *Night and day, Love L& a many splendored thing*, aquelas coisas. Volte outra hora, se você quiser, você parece um cara legal. Mas volte antes da meia-noite, porque depois, rapaz, estou sempre completamente bêbado.

Insisti:

– Eu queria saber onde ela está.

– Desista – ele disse antes de começar a tocar. – Você não vai conseguir nada.

Apertei o disco entre as mãos. E ainda perguntei:

– Que bicho deu?

Pepito voltou-se, sem entender.

– O quê?

– O bicho, o jogo do bicho que você ganhou. Ele riu:

– Ah, foi borboleta. Deu o treze, borboleta na cabeça. O cigarro entre os dentes, recomeçou a tocar. Enquanto saía do bar, achei que reconhecia aquela música.

Não era nenhum daqueles antigos sucessos americanos. Entre a lembrança da borboleta tatuada nos seios de Márcia e o vendedor de bilhetes de loteria no outro bar, no outro dia, em ritmo de fox, rápido, quase uma brincadeira saltitante, Pepito tocava *Nada além*, o último sucesso de Dulce Veiga. E o primeiro de Márcia, pensei, contando na ordem inversa cada um dos quarenta e um andares do Edifício Itália, até o térreo.

18

Não sei bem como, mas consegui entrar em casa sem cruzar com nenhuma das velhinhas, dos michês argentinos, Jandira e Jacyr – ou Jacyra. Nenhuma carta hoje. Atrás da porta, apenas pó, roupas espalhadas, latas de comida abertas, livros empilhados, discos fora das capas, cinzeiros cheios, jornais desfolhados. Coloquei o disco de Márcia em cima da mesa, ao lado da carta de Lídia, que eu não abrisse. E perguntei para ninguém, para nada, como todos os dias, parado no meio da pequena sala:

– Não é excitante esta vida?

A *pin-up* do pôster não sorriu.

Minha vontade era dormir imediatamente, sem dar nenhuma ordem naquela bagunça, sem pensar mais em nada. Tomei um lexotan, herança de Lídia, era a última caixa. Depois dois, depois três. Começava a ficar entorpecido quando lembrei que não telefonara para Márcia marcando a entrevista. Procurei nos bolsos das calças jogadas no chão, até encontrar o papelzinho que Castilhos me dera. Desdobrei-o devagar, cada movimento uma eternidade, ainda úmido da chuva do dia anterior. E enquanto lembrava de velhos coquetéis de drogas vagabundas – romilar, artani, abulemin –, fiquei olhando os círculos concêntricos desenhados sobre a frase "tudo gira ao seu redor", e tudo realmente girava, girava lento, o lexotan começou a bater. Levei algum tempo para conseguir lembrar que o número estava anotado do outro lado do papel.

Ah sim, telefonar.

Do outro lado atendeu uma secretária eletrônica dessas com música gravada antes do recado. Não um rock pesado, mas inesperadamente mansa e doce a voz de Nara Leão cantando *It's wonderful*. Quando ela dizia *It's marvelous that you should care for me*, a música interrompia-se e entrava a voz de Patrícia, que aquilo era uma gravação & etc. Achei bom ouvir Nara àquela hora, quis ouvir mais, mas seria impossível encontrar meu próprio disco naquela zona, naquele estado. Então liguei de novo, só para ouvir Nara cantar maravilha, calma: a nossa história não vai mais ter fim.

Tirei a roupa, joguei-a no chão. Mais uma calça, uma camisa. Outra cueca, outro dia, não fazia diferença. Tudo apenas sujeira que se acumulava.

Saul: Pepito dissera. Ele pronunciava *Sá-ul*, acentuando o *a* da primeira sílaba, dividindo o nome em dois estágios, dois sustos. O primeiro, um suspiro entrecortado; o segundo, um salto brusco. Dormir, um salto no escuro. Pensei em fazer o sinal-da-cruz, não há Jesus em sua vida, repetia Filemon, mas no meio do nome do Filho comecei a lembrar de uma oração infantil que terminava dizendo algo como *a morte me perseguir os anjos hão*

de me proteger amém, sempre gostara desse pedaço dos anjos, gostava de anjos, caídos, malditos ou puros intocados, lembrava também de uma gravura do anjo da guarda, as mãos estendidas como Filemon estendera a sua em meu ombro, sobre as cabeças de duas crianças brincando à beira do abismo. Um arco na mão do menino, uma bola de gomos coloridos aos pés da menina, na beira do precipício negro, a um passo da queda.

Os círculos giravam concêntricos pela minha cabeça, o início ou o fim cravados em redemoinho no ponto central da minha testa, mas o pior, o pior não seria nunca a morte real, o nada e o nunca, pior era não lembrar, não poder ou não querer lembrar, como eu não lembrava da segunda e última vez que vira Dulce Veiga, como quem tenta matar memórias indesejáveis para passar, supostamente, ávida a limpo.

Tudo aquilo que eu esquecia ou negava, soube vagamente em plena queda, era o que eu mais era. Virei de bruços, nu.

Ele usava uma camiseta cavada, sem mangas, como a do argentino do andar de baixo que, certo dia, no corredor, eu vira. Certa tarde, outro tempo. Fui me encolhendo dentro daqueles braços que pertenciam a um corpo do qual eu não via o resto ou o rosto, nem tronco ou cabeça, enquanto os círculos concêntricos continuavam a girar, cogumelos cresciam monstruosos na umidade da cozinha, o cheiro adocicado do incenso deslizava por baixo da porta, a luz diminuía lentamente em resistência, como num fim de peça teatral, até que o último objeto visível, uma mesa ou cadeira, ficasse tão envolvido pelo escuro, apenas entrevisto na luz cada vez mais fraca, um tampo, uma perna, dois braços, e embora comuns, esses objetos perfeitamente reconhecíveis na luz clara, se vistos assim pela primeira vez, à medida que a luz vai apagando e você mais começa a adivinhá-los no que realmente são ou a transformá-los mentalmente na infinidade de outros que poderiam ser, você começa mais a inventá-los do que a vê-los realmente nos seus contornos pouco apouco diluídos em tão lenta treva que ninguém saberia determinar o ponto exato de transição entre o início dessa treva e o final da luz, e nesse ponto exato – pentimento – nem eu nem ninguém poderíamos afirmar com certeza do que se trata realmente. Aqueles objetos, estas memórias. Se duas pernas de cadeira, mesa ou mulher. Se dois braços de poltrona, de fera ou macho.

III

Quarta-feira

A Fera Muçulmana

Estou parado no centro da igreja em ruínas.

Oblíqua, a luz penetra os vitrais quebrados, cai em fatias coloridas sobre os bancos em pedaços. Desde a janela até o piso, acompanho com os olhos uma réstia iluminada, metade verde filtrado por um caco de vitral, metade cor do sol. E exatamente no ponto onde incide essa faixa de luz, sobre o piso de mosaicos frios, rasteja uma cobra – metade verde, metade cor de sol. Penso em voltar atrás mas, sem me mover, continuo a olhar o piso adiante, em volta de mim. Todo ele está coberto de cobras. Como um tapete movediço, elas trançam-se em meus pés, enroscam-se nos bancos quebrados, escalam os altares vazios. Quando escapam das fatias de luz tingidas pelo que resta dos vitrais, na sombra, posso ver que suas escamas são pardo-claro, quase castanhas. Alguma coisa em mim não tem medo, embora continue a sentir nojo desses corpos que pressinto tão gelados quanto os mosaicos sob meus pés.

Procuro as imagens dos santos, mas eles não estão nos altares vazios, cheios apenas de cobras entre tocos de velas derretidas. Feito pessoas, da minha altura, mas imóveis como estátuas, os santos espalham-se pelo interior da igreja, entre o pó, as cobras, as fatias de luz. Deve ser Semana Santa, penso. Quaresma, pois todos estão cobertos por tecidos roxos transparentes. Gazes, rendas, tules. Vagamente, entre as transparências, decifro certos relevos conhecidos, algumas formas, e vou adivinhando aos poucos, guiado pelas memórias da infância. Aquele, com o menino no colo, deve ser Santo Antônio; o outro, de mãos amarradas, três flechas cravadas no tronco nu, São Sebastião; aquela de crucifixo nos braços, entre rosas brancas, Santa Teresa de Lisieux; mais ao fundo adivinho as grandes asas de São Miguel Arcanjo, empunhando a espada onde se enrola uma cobra viva.

Caminho devagar entre as estátuas, até esta imagem de costas, que não consigo reconhecer. Flores, harpa ou cordeiro – não há nada entre seus braços caídos. Num lugar que não vejo, um cravo começa a tocar Haendel. Toco na cabeça da imagem, para afastar os véus roxos do luto pelo assassinato de Jesus de Nazaré, os panos deslizam pelo corpo imóvel. Ela volta para mim o rosto descoberto de uma mulher loura. Do interior do crânio, pelas órbitas vazias dos olhos, pelos orifícios das narinas e orelhas, pela boca aberta e desdentada, escorregam cobras lentas, pardas, vivas. Acompanho o movimento das cobras por seus ombros, entre os panos, seus seios nus. Mais abaixo, posso ver os pêlos de seu sexo entreaberto e, dentro dele, duas fileiras de dentes agudos, serrilhados. Rapidamente, desço os olhos até o chão. Com o pé esquerdo descalço, ela esmaga a cabeça de uma serpente de cor diferente das outras.

Não chego a descobrir essa cor, não chego a reconhecer essa mulher antes de acordar gritando. Mas sem necessidade de lembrar seu nome, sei perfeitamente quem ela é.

Aquele som real, furando a manhã. Grosseiro demais para um cravo, vulgar demais para Haendel.

Pulei do sofá, bati o tornozelo em alguma coisa dura. *Buceta!*, gritei. E fiquei dando voltas e pulos num pé só pelo meio da desordem, evitando pisar em algo que já não estava ali. Sabia que sonhara, mas não conseguia lembrar nada mais que uma sensação crescente de pavor e dos acordes do cravo.

A campainha tocou outra vez. Ninguém me visitava àquela hora, ninguém me visitava sem telefonar, ninguém me visitava. Gritei *já vou*, enfiei uma das calças jogadas no chão, abri a porta.

Era Jacyr, não Jacyra. De bermudas e tênis brancos muito limpos, camiseta vermelha com a cara de Prince, nem uma gota de maquiagem na cara miúda de mico-leão, tinha-se transformado novamente no mulatinho espichado, filho de Jandira e Moacyr-aquele-cafajeste. Ele me empurrou, entrou sem pedir licença:

– Quase meio-dia, faz horas que estou chamando. Não vou ficar o dia inteiro à disposição do bofe.

Tarde demais, enquanto tentava encaixá-lo no fim daquela manhã, lembrei da faxina combinada com Jodie Foster no corredor. Jodie se fora, ficara uma espécie de Grace Jones mais baixa e clara, travestida de moleque. Os braços e as pernas eram iguais, longuíssimos. Tentei organizar na memória os restos do dia anterior, e o que precisava fazer hoje, a entrevista com Márcia, preciso de uma agenda, e logo tornei a esquecer. Por trás dos pedaços das frases que escrevera no jornal, de lembranças como os cabelos eriçados de Filemon ou do copo de uísque de Pepito Moraes sobre o piano e de todas aquelas coisas, havia outras imagens.

Numa das mãos, Perseu segurava pelos cabelos de cobra a cabeça decepada de Medusa, erguendo na outra uma espada onde se enrolava uma cobra. Como consegue deslizar assim pelo fio afiado sem partir-se em duas, pensei e, num corte rápido, como se o diretor mudasse o enquadramento e tudo aquilo fosse um fotograma, Perseu, Medusa e a cobra estavam num altar, sob um foco de luz apagado em resistência.

Entre essas imagens e o apartamento que parecia ter sobrevivido a um terremoto, Jacyr mexia-se sem parar, recolhendo livros, roupas, latas, olhando para mim com estranheza.

– Que-que foi, nunca me viu?

– Você mudou – eu disse.

Como se ajeitasse um xale invisível, ele sacudiu os ombros:

– Foi o arco-íris depois da chuva. Sempre acontece isso. A mãe diz que é Oxumaré, que eu trago comigo. Seis meses homem, seis meses mulher. Fico bem louca quando baixa, depois passa – de repente benzeu-se e saudou, erguendo a mão para o céu: – *Aro-bobo!* minha mãe.

– A serpente – falei. Não sabia por quê.

Ágil, bailarina, Jacyr rodopiou. Sacudiu um lençol sujo no ar:

– Parece que bebe, cara. Garanto que encheu a cara ontem. Fumou, cheirou? Até pensei

que estava trepando. – Olhou para o sofá vazio com desprezo e malícia. – Mas todo mundo sabe que você não é disso.

Passei a mão na cabeça, como se assentasse pensamentos despenteados. E peguei um cigarro em cima da mesa. Jacyr arrancou-o das minhas mãos.

– Não, senhor. Faz um mal horroroso fumar sem comer nada antes.

Tinha os mesmos cuidados da mãe, só que desaforados. Começou a me empurrar para o banheiro. A voz macia, as palmas das mãos nas minhas costas nuas. Era bom ter alguém vivo dentro daquele apartamento.

– Toma um banho enquanto eu faço um café.

Fechei a porta do banheiro minúsculo. Por trás dela e do ridículo adesivo de um pingüim enxugando-se numa toalha amarela, que provavelmente Lídia colocara ali, continuava ouvindo Jacyr a zumbir e a crepitar pela sala, inseto de asas febris.

Abri o chuveiro, mas a água fria não conseguia resgatar aqueles restos e reflexos de imagens perdidas, viradas pelo avesso. Entre os pêlos negros do peito, contei à toa dois fios inteiramente brancos. Amanhã serão três, pensei. Depois dez, cem. Mil, em direção a quê? A um daqueles senhores cinqüentões em que talvez me tornaria em breve, tufo de pêlos grisalhos escapando pelo colarinho aberto, uma corrente de ouro entre eles. Digno, só um pouco patético. Essa era a melhor maneira de ficar deprimido pelo resto do dia. Então tive vontade de cantar, que estava tudo, tudo certo, repeti esfregando a cabeça, mas não lembrava nenhuma canção, eu não sabia cantar, navegando naquele pequeno milagre que começara a acontecer há dois dias. Um emprego: acordar, tomar banho, fazer a barba, beber café - e ter para onde ir.

Jacyr tinha escancarado a janela que dava para a Augusta, em frente à funerária do outro lado da rua. *Happy Days* era um nome engraçado para uma funerária, ou apropriado? Sem filtros nem disfarces, na luz de quase meio-dia, o apartamento parecia ainda menor, mais sujo, atravancado. Ele, e eu também, como certas plantas, certos bichos, sobrevivíamos melhor nas sombras. Bem longe do sol das manhãs.

Enrolado na toalha, sentei na ponta da mesa. Jacyr colocou na minha frente uma xícara de asa quebrada, cheia de café. Botou as mãos na cintura:

– Você podia fazer um pouco de musculação. Uns peitos seriam ótimos. Por que não começa a malhar e põe uns peitos nesse corpo? Fico louca quando vejo um homem bem peitudo.

Provei o café. Doce demais.

– Acho peito de homem muito mais bonito que peito de mulher. Ainda mais cabeludo, bem cabeludo. Sabe aquele tipo de peito que o cabelo emenda com a barba? Daí o cara faz a barba e fica assim, meio uma gola role. Não posso nem ver que me dá vontade de cair chupando.

Acendi um cigarro, Jacyr tirou das minhas mãos. Acendi outro.

– Aquele negrão, sabe aquele negrão de cabelo rastafari que fica sempre ali no Quênia's Bar? Aquele que vende fumo, diz que tem *vinte e cinco* centímetros, já pensou? Isso não é uma jeba, é uma jibóia.

Tentei prestar atenção em alguma outra coisa. Não havia nada além da desordem e da voz de Jacyr, ocupando todo o espaço dentro do cérebro, impedindo de pensar. Safada, sacana.

– Até vinte agüento numa boa, até o cabo. Vinte e cinco não sei, tenho até medo. Pode rasgar a gente por dentro, sei lá. Qualquer dia experimento, você não quer que eu compre fumo dele? É só me dar a grana, eu já provei e é do bom.

Lembrei da carta de Lúdia, há dois dias jogada sobre a mesa. Afastei os livros, jornais, cinzeiros cheios, o rosto de Márcia na capa do disco, peguei o envelope. Abri com lentidão deliberada, como se fosse algo tão importante que, só pelo clima, Jacyr fosse obrigado a calar-se. Mas ele não olhava para mim, fumando e dando passos de dança:

– Tem cara que quer me comer em pé, no banheiro do Quênia's. Hotel não dá, sou de menor. Quando não tem outro jeito, até dou. Mas não entra direito, prefiro de quatro. Aí sim, entra tudo.

Não era uma carta, era um poema de Cecília Meireles, Lúdia costumava fazer isso. Em vez de cartas, aquelas cartas falando das delícias das paredes caiadas de branco, das portas e janelas azul-marinho & etc, poemas. Jacyr continuava falando em peitos, pêlos, paus e porras, as buzinas entravam pela janela aberta, num passo rápido Jacyr ligou o rádio que tocava Laurie Anderson, *strange angels sing Just for me*, uma coisa assim, a carta aberta, à beira do vaso de violetas quase mortas, li *Este é o menino de sal, o menino de sal que pesa no meu coração*, e ao mesmo tempo, inesperadamente, depois de mais de vinte e quatro horas sem pensar nisso, e só agora percebia que, durante todo esse tempo, não fizera outra coisa senão permanecer consciente do estar inconsciente dele no meu pensamento, no trânsito do espaço em branco entre esses versos e aqueles outros, que diziam *olhai o fundo dos meus olhos, por este prisma de lágrimas, olhai, olhai, e avistareis*, com um arrepio subindo desde a cintura até os cabelos molhados da nuca, os olhos embaçados pela luz do dia, água do banho ou de lágrimas, quem sabe, de repente um vazio que nem todas as obscenidades que Jacyr continuava dizendo poderiam preencher, tornar engraçado ou mais leve, dentro daquela saudade que não ia embora por mais que o tempo passasse e dentro dele, mesmo sem lembrar, apenas agindo, todos os dias eu acordava e tomava banho, escovava os dentes e fazia todas essas coisas rotineiras, igual a alguém que aos trancos, mecanicamente, continua a viver mesmo depois de ter perdido uma perna ou um braço que, embora ausentes, ainda doem – sem poder evitar, inesperadamente, sem querer evitar, outra vez lembrei de Pedro.

– E aquele rapaz que vinha sempre aqui? Hein, eu disse, quem.

– Aquele rapaz bonito, aquele meio dourado. Aquele dos olhos claros, nunca mais apareceu.

Subitamente eu falei que era muito tarde, que estava atrasado, que tinha um dia de cão pela frente, e levantei, e afastei Jacyr um tanto brusco demais. Ele esbarrou na mesa, virou um resto de café sobre as violetas quase mortas, sobre a carta de Lúdia, sobre o poema de Cecília, e como se meus olhos embaçados, não sabia de quê, dessem um *zoom* de aproximação no papel, antes de me afastar li os versos agora manchados falando naquele menino *em que tanto desejei pregar asas de Amor e de Anjo*. Eu poderia ficar ali parado,

olhando a mancha de café espalhar-se lenta sobre o poema, lembrando tudo que não queria lembrar e assim, parado para sempre no meio do apartamento, enquanto vidas alheias acontecem além das janelas, fora e longe de mim, sentisse apenas mágoa, saudade e esse tipo de espanto amargo em que ninguém dá jeito, eu poderia. Mas repeti que era tarde, que eu tinha um dia de cão, que não tinha tempo e me desculpe, você sabe, esta cidade, esta vida, esta manhã.

Enfie as calças, a camisa, rebusquei dinheiro, estava perdido se não conseguisse um vale no jornal, Castilhos quebraria o galho, paguei Jacyr e me fui. Sem admitir nenhuma pergunta indiscreta, nenhuma cumplicidade barata, nenhum consolo viscoso.

Fechava a porta quando olhei para dentro e vi Jacyr debruçado sobre a mesa. Sorridente feito criança que acaba de ganhar um presente, sacudia no ar a capa do disco de Márcia, gritando:

– Você não me contou que tinha isso, bofe. Ela é mulher, mas é uma deusa. Posso ouvir?

Em frente à porta das velhinhas, saindo para a rua, ouvi o rock and roll estremecendo as paredes do prédio na voz de Márcia Felácio e as Vaginas Dentatas:

*O passado é uma cilada,
não há presente nem nada,
o futuro está demente:
estamos todos contaminados.*

21

Debruçado no balcão do Quênia's Bar em frente a um copo de cerveja, o negro cantarolava baixinho o que imaginei que fosse um *reggae*. O cabelo duro comprido até pouco abaixo dos ombros, cuidadosamente dividido em faixas, como canteiros num terreno arado, depois caindo em tranças finas, entremeadas por contas brancas e vermelhas. Devia ser ele.

Quando percebeu que eu o observava, virou de frente para a rua, o rosto erguido numa atitude de desafio. Eu baixei os olhos. Ele então abriu as pernas dentro das calças brancas muito justas. Não usava cuecas, pelo menos não se notava nenhuma muna por baixo das calças. Só podia ser ele. Jogou as tranças para trás, as contas brilharam ao sol. Pisquei, tornei a baixar os olhos. Ele projetou o sexo, acariciou-o com a mão cheia de pulseiras. Era mesmo ele.

Virei depressa para o outro lado da rua, afundei dentro do orelhão.

Depois de três toques, do outro lado ouvi a ficha cair e entrar aquela gravação com Nara Leão. Ia desistir sem deixar recado, mas alguém desligou a secretária e uma voz conhecida, irritada, sonolenta, resmungou um alô.

- Patrícia? Estou ligando para marcar a entrevista.
- Marcar o quê?
- A entrevista. Com Márcia, para o *Diário da Cidade*, tem que ser ainda hoje.
- Impossível, só se for.

O escapamento de uma moto apagou a voz dela.

- Fala mais alto, não estou ouvindo. Patrícia berrou:
- Às seis, com o sol na cúspide da sete.
- Muito tarde, pinto aí às quatro.
- Com o sol na oito, de jeito nenhum.

Talvez ao meio-dia, ela sugeriu, com o sol na dez, mas o meio-dia já tinha passado. Quem sabe então às oito, com o sol na seis, mas essa era hora do ensaio delas. E várias outras dessas combinações, todas incompreensíveis para mim. O olhar do negro queimava minhas costas. Comecei a transpirar, eu tinha que me ver livre daquilo.

Avisei:

- A ficha vai cair.
- Pode ser amanhã, então. Porque a lua em Gêmeos, você sabe. Antes que a ligação caísse, consegui berrar:
- Às quatro sem falta, hoje. Me dá o endereço.

Patrícia pareceu paralisada com minha firmeza. Sem reagir, deu o endereço. Memorizei a rua, o número – era uma casa. Eu era bom nessas coisas, às vezes guardava um número durante anos. Mas nem pelo nome da rua nem pelo prefixo do telefone consegui localizar o bairro. Talvez Morumbi, delírios artísticos de meninas ricas mortas de tédio.

Britadeiras vibravam no prédio em construção em frente ao Quênia's Bar, ao lado da funerária. Nordestinos quase nus, carrinhos de mão, pedras, suspensos nos andaimes, formigas fervilhantes numa longa fila, do Cariri à Estação da Luz, lembravam *Metrópolis*. A cidade ia explodir um dia, e eu não tinha nada com isso. Ou tinha? Bati o telefone. Com a ponta de um prego, alguém riscara no esmalte vermelho: *Ti xupo todo goztozo*.

O negro agora estava encostado na porta do bar, copo na mão, olhando a rua. De cima, como um rei. Do fundo do bar vinha uma música de percussão primitiva, tambores na selva, repetindo qualquer coisa como Bob Marley pra sempre estará no coração da raça negra. Dava vontade de dançar, mas ninguém tinha tempo para isso. Somente ele, o negro forte das tranças, balançava sinuoso o corpo dentro das calças brancas muito justas e de uma camisa florida amarrada na cintura.

Um ônibus passou, me enfiei entre os *office-boys* amontoados na porta de saída. Equilibrado na porta, entre o bafo quente de carne úmida que vinha de dentro e o bafo quente do asfalto seco de fora, batido de sol, olhei para trás. Uma das mãos acariciando lenta sua lança de guerreiro, dentes, contas e pele reluzindo na luz do começo da tarde, o negro erguia no ar o copo de cerveja dourada.

Feito um brinde, para mim.

As pás dos ventiladores giravam silenciosas. Nenhum ruído de telefone ou máquina de escrever. Em preto-e-branco a redação era um fotograma projetado no espaço. Ao fundo, de costas para a janela filtrando uma luz sempre baça pelos vidros sujos, Castilhos flutuava entre nuvens de cigarros. À esquerda, vestida de cinza, voltada para a parede, inteiramente imóvel, Teresinha O'Connor contemplava mais uma página do calendário Seicho-No-Ie que devia ter acabado de virar. Procurei Filemon, não havia ninguém mais na sala além das duas estátuas. Que não eram de sal, mas de *papier maché* do suco de inúmeros jornais.

Tambores na selva, lembrei, ligar um rádio para que a música afro fizesse aquela natureza-morta estremecer. Ou entrar desejando *boa tarde!* em voz alta, tão alta que fossem obrigados a mover-se, mesmo para me olhar com desagrado, sem dizer coisa alguma. Mas parado na porta – se a câmera mudasse seu enquadramento e substituísse meus olhos pelos olhos de Castilhos ou de alguém postado atrás dele, por sobre seus ombros curvos –, eu também fazia parte daquela cena. Qualquer movimento, o filme andaria.

Entrei. Tão sorrateiro que Teresinha levou um leve susto quando li em voz alta a frase no calendário:

– "Seja o personagem principal em qualquer circunstância". Ela sorriu melancólica, parecia ter chorado.

– Pobre de mim, sou apenas uma coadjuvante. – E acrescentou, apontando minha mesa: – A estrela hoje é você, querido. Acabaram de chegar.

Em cima da minha mesa, entre pilhas de laudas e jornais, havia uma dúzia de rosas brancas e vermelhas. Dessas compradas em floricultura, misturadas a galhos de samambaias e outras florezinhas miúdas, brancas, que pareciam estrelas. Preso no laço de fita azul, um cartão. Durante toda a minha vida, eu não lembrava de ter conhecido alguém capaz de me enviar rosas. Peguei o cartão, Teresinha espiava. Não era um cartão comum, de loja. Em papel de linho sépia, no canto direito tinha as iniciais A. V. gravadas em relevo dourado. Li em voz alta, para que Teresinha não pensasse – eu não sabia o que ela poderia pensar, e fosse o que fosse, não tinha a menor importância:

– "*Obrigado pela emoção. Só mesmo uma sensibilidade especial como a sua poderia lembrar com tanta ternura da inesquecível Dulce Veiga. Venha me ver, talvez eu tenha mais informações*".

Inesquecível, ternura, sensibilidade, emoção: eu não gostava nem um pouco dessas palavras. Embaixo, antes da assinatura barroca de Alberto Veiga, havia um número de telefone. Fiquei pensando numa Parker 51, tampa de ouro, nunca mais vira uma. E levei algum tempo para lembrar daquela foto de canastrão de filme mexicano: o marido de Dulce e, pelo que eu sabia, pai de Márcia.

– Parabéns, você merece – disse Teresinha. – Eu também fiquei emocionada. Lindo texto, muito espiritual.

– Obrigado – falei. E só então lembrei de abrir o *Diário da Cidade* daquela quarta-feira.

Na primeira página do segundo caderno, os blocos de texto emolduravam a fotografia de Dulce Veiga em quatro colunas, jogando para trás os cabelos louros que vazavam as palavras. A qualidade de impressão do jornal era medonha, capaz de fazer louras escandinavas parecerem deusas africanas de insólitos cabelos lisos. Mas por algum milagre, naquele dia, naquela foto, fora preservada a aura serena em torno do rosto dela. Dulce olhava para algum ponto acima da cabeça de quem a olhasse de frente, com tanta firmeza que dava vontade de olhar também, e quase sorria. Seu rosto claro, de maçãs salientes, não tinha nenhuma contração ou ruga. Como se seu estado natural fosse constantemente esse, quase sorrindo, olhando para outro lugar que não era aqui. Onde as coisas fossem diferentes, boas de serem vividas. Mas embora tudo naquela foto desse a impressão devida e alegria, o buquê de rosas sobre ela de repente a transformava numa lápide roída pelo tempo.

Teresinha sussurrou:

– Onde andarás Dulce Veiga?

Talvez morta, pensei pela primeira vez.

Castilhos chamou do fundo da redação. Sem dizer nada, estendeu meia dúzia de telegramas. Rasguei os papéis, atrapalhado com os grampos. E a morte, voltei a pensar, telegramas sempre carregavam um augúrio de morte, venha urgente pt papai passa mal pt, talvez não num cemitério, mas anônima, sem lápide nem rosas, numa beira de estrada, no canto de algum terreno baldio, sob uma pilha de lixo, em algum lugar longe de tudo, porque ninguém sentira o cheiro podre, sem ter sido jamais descoberta. Vinte anos depois, apenas ossos, restos de tecido. Intactas, além de cabelos e unhas, quem sabe as pérolas. Um fio de pérolas tão brancas quanto as vértebras nuas de seu pescoço.

Afastei o pensamento. Os telegramas eram todos de pessoas conhecidas, elogiavam a crônica, queriam saber mais de Dulce Veiga. Nenhuma pista, nenhum indício. Passei-os para Castilhos.

– Muito bem – ele rosnou. E com a brasa do cigarro começou a furar um dos telegramas. – Quer dizer que a sua crônica é um sucesso.

– Não pensei que alguém lembrasse dela.

Castilhos fez outro furo ao lado do primeiro, ficou olhando fixo para ele. Olhei também. As bordas incendiadas crepitaram por um momento, até encontrar as bordas apagadas do outro furo. Então apagaram-se também, para formar um único orifício que lembrava o número oito deitado, assim ∞.

– Escrever tem desses mistérios. De repente, sem esperar, um dia você consegue despertar alguma coisa que está viva dentro de muita gente. – Sua voz era um tanto amarga, talvez ele mesmo jamais tivesse conseguido algo desse tipo. Fez outro furo embaixo dos dois primeiros. E antes que os três furos se unissem, formando um triângulo de extremidades arredondadas, disse com ironia: – Só espero que você não esteja planejando agora deitar em cima dos louros. Ou das louras. E a nossa matéria?

– Já marquei a entrevista. Entrego amanhã sem falta, dá tempo?

– Tempo dá. Mas tem um outro problema. O Rafic ligou, quer falar pessoalmente com

você.

Aquela alegria – era alegria? – que eu começara a sentir com as rosas, os telegramas e tudo, desapareceu de repente. Rafic era o dono do jornal, de prédios, ilhas, iates. Queria agora um canal de tevê e, falavam, andava metido em política. Jamais alguém dizia seu nome, cochichavam apenas *Ele*, onipresença ameaçadora. Nunca aparecia no jornal, mas como uma espécie de Big Brother muçulmano, sabia de tudo que acontecia ali dentro.

– O que é que ele quer?

– Talvez convidar você para um cruzeiro pelas ilhas gregas. Andros, Tenos, Mikonos, Delos, Naros, Terá, Creta – Castilhos recitou. E acariciou o boi de cerâmica. Por um momento o cigarro equilibrou-se entre os dois chifres amarelos, como um terceiro chifre fumegante. Estendeu um cartão: – O endereço do homem. Pede que você vá vê-lo hoje, sem falta às seis em ponto. Não se atrase: o chefe odeia esperar, que se há de fazer?

Com o sol na sete, pensei absurdamente. Para conseguir fazer a entrevista com Márcia, teria que chegar sob um sol inconveniente. Fodam-se Patrícia e seus astros, pensei. Era bom correr.

Braços cruzados, Teresinha contemplava as rosas. Parecia mais O'Connor do que nunca. Talvez pensasse em Dublin, algum amor perdido, com aquela mesma expressão de Anjelica Huston parada nas escadas ouvindo *The lass of aughrim*, em *The dead*. Ausente e sem dor, por isso mesmo ainda mais dolorida. Mas não nevava lá fora, sobre toda a Irlanda, sobre o túmulo de Dulce Veiga. Por trás das janelas da mesa de Castilhos, São Paulo chiava na fervura dos quase quarenta graus de fevereiro. Teresinha suspirava, agora prisioneira na torre Martello de onde, em dias excepcionalmente claros, e hoje talvez fosse um deles, podia-se ver Bray Head.

Pensei em levar as rosas para Márcia, talvez pudessem amansá-la. Mas Vaginas Dentatas deviam odiar flores. Anão ser talvez cactos, antúrios. Fálcos, pontiagudos. Guardei no bolso o cartão de Alberto Veiga, o endereço de Rafic, tirei uma rosa branca do buquê e, com minha mais esmerada inflexão de filme inglês dublado por Herbert Richers, curvei-me e entreguei as restantes a Teresinha:

– Lady O'Connor, embora não o perceba, você sempre será o personagem principal.

Oh, ela levou a mão à boca.

Eu já estava longe. Sem que ninguém percebesse, quase na saída, deixando aquele fotograma voltar outra vez à sua imobilidade, coloquei a rosa branca em cima da máquina de Filemon, peguei o gravador e dei o fora.

23

A casa não ficava no Morumbi, Jardins ou qualquer outro desses bairros chiques. Depois de voltas e voltas, consultas num guia em pedaços onde as ruas sempre continuavam justamente nas páginas que estavam faltando, perguntas nas esquinas e informações do tipo conta três faróis, mas só existiam dois, vire depois à esquerda, mas à esquerda não havia rua

alguma, o motorista do táxi conseguiu encontrar um pequeno sobrado no alto da Freguesia do Ó. Paguei sem reclamar, dinheiro do jornal.

Parecia cidade do interior. Figueira no centro da praça em frente à igreja, meninos jogando bola. Mais estranho ainda, parecia uma casa do interior. Se, claro, eu não olhasse por cima dos telhados baixos para esbarrar na massa pestilenta do rio Tietê, filete de pus sublinhando o perfil da cidade. Era um dia quase sem poluição, o cinza transparente sobre a cidade e o céu de nuvens esparsas tão brancas e redondas que, se eu ainda ousasse escrever maus poemas, seria irresistível compará-las a bandos de ovelhas. Gregas, naturalmente. Talvez armênias. Pelas terras distantes, quem sabe, lembrei de Teresinha O'Connor – sim, certamente era um daqueles raros dias em que se pode ver Bray Head do outro lado –, e me arrependi de não ter trazido as rosas.

Nos dois metros de jardim entre a porta e o muro baixo, que a hera começava a cobrir, não havia antúrios, cactos ou unhas-de-gato. Sobre a grama recém-cortada, cresciam azaléias ainda sem flores, margaridas moles de calor e um jasmineiro. Alguém parecia cuidar bem delas, mas era difícil imaginar uma vagina dentata fazendo qualquer coisa assim. Talvez uma empregada, talvez morassem com os pais. Os pais de Patrícia, claro.

Patrícia abriu a porta. Ela substituíra os óculos gatinho por outros mais pesados, um pedaço de esparadrapo prendendo a haste quebrada, usava um jeans cortado na altura dos joelhos e tinha um livro nas mãos. Não parecia mais tão moderna. Ao contrário, lembrava uma dessas moças com ar de solteirona desde os doze anos. A única coisa contemporânea naquele cenário era a moto estacionada na calçada.

Fiquei tentando ler o título do livro, sem olhar para ela. E quando olhei, embora não fossem sequer três da tarde, percebi que não estava zangada.

– Tive que vir antes. Tenho um compromisso às seis.

– Não tem importância. Eu tinha esquecido que é horário de verão. Com o sol na nove, pode até dar certo. De repente vocês viajam juntos.

Afastou o corpo para que eu entrasse, tinha um vago cheiro de leite condensado. A sala também parecia uma sala do interior, modesta e limpa, um sofá de estampado meio puído, poltronas combinando, guardanapos de crochê no espaldar, nos braços. Mas onde estará afinal o rock and roll, pensei, olhando a parede com reproduções de gravuras inglesas do começo do século.

Uma gata branca e cinza-claro estava escarrapachada numa das poltronas. Patrícia apresentou-a:

– Esta é Vita Sackville-West.

Sentou na poltrona, colocou a gata no colo e fechou o livro. Era Virginia Woolf, *The voyage out*. Na capa verde-claro, no interior de um quarto aberto para uma enseada cheia de navios, havia uma moça recostada num diva de estampado quase igual ao das poltronas da sala. Se estivesse de jeans, a moça da capa, ou se Patrícia também usasse um daqueles vestidos brancos, cheios de babados, seriam praticamente idênticas. Acendi um cigarro.

– Quer um?

– Não fumo. Aponte o livro:

– Ela parece com você.

– Por isso mesmo comprei esta edição – Patrícia disse. Depois, estudada, virou de perfil, tirou os óculos, puxou o cabelo para a nuca e prendeu-o num coque, baixando um pouco o rosto. – Tenho certeza absoluta que sou a reencarnação de Virginia Woolf. Você não acha que sou a cara dela?

Era verdade, ou quase. Faltava certa angústia, ainda. Tentei brincar:

– Pena que desta vez Vita tenha reencarnado como gata.

– Em compensação, tenho certeza que Márcia é a reencarnação de Katherine Mansfield. Desta vez resolvemos essa história.

Well, agora a tarde ficará cada vez mais fria, e enquanto a bruma sobe do rio Ouse, ela vai acender a lareira e preparar um chá, talvez Earl Grey, em bules e xícaras de porcelana com delicadas guirlandas de flores campestres, para esperar Roger e Lytton. Depois, quando já estivermos na segunda ou terceira chávena, chegará o pobre Leonard, carregado de provas das novas edições da Hogarth. E pela noite adentro, sem dar muita atenção ao boletim dos bombardeios transmitido pela BBC, ficaremos lendo em voz alta, encantados, os novos poemas de Eliot. Ou falando mal de Joyce, aquele grosseirão, interrompidos apenas pela chegada do pequeno Quentin e Vanessa – mas quem seria Vanessa? Pouco provável que fosse a tecladista de cabeça raspada ou a japonesa enorme do baixo elétrico – e eu? Quem sabe E. M. Forster, de volta da Índia para encontrar Alec Scudder. Comecei a sentir tão confortável que cheguei a estender os pés para alguma invisível banquetta de veludo adamascado.

– Cuidado – avisei. – Não vá encher os bolsos de pedras e entrar no Tietê.

Patrícia ia responder qualquer coisa. Inteligente, bem-humorada, quem sabe um pouco pedante, mas coerente com a nova Patrícia que, além de fazer com que me sentisse muito bem, tinha belas pernas, queimadas por um sol que Virginia Woolf poucas vezes ou nunca tinha visto. Chegou a abrir a boca, acariciando a gata.

Mas de repente, solo de guitarra, o rock and roll entrou em cena.

Parada na escada de madeira, de calcinha e sem sutiã, completamente fora de propósito naquele suave ambiente *british*, um exemplar do *Diário da Cidade* nas mãos, Márcia gritava:

– Quem deixou esse cara entrar? Patrícia, você me paga. Quem esse idiota pensa que é, me usando como pretexto para explorar a história de uma pobre mulher desaparecida num pasquim escroto de imprensa marrom. E aquela perua O'Connor ainda conta que eu sou filha de Dulce Veiga. Já disse e repito: não sei nada sobre essa maldita história. Não vou dizer porra nenhuma sobre isso porque nem eu mesma sei.

Miando alto, Vita saltou do colo de Patrícia e desapareceu no interior da casa. Márcia jogou o jornal no meio da sala:

– Quero ser reconhecida pelo meu próprio talento. Me recuso a alimentar toda essa necrofilia baixo-astral em torno da minha mãe.

Subiu as escadas, bateu uma porta.

Patrícia jogou o livro sobre a poltrona:

– É assim mesmo. Ela é Leão, uma estrela. Você é Aquário, o oposto. Sabe aquela coisa, se atraem e repelem? – Começou a subir as escadas. De repente parou, voltou-se e afirmou numa voz que soava inexplicavelmente triste: – Tudo vai dar certo. Afinal, vocês têm as luas em conjunção, em Virgem. Já devem ter tido alguma encarnação juntos.

Sozinho na sala, sorri para o sorriso de Dulce Veiga, jogado no chão. "Quero encontrar outra coisa", dizia a lenda. Eu também, suspirei.

A gata voltou, instalou-se em cima do jornal. Talvez não fosse a reencarnação de Vita, mas era sem dúvida muito britânica, apesar de birmanesa, com seus modos contidos, a pequena mancha escura no focinho que lhe dava um permanente ar de enfado aristocrático. Estendi a mão para acariciá-la, mas ela esquivou-se e caminhou para um biombo no canto da sala, tão lenta que parecia me convidar a segui-la.

Atrás do biombo havia uma escrivaninha e uma estante com duas filas de livros. Na de cima, todos os de Virgínia Woolf, incluindo diários, cartas, mais as biografias de Leonard Woolf, Quentin Bell e John Lehmann. Muito manuseados, desordenados, riscados, certamente não estavam ali escondidos para impressionar visitas. Que de resto, naquela distância, deviam ser raras. Embaixo, além do *I Ching*, apenas livros sobre Astrologia, a maioria em inglês. Ao acaso, li os nomes de alguns autores – Liz Greene, Robert Hand, Stephen Arroyo, Dane Rudhyar –, não me diziam nada.

A gata roçou nas minhas pernas, depois pulou sobre a escrivaninha. E lá, entre caixas de incenso indiano, cristais, pedras e inúmeras caixinhas de vários tamanhos e formatos, estava o que imaginei que fosse meu mapa astral, pelo menos havia meu nome no alto da folha. Já tinha visto em revistas, mas não compreendia aqueles sinais dentro do círculo do Zodíaco, ligados uns aos outros por linhas retas, azuis ou vermelhas. Passei a mão pelo dorso de Vita Sackville-West. Ela ergueu no ar a cauda felpuda, depois deixou-a tombar de leve sobre o desenho do que devia ser um planeta em forma de garfo, cheio de traços vermelhos ligando-o a outros planetas.

– Nunca vi um Netuno tão aflito em toda a minha vida – disse Patrícia às minhas costas.

– Só estava dando uma olhada, não entendo nada.

A gata pulou no colo dela. E ficaram as duas me olhando com aquele mesmo olhar um tanto vesgo de Jandira de Xangô, quando via em mim coisas que nem eu mesmo conseguia ver.

– Você deve ter pés tão frágeis – ela disse.

Era verdade. Eu tinha pés magros, fracos, pequenos demais, que tropeçavam e doíam o tempo todo. Pensei que Patrícia ia pedir para que eu ficasse descalço, mas ela fez um movimento de cabeça em direção ao andar superior.

– A superstar está mais calma. Pode subir agora. Enquanto subia, fui compreendendo. No andar de baixo,

Inglaterra, começo do século, flores desmaiadas nos estampados, chá e simpatia. No andar de cima, Nova York ou Berlim, o final envenenado deste mesmo século. A divisão era tão radical que não se podia dizer que fosse maluca. Pelo contrário, parecia perfeitamente equilibrada. Mais ainda quando, pela janela ao lado da escada, vi a pitangueira lá fora: o

Brasil ficava no quintal. Como numa galeria pop exclusivamente feminina, pelas paredes fui identificando pôsters de Janis Joplin, Patty Smith, Tina Turner, Laurie Anderson, Suzanne Vega, Sinéad O'Connor, Madonna, Annie Lennox e outras que eu não conhecia. De brasileiras, apenas Wanderléa, Marina e Rita Lee, vestida de fada. Pisquei para Rita. Se Deus quiser, lembrei, um dia eu quero ser índio. O vago perfume de incenso e chá Mu do andar inferior cedia lugar ao cheiro denso de maconha e cigarros.

A porta do quarto de Márcia estava aberta. Ela continuava de calcinha, mas tinha vestido aquela medonha camiseta das Vaginas Dentatas. Pernas cruzadas, sentada na colcha amarelo-brilhante sobre o colchão colocado direto no assoalho, em frente a um cinzeiro cheio de pontas. Vacilei na entrada, exagerando na atitude de respeito. O temor do macho, uma vagina dentata devia adorar esse tipo de coisa.

– Entra de uma vez, vamos fazer logo esse negócio. Sentei no chão, o gravador entre nós.

– Não vou dizer nada sobre minha mãe.

– Tudo bem – eu disse. Ela acendeu a ponta de um baseado.

– Só vou dar essa porra de entrevista porque Patrícia me convenceu. Ela diz que é bom para o grupo. *Fuck off*: a mídia, esses caçadores de cabeças.

Hã-hã, eu disse.

Com todo aquele sol lá fora, a janela continuava fechada. Na penumbra, além da cama e roupas espalhadas, quase todas pretas, havia uma tevê ligada sem som, vídeo, tape-deck, uma guitarra em pé num canto e um único pôster. Iluminado pelas vibrações coloridas da televisão, o rosto ao mesmo tempo frágil e duro, de maxilares salientes, queixo quadrado e lábios femininos, o rapaz – para minha surpresa era um rapaz – parecia um pouco com Pedro, mas parecia mais Jim Morrison. Um Jim Morrison que não estivesse morto, enterrado naquele cemitério em Paris, nem velho, se ainda vivesse ou, como diziam, escondido e louco em alguma cidade remota da América. Um Jim Morrison rejuvenescido que, de acordo com os tempos, tivesse também descolado os cabelos, e continuasse cantando aquele interminável final de um *apocalypse now* eternamente adiado. Ia perguntar se era realmente ele, alguma montagem – seria possível cortar e oxigenar os cabelos de uma fotografia?

Márcia estendeu o baseado.

– Vamos lá?

Cruzei as pernas, preendi a respiração. Com a ponta dos dedos, ela eriçou os cabelos. Me senti numa *squatter house* em Kreutz-berg, antes da queda do muro. E apertei o botão do gravador.

Márcia Francisca da Veiga Prado não era nome de estrela. Mas esses quatro nomes tinham história. Márcia, modernezas do fim dos anos 60, heranças de JK; Francisca

homenageava a avó goiana, mãe da mãe, diziam que sangue de índia com alemão, estranhos olhos verdes; Veiga vinha de Dulce, e Prado do pai Alberto. Alberto conhecera Dulce quando era apenas um estudante de teatro, e ela uma cantora conhecida. Ele então, no nome artístico, preferira o Veiga ao Prado, mais dramático. Quando a mãe desapareceu, Márcia não tinha dois anos. O pai, filho único, mandou-a primeiro para a avó paterna, no Rio de Janeiro, uma senhora portuguesa bem de vida, viúva num apartamento em Copacabana. Márcia tinha sete, oito anos, quando ela

Me conte a sua vida, pedi meio sem graça. Eu nunca fora nem seria um bom repórter, desse tipo que espicaça e provoca, eu tinha medo de ferir. Quase sem me olhar, Márcia falava de cabeça baixa, acendendo cigarros, roendo as unhas ou espiando de vez em quando a tevê ligada. Espiei também, acompanhando seus olhos, mas não cheguei a descobrir se, numa sessão da tarde qualquer, era *Imitação da vida*, o *Erro de Siuan Slade* ou *O candelabro italiano*. Quando perguntei ela disse que tanto fazia, esses melodramas ridículos românticos caretas de vinte anos atrás, que ela adorava. Sou louca por Troy Donahue, revelou, e achei que se fosse mesmo *Imitação da vida* ela devia achar a mãe Dulce a cara de Lana Turner no papel de Lora Meredith. Mas não morreu atropelada, que se excedia no vinho do Porto. O pai, já então ator e diretor razoavelmente conhecido, mandou-a para a outra avó, a tal Francisca Veiga, num lugar chamado Alto Paraíso de Goiás. De lá eram as memórias mais felizes, tipo banhos de rio, vestidinhos de algodão, tetos de sapê, pés descalços e inacreditáveis noites estreladas. Tinha fotos, se eu queria ver. Márcia cantava pelas estradas procurando o som das asas das borboletas, quando param de voar e tremem brevemente sobre as flores abertas, e o som dessas flores, enormes hibiscos vermelhos, quando o vento louco sopra em suas pétalas, e o das pedras jogadas nas corredeiras, enquanto rolam por baixo d'água batendo em outras pedras, e o do cascalho seco estalando sob o sol em pleno meio-dia, e as estrelas que caem, transformadas numa chispa ao desaparecer no horizonte de trezentos e sessenta graus, no coração do Brasil. Tudo muito poético e bucólico e folclórico, enquanto a avó Francisca, falei nada sobre Dulce, nós tínhamos combinado, só perguntei que-mais ou qualquer coisa assim, evitando falar nas rosas que o pai tinha mandado, e continuei a ouvir suas histórias, decupando na mente aquelas cenas tropicais que pareciam feitas de encomenda para uma futura cinebiografia da artista quando jovem. Ela soava falso ao contar essas coisas, mas essa falsidade, percebi aos poucos, não passava de um jeito de esconder a emoção, porque no fundo, além de todos os filtros glamourosos, alguma coisa daquela história verdejante devia mesmo ser verdadeira. Pelo menos a voz dela, às vezes, era realmente assim como buscara. Eu acendia cigarros, ela acendia cigarros, eu pensava que ela não devia fumar tanto, se queria mesmo preservar tanto sol pela garganta. Ao mesmo tempo, lembrava sua voz radioativa, então editava mentalmente títulos como anjo-contaminado-do-apoca-lipse-pirado-de-dentro-de-todos-nós, e as falhas e que-meio curandeira, aprontava tisanas e ungüentos para capiaus. Honesta, Francisca provava cada uma de suas beberagens antes de aplicá-las. E como numa fábula irônica, um dia, misteriosamente, morreu envenenada por um de seus próprios remédios. Não havia autópsias nem paranóias por lá: só um caixão barato, coberto por terra vermelha. E a certeza angustiosa: não tinha mais ninguém no mundo além de Alberto Veiga. Pai artista, isto é, instável, capaz de todas as vilezas e grandezas num piscar de olhos. Aos quinze anos, Márcia foi mandada para Londres, para "completar sua educação". Segundo Alberto, esse era um sonho da mãe Dulce Veiga,

que ninguém sabia onde andava. Foi lá que conheceu Patrícia, no colégio onde estudava e, um pouco mais tarde, Ícaro. Com ele, que queria ser músico, começaram a tocar em metrô e pubs, e ela suspirou ao falar de Notting Hill Gate, Covent Garden, *I remember you in Ladbroke Grove*, canais de Camden Town, mas na voz eram corretas e estavam certas assim, inteiramente erradas: ela era um rouxinol brilhante de Césio goiano. Não vinha nenhum ruído lá de baixo nem de fora, só algumas crianças gritando longe, na rua de cidade do interior, e quando virei a fita e disse muito bem, vamos à segunda parte de sua vida, ela de repente estremeceu como se sentisse frio. Estendeu a mão para algum lugar e pegou a jaqueta de couro, enrolou-se nela como se fosse um cobertor. Pensei que assim, magra, pálida, os olhos verdes arregalados, aquele cabelo branco, parecia a imagem, negativa, claro, de alguma campanha antidrogas. As partidas, as mortes, os exílios, e tive um impulso louco de adotá-la, cuidar para que bebesse bastante leite, mel, germe de trigo, vitaminas, sais minerais. Mas eu não estava certo se esse tremor contemporâneo, esse ar doentio, essa fragilidade cosmopolita, de repente e apenas não passavam de puro simulacro. As mil faces das pequenas tardes cinza, roupas pretas, cheios de anéis. Patrícia recolhia os *pennies shillings* minguados, Ícaro tocava qualquer coisa eletrônica, Márcia cantava *Guantanamera* de poncho, *Let it be* com purpurina no rosto, *Tico-tico no fubá* com bocas de Cármen Miranda, e também as primeiras músicas dele, com letras dela ou Patrícia, que lia e escrevia o tempo todo num quartinho em Bloomsbury. Se eu queria ver, tinha foto na *Time Out* e tudo. Um dia largou os estudos e fugiu para Nova York com Ícaro. Caíram de boca na heroína, alguém dedou, o pai mandou buscá-la. Estava ficando velho, sentia saudade e remorsos por não tê-la assumido, mandou buscá-la para que ficasse junto dele enquanto envelhecia e pudessem assim reunir os pedaços de cada um. À força, Márcia voltou, tinha dezoito anos, um mês numa clínica, Ícaro veio pouco depois. E Patrícia quase junto. Então brigou com o pai, que ela chamava de Alberto, um careta repressor, conheceu as garotas

Márcia: a frágil, a louca drogada, a órfã rebelde e maldita. Só que eu não conseguia evitar uma tristeza enorme enquanto ela continuava a lembrar de todas aquelas cenas perdidas nas ruas nevoentas de London, London, olhando de vez em quando para o pôster de Jim Morrison com cara de Sid Vicious, abrindo pastas para mostrar fotos, alfinetes nas narinas. Na tevê o filme acabou, entrou um comercial de iogurte, biscoitos, ela apertou o controle remoto e a imagem se foi. Sem a luz da tevê o quarto ficava ainda mais escuro, com qualquer coisa pesada no ar. A voz dela foi diminuindo enquanto eu tentava fazer algumas perguntas, mas ela parecia exausta. Cada vez mais encolhida sobre a colcha amarela, foi ficando quieta, e eu também, porque era tão difícil, eu sabia, voltar para ser aqui e começar finalmente a crescer ou morrer, tanto faz, dá no mesmo. Assim, aos poucos, enquanto os dois íamos parando de falar, o quarto foi ficando cada vez mais escuro, e da banda, pensaram numa coisa assim bem *heavy*, muito *hard*, mas queria romper aqui você sabe como é, e o resto eu já sabia, não? eu olhei em volta, a cara de Jim Morrison na parede, três brincos na orelha, e claro que eu compreendia, compreendia tudo, perguntei se ela queria parar, ela disse que sim, e eu desliguei o gravador.

Perdidamente, pois é assim que se define a ação de quem não sabe aonde vai, nem o que faz, Márcia olhava a fotografia daquele rapaz. Que não era Jim Morrison, nem Pedro ou alguém que eu conhecesse. Acompanhei seu olhar. Pela primeira vez naquela tarde, ela desviou os olhos de onde estavam para olhar meus olhos, que acompanhavam os olhos dela, interceptados no meio do olhar. Entardecia no quarto quase escuro.

Ficamos nos olhando assim, sem saber aonde ir. Os olhos dela: verdes de acrílico, pupilas dilatadas. Os meus: olheiras, cansaço, miopia progressiva. Alguém precisa cuidar de você, menina, pensei. Não sei o que ela pensou. Ao mesmo tempo, desviamos os olhos para procurar, outra vez, a foto do rapaz que parecia Jim Morrison.

Ela disse:

- Esse era ícaro.
- Por que *era*, ele morreu?
- Foi, um ano atrás.
- Overdose?
- Digamos que sim.

No meio do silêncio, talvez por isso, no meio do vazio de repente instalado dentro da minha cabeça, emergiu então aquele nome que Pepito dissera, e perguntei:

- Quem é Saul? Márcia estremeceu:
- Quem?
- Saul – repeti, e outra vez, escandindo as sílabas: – *Sá-ul*, quem é?

Ela bateu a palma da mão na coxa nua:

- Não tenho a menor idéia.

E subitamente, aos gritos de que não tinha tempo, que tudo aquilo parecia um inquérito policial, um absurdo inútil e idiota, que precisava ensaiar e já era muito tarde, que só faltava eu querer saber sua cor favorita, sua posição sexual preferida, que tinha perdido o saco, e ficou em pé no colchão, as pernas fortes, pernas de quem muito andou, abriu violentamente a janela, deixando entrar uma luz dourada dentro do quarto, depois saltou para o meio do quarto, apertou um botão do tape-deck e, ao som de Lou Reed cantando *Walk on the wild side*, jogou a jaqueta num canto e me empurrou para fora.

Enquanto mergulhava outra vez na galeria pop do corredor, ainda pude vê-la de joelhos, curvada no chão, batendo uma carreira de pó na superfície esmaltada da guitarra.

26

Deitada na poltrona, entre o livro de Virginia Woolf e a foto de Dulce Veiga no jornal, a gata lambia as patas brancas. "Vita", chamei baixinho, "Vita Sackville-West." Ela não se moveu. Ausente, parecia contemplar pirâmides no fundo das próprias pupilas, tapetes persas, nas longas noites sem Virginia, ou os gramados de Long Barn. Não havia ninguém na sala. No livro aberto, em tinta roxa, Patrícia sublinhara esta frase: "*As usual in the evening, single*

cries and single bells became audible rising from beneath".

Single cries, repeti, era bonito *single bells*. No Largo da Matriz, um sino começou a tocar.

De repente, apavorado, lembrei que deviam ser seis horas. Eu tinha que encontrar Rafic, o chefão que odiava esperar. Precisaria de um helicóptero capaz de cruzar a cidade até o Morumbi em menos de cinco minutos: dinâmico repórter vence mais uma prova na dura batalha pela sobrevivência. Comecei a andar em direção à porta, mas enquanto andava começou a acontecer também uma coisa completamente paranóica: tive certeza que, de algum canto, Márcia devia estar me espiando, e também aquelas outras três, a gorda de cabeça raspada, a japonesa gigantesca, a negra de trancinhas. Todas escondidas, com suas camisetas de vaginas dentatas, rindo de mim. Espiei atrás do biombo, tudo continuava igual. A não ser por uma varinha de incenso queimando sobre a mesa, quase no fim, a cinza prestes a cair sobre o vértice de uma pirâmide de cristal.

No andar de cima, Márcia aumentara ao máximo o volume do som. Lou Reed convidava: *"Hey, baby, take a walk on the wild side"*. Como se fosse pintada, indiferente aos sinos, ao rock e à minha paranóia, Vita não se movia.

Abri a porta, atravessei o jardim onde os jasmims começavam a cheirar. Enjoativos, fúnebres. A moto continuava estacionada na calçada. Alcancei a praça. Entre crianças e namorados, nenhum táxi à vista. Pensei em entrar de novo na casa, pedir para telefonar, mas as vaginas dentatas à espreita, emboscadas, iriam se deliciar com essa cena de desamparo masculino.

De repente eu a vi outra vez, do outro lado da rua.

Foi muito rápido. Dulce Veiga estava parada na porta da igreja, com um vestido leve, de verão. Ao me ver, ela estendeu o braço para cima, em direção ao céu, como sempre fazia, depois baixou-o e desapareceu dentro da igreja. Desviei do anjo louro erguendo o peixe de prata no meio do chafariz, mas a boca do peixe estava completamente seca, não saía nenhum jato d'água dela para encher o tanque redondo entupido de copos de plástico, pedaços de jornal, camisinhas usadas, pontas de cigarro, um querubim no meio do lixo.

Eu deveria ter voltado, para telefonar ou descer a ladeira até encontrar um táxi, cruzar a cidade o mais rápido que pudesse, enfrentar Rafic, a fera muçulmana disposta a fazer quibe cru dos meus colhões. Mas irracional, irresponsável, atravessei a rua atrás dela.

Uma moto freou, o gravador caiu no chão. Um cara de cabeça raspada gritou:

– Quer morrer, veado?

Peguei o gravador todo arrebitado, a fita escapava de dentro. Se fosse uma máquina fotográfica, o filme estaria velado, e para sempre perdidas as comoventes confissões de Márcia F. Na praça, todos olhavam. Continuei andando, sem olhar para trás. Da janela do sobrado, Márcia Felácio e as Vaginas Dentatas deviam estar assistindo a tudo. Enquanto eu subia os degraus da igreja, o cara ainda gritou:

– Ai-ai querida, vai ver que ela é filha de Maria.

Não voltei, as orelhas em fogo. Covarde, gemi para mim mesmo, fracote. Entrei na igreja, parecia vazia, nenhuma outra porta aberta a não ser aquela por onde eu entrara. E

Dulce Veiga não estava lá. A única pessoa dentro da igreja, ajoelhada ao lado do altar principal, era Patrícia. Olhos fechados, ela rezava aos pés da imagem de um santo negro, colocado sobre uma urna de vidro. Toquei seu ombro, ela olhou para cima:

– Onde está Dulce Veiga?

– Não sei – ela disse –, não sou detetive.

– Eu a vi entrar na igreja.

– Você está louco, estou aqui há meia hora, não entrou ninguém. – Patrícia apontou para a imagem do santo, levou o indicador à boca, pedindo silêncio, e sussurrou: – Faz um pedido. Faz que ele atende.

No vidro da urna havia um papel contando a história de um certo beato Antônio de Categeró, escravo que virará monge franciscano, depois eremita, e morrerá na Itália, quinhentos anos atrás. Meu Deus, pensei. Pero Vaz de Caminha acabara de mandar a tal carta. Dentro da urna, estendidos num estojo aberto, dois ossos do antebraço do beato. Era meio nojento, e eu não entendia como aqueles ossos pequenos, finos, tinham vindo parar no alto da Freguesia da Nossa Senhora do Ó, se o santo era italiano, africano ou brasileiro. Patrícia puxou a barra da minha calça.

– Faz um pedido – insistiu.

Eu fiz: pedi para descobrir onde andaria Dulce Veiga. Me benzi rapidamente, sem ajoelhar, eu tinha que correr para a casa do maldito Rafic.

– Estou atrasado, tenho que ir até o Morumbi.

Patrícia benzeu-se. Beijou as pontas dos dedos, encostou-os na urna com aqueles ossos, depois tocou de leve na própria testa. Mesmo com seu novo ar de solteirona precoce, não combinava com aquela cena. Nem eu. O rosto dela parecia muito sereno quando levantou.

– Eu levo você de moto – disse.

Talvez, afinal, eu devesse começar a acreditar em milagres. Em rezas, em sonhos, em delírios.

27

O vento batia na cara de E. M. Forster, equilibrado na garupa da motocicleta de Virgínia Woolf. A cara dele era queimada pelo sol de Calcutá, Nova Délhi, talvez Poona. Ela parecia magnífica com seu capacete de astronauta, jaqueta e botas de couro negro. Desviava dos ônibus, costurava em ziguezague entre os carros, fazia curvas como quem desafia a gravidade no globo da morte, quase deitada no asfalto, passava embaixo dos espelhos retrovisores dos caminhões. Pessoas gritavam coisas ao vê-los passar, eles não ouviam. Os cabelos longos dela escapavam por baixo do capacete para fustigar os olhos desprotegidos de Edward Morgan Forster, agarrado na cintura de Virginia Stephen Woolf, sessenta ou setenta anos depois, de volta da Índia.

Para rever Alec Scudder, pensei. E enquanto cruzávamos as marginais, entre nuvens de

fuligem, desta vez sem medo algum, lembrei exatamente de como conhecera Pedro.

28

Pedro era tão claro que, no escuro, quando estava nu, eu ficava olhando para ele à espera de que sua pele fosforescesse como roupa branca na luz negra. Talvez por isso, por outras coisas também, a primeira vez que o vi tive uma sensação de dourado. Digo sensação porque, no primeiro momento, não vi seu rosto, seu corpo, a dimensão que ocupava no espaço. Vento, poeira. Tudo isso, que vinha dele e soprava sobre mim, era dourado.

Eu estava quase dormindo quando ele entrou numa daquelas estações de metrô meio desertas depois das dez, onze horas da noite. Ponte Pequena, Tiradentes, Luz, nunca vou saber qual, nunca vou saber de onde veio, naquela vez e em todas as outras. No vagão vazio, apenas eu sentado num canto, a mochila entre as pernas, morto de sono depois de mais uma daquela viagens de ônibus ao Rio de Janeiro, ele podia ter sentado. Foi assim que pensei quando a porta se abriu e entrou alguém que eu ainda não sabia que era ele, e não abri os olhos, porque não valia a pena, eu não procurava ninguém, naquele tempo. Pedro não sentou, embora todos os lugares, a não ser o meu, estivessem vazios. Ficou parado à minha frente, a mochila exatamente entre seus dois pés abertos. E seus pés, em sentido oposto, quase colados nos meus, ridículos, malucos. Como se dançassemos, dois homens estranhos e sozinhos, no vagão do último metrô.

Nesse momento, começou a acontecer aquela sensação. Ainda sou capaz de lembrar como, pouco antes devê-lo parado à minha frente, fui abrindo devagar os olhos. Como se despertasse enquanto alguém abria a janela, tomado por aquela mesma sensação de dourado de quando amanhece ou anoitece nos dias claros de luz, e o sol, um instante antes de surgir ou sumir Joga sobre o horizonte todos os seus presságios, e se você souber olhar, como os homens do campo e os bichos parecem saber, poderia perfeitamente profetizar como será esse dia ou essa noite que começam ou terminam, até mesmo o dia e a noite seguintes, e muitos outros. A estação inteira, se tiver esse olhar, você pode. Desse mesmo jeito, feito bicho ou homem do campo, embora não fosse nenhum dos dois, quem sabe por estar suspenso à beira do sono, por outras coisa também, assim o previ, antes devê-lo.

Dia após dia, no começo claro, e uma por uma de todas as estações de Pedro, antecipei. Depois, igual a essas nuvens douradas nas bordas e roxas no centro, que à medida que o sol sobe ou desce, nasce ou morre, vão transbordando lentas a escuridão do roxo em seu núcleo, enquanto o dourado se desfaz tão rápido que, se você piscar, num segundo eleja não está mais ali, e enquanto você se pergunta mas como? ou para onde foi? porque o roxo quase negro tomou toda a superfície da nuvem e, ela mesma, além da nova cor, já ganhou também outra forma súbita e inteiramente diversa. assim ele se tornaria. Por enquanto, não, por enquanto eu tinha apenas uma sensação de dourado.

Erguendo os olhos para o rosto daquele homem jovem que eu ainda não Sabia que era Pedro, entre os solavancos do trem, do lado oposto da barra amarela que afunda pelo túnel, tomado por aquelas sensações e todas essas outras que tento especificar agora, algumas sem nome, como aquele calafrio crispado e gozoso da montanha-russa, um segundo antes de

despencar no abismo, esbarrei num rosto claro que oscilava de um lado para o outro, eu não sabia se pelo balanço do trem ou se estaria um pouco bêbado.

Devia ser sábado, passava da meia-noite.

Ele sorriu para mim. E perguntou:

– Você vai para a Liberdade?

– Não, eu vou para o Paraíso. Ele sentou-se ao meu lado. E disse.

– Então eu vou com você.

29

Não foi difícil encontrar a casa de Rafic. Na curva da Avenida das Magnólias, seria impossível ignorar aquele número 58 brilhando em neon rosa no começo da noite. Samambaias verdejantes despencavam em cascatas no jardim suspenso, mas insuficientes para ocultar o grafite no muro daquele bolo de cimento coberto de antenas parabólicas. Com spray vermelho alguém escrevera *Turcão Bundão*, bem ao lado de um enorme falo esportando notas de cem dólares. Rico como era, não entendi por que ele não mandava pintar ou raspar aquele negócio. Mas talvez, fui pensando, talvez achasse excitante aquele falo, aqueles dólares.

Desci da moto, pisei numa carta de baralho caída no chão. Antes que pudesse vê-la, Patrícia pegou-a. Era um rei de espadas.

– Cuidado com esse homem – ela disse. E desapareceu na curva, atrás da ilha de bananeiras.

O portão abriu-se, olhei para cima, para a câmera do circuito interno de televisão, precisei me conter para não dar adeusinho. Pelo menos minha aparência, acho, não era suspeita, embora me sentisse um bocado sujo. Meus jeans desprendiam aquele cheiro de cachorro molhado de chuva, de roupa seca na sombra, passada a ferro ainda úmida. Esse cheiro, misturado ao suor, à fuligem das ruas, devia criar em torno de mim uma aura pestilenta. Para agravar as coisas, o perfume de dama-da-noite solto no jardim me dava vontade de vomitar.

Cheguei a estender a mão para a amurada de cimento. No alto da escadaria, entre crisântemos impecáveis, polpudos, amarelos, espiava um anão de cerâmica. Parecia o Zangado. No meio da orgia de bananeiras, palmeiras nanicas, espadas-de-são-jorge e outras plantas de folhas agudas, lustrosas, que pareciam de plástico naquele excesso de esplendor, apareceu de repente um mordomo. Nada britânico, apesar do uniforme e luvas brancas. Lembrei do mordomo filipino de *Reflexions on a golden eye*, não era difícil imaginar o soldado se espojando nu naqueles gramados, enquanto Marlon Brando espiava. O sotaque cearense cortou a fantasia:

– O senhor é o moço do jornal, é não?

Falei que sim. E segui-o pelos degraus, usava sandálias havaianas. Estendeu a mão para a parede envidraçada, depois sumiu. Imensa como um navio, a sala era toda branca. Os

tapetes, as paredes, sofás e poltronas, a mesa com tampo de vidro cheia de prataria baiana. As cores estavam apenas nos quadros acima dos sofás. Primitivos, tropicais, laranjas e verdes e azuis berrantes, bandeirolas de São João, ladeiras, igrejinhas no topo de colinas, selvas com tucanos e araras de bicos e penas resplandecentes, palmeiras e luas cheias solitárias pairando sobre marés encapeladas. Tudo isso em torno do que devia ser a peça principal: em moldura dourada, o retrato de uma mulher loura, empinada, com uma águia entre as mãos.

Fiquei vagando no meio daquilo, com meu cheiro que empestava o ambiente. Das caixas de som colocadas no alto saía uma música tão familiar que custei a reconhecer Ray Conniff.

Sem me atrever a macular a alvura dos sofás, cheguei mais perto de um quadro que lembrava Di Cavalcanti. Eu precisava mesmo de óculos: era uma mulata extremamente parecida com aquela que Castilhos publicara a foto.

– Muito bem, muito bem. Beleza, vejo que tem bom gosto – disse uma voz.

Eu me virei, o gravador caiu no chão, a fita saiu para fora outra vez, levei um bom tempo até conseguir enfiá-la lá dentro, sorrir e estender a mão para Rafic. Era um cinquentão grande, forte, de ombros largos e cabelos inteiramente grisalhos contrastando, ensaiados, com as sobrancelhas cerradas e os bigodes negros. Usava um terno de linho branco, a camisa vermelha aberta exibia três correntes de ouro entre os pêlos negros abundantes. Cheirava a Paço Rabanne *pour homme*, e isso fez com que voltasse a consciência fatal do meu próprio cheiro. Para o próprio bem dele, tentei ficar o mais longe possível, mas Rafic insistia em se aproximar e dar palmadas nas minhas costas.

– Já sei que é um grande apreciador de arte, Castilhos me contou tudo a seu respeito.

Fiquei imaginando que tipo de coisa Castilhos poderia ter contado. As unhas esmaltadas de Rafic apontaram o quadro da mulata:

– Não é uma verdadeira obra-prima? Minha última aquisição, sou um colecionador exigente, você sabe. Rapaz novo, mas muito original. A moça é modelo, atriz, cantora. Puta talento, puta mulher. Até pedi a Castilhos que desse uma força no jornal.

– Muito expressivo – eu disse. A náusea voltava, mais forte. Rafic me puxou pelo braço para um bar também branco, no canto da sala. As qualidades da mulata, do pintor, de Castilhos, do jornal – e as minhas, temi. Ele me empurrou para cima de um banquinho branco, deu a volta no balcão, debruçou-se na minha cara. Ornar Sharif no papel do magnata grego, o senhor embaixador de Érico Veríssimo. Mostrou a vitrine de bebidas.

– Vai querer o quê? Tudo estranja, legítimo.

Tinha pensado numa singela água com gás. Mas diante daquela visão do paraíso – Cutty Sarks esplendorosos, Gordons translúcidos, Fundadores dourados – sucumbi à tentação.

– Jack DanieFs, puro.

– Seu sacana – ele riu, dentes de ouro ao fundo dos bigodes negros. – Não falei que tinha bom gosto?

Encheu primeiro meu copo, depois o dele, JB com gelo. No minuto de silêncio em que o líquido caía dentro do cristal, fiquei tentando lembrar se aquela música seria *Aquellos ojos verdes*, ou seriam negros? Bebi o primeiro gole, cheirava a madeira perfumada. "Sê como o

sândalo", lembrei – de onde? – "sê como o sândalo que perfuma o machado que o fere", parecia frase do calendário Seicho-No-Ie de Teresinha O'Connor. Num painel ao lado das bebidas havia várias primeiras páginas do *Diário da Cidade*, desde 64 ou 68, transformadas em pôsters. Numa delas, li: "Comunismo finalmente extinto do país".

– Castilhos falou que o senhor queria.

O anel de ouro brilhou no tampão do balcão. Tinha uma águia em relevo.

– Pelamordedeus, *senhor*, não. Ainda estou enxuto.

– Castilhos disse que *você* queria falar comigo. O anel chispou sob os cristais do lustre.

– Be-le-za, uma verdadeira beleza o que você escreveu sobre Dulce Veiga. Minha mulher Silvinha chegou até a chorar, ela é muito sensível, pobrezinha. Que talento, que sensibilidade, que – que doce amargura –, meu caro jovem.

Meus ombros se soltaram: ainda tinha um emprego.

Rafic deu a volta no balcão, sentou à minha frente e abriu as pernas. Devia ter pau grande, pensei sem querer. Mocassins de cromo alemão, mas as meias vermelhas combinando com a camisa pareciam sintéticas, com frisos do lado. Então lembrei, eu já o tinha visto. Era aquele homem de mãos dadas com Dulce Veiga numa mesa de boate, na foto do arquivo. Não sabia bem se na festa de entrega do prêmio a Leniza Mais ou com Lilian Lara, pensei em falar nisso, já que estava tão interessado talvez ele soubesse onde, afinal. Mas o Jack Daniel's, a dama-da-noite invadindo as portas abertas, o Pacco Rabanne e o meu próprio cheiro estavam retardando meus reflexos. Além disso, ele não parecia interessado em ouvir.

– O dia inteiro, um sucesso. Desde manhã cedo, uma loucura. Agências de publicidade, canais de tevê, gravadoras. Todo mundo quer saber onde anda Dulce Veiga. Um editor quer publicar uma biografia dela, tem produtor já armando programa especial, não sei que lá. Gente dando depoimento, até me convidaram. Só falta uma coisa.

Deu um gole no uísque, cravou os olhos em mim. Eu estava ocupado em ler outra manchete do jornal: "Militares moralizam o país". Ele aproximou o rosto, cravos na ponta do nariz adunco, aquela pele avermelhada de quem bebe bem, e há muito tempo. Como um segredo, revelou:

– *Ela*: encontrar Dulce Veiga. Só isso que falta.

– Certo – eu disse. E peguei um cigarro.

Ele acendeu, o isqueiro de ouro tinha uma águia gravada na tampa, igual à do anel. Tornou a encher os copos.

– Portanto, meu caro e talentosíssimo rapaz, a partir deste momento você está dispensado de cumprir horário no jornal. De agora em diante seu trabalho vai ser exclusivamente esse, beleza. Um trabalho delicioso, encontrar nossa querida Duke Veiga.

– Mas ela pode estar morta num terreno baldio, numa beira de estrada – completei –, sem lápide nem flores. – Tudo era meio vertiginoso. E cheirava pior que eu.

– Estou certo que não. Verdade que ela teve uns envolvimento estranhos por aí. Na época da bendita revolução. Guerrilheiros, subversivos, gente dessa laia. Coisa de artista,

você sabe.

Infelizmente, pelamordedeus. Por isso mesmo deve ter fugido. E *nós* vamos encontrá-la, custe o que custar. – Não sei se.

– O que for preciso. Pesquisa, entrevista, viagem. Basta você telefonar, eu autorizo, carta branca. No balcão do aeroporto, na hora, qualquer coisa.

Mas é que, tentei dizer.

– Inclusive me resolve um problema no jornal. Que é justamente *onde* aproveitar alguém do seu cacife. Falta de vagas, recessão, infelizmente você sabe. Assim você fica como repórter especial, me tira até um peso da consciência por não poder aproveitar alguém do seu gabarito, entende?

Eu entendia. Era bastante objetivo.

– A notícia do ano, beleza. O nome do *Diário da Cidade* por cima outra vez. E o seu, meu caro jovem. Pode até escrever um livro, editor não falta, pagando os tubos. Em dólar: *Onde andará Dulce Veiga?*, já pensou. Um sucesso, como você sabe, sou muito bem relacionado. E confidencialmente, não conte a ninguém pelamordedeus, ando pensando em me candidatar. Deputado, senador, convites não faltam. Você parece esperto, pode até trabalhar comigo, beleza. Que tal uma assessoriazinha de imprensa?

Eu estava ficando bêbado. Navio em alto-mar, num dia de tempestade, a sala branca girava. Imaginei Márcia sentada no chão, de calcinha e camiseta de vagina dentata, batendo uma carreira de pó no vidro daquela mesa, entre pratarias baianas. Branca como a sala, a cocaína brilhando entre cajus de prata. E Jim Morrison na parede, três argolas na orelha. *This Li the end*, arrotei, ele não notou.

Rafic estendeu a mão:

– Topado?

Era pegar ou largar. Apertei a mão dele, não tinha jeito. Eu ia começar uma lengalenga que não era detetive nem nada, e que nem a própria filha de Dulce sabia onde, quando uma mulher entrou na sala. Loira, toda vestida de verde, colares pesados de ouro, ela brilhava no meio do branco. Era a mulher do retrato, faltava a águia entre as mãos. Nervosa, estalava os saltos nas tábuas entre os tapetes.

– Silvinha, meu anjo, este é o jovem autor da crônica sobre Dulce Veiga.

Ela estendeu a mão fria, cheia de pulseiras. Tinha pelo menos vinte anos menos que ele, mas os olhos, a boca e os peitos começavam a despencar, na sala de espera da primeira plástica. Olhos pretos astutos, gestos lerdos de quem toma barbitúricos, eu também já a tinha visto. Claro: era "a deslumbrante Silvinha Rafic", sempre citada com fotos na coluna de Teresinha O'Connor, presente nas entrevistas das madrugadas de sábado na tevê.

– Como vai – ela disse, voz arrastada. – Você escreve super-bem.

Rafic passou a mão em sua cintura, puxou-a para os joelhos. Ela afundou as unhas vermelhas nos pêlos dele, entre as correntes de ouro. Por baixo da camisa vermelha, beliscou um mamilo cabeludo. Deviam trepar bem, pensei. Coito anal, oral, nada ortodoxo.

Ele gemeu:

– Silvinha também é poeta. Publicou dois livros, faço questão que você leia. Dá um livro a ele, meu bem, dá o *Suspiros de outono*, ilustrado pelo Ubirajara Trindade, publicado pelo Massao.

Ela bocejou, olhou o Cartier:

– Outra hora, Rá. Estamos atrasadérrimos, a Joyce está esperando no Rodeio.

Suspirei aliviado, Rafic também:

– Assim ele torna a nos visitar. Gosto de conviver com os jovens. Quem sabe uma noite daquelas bem artísticas, faz tempo que a gente não. Podia chamar o Valdomiro Jorge, conhece o Mirinho?

– De vista – eu disse. Era um cineasta de sexta categoria, agora metido em política.

– E a Salete de Souza, o Betinho Simpsom, a Selma Jaguarauçu, o Luisito Barroso, a Lazineira Mello e Silva, o Nenê de Vasconcelos, a Aurore Jordan – o ouro falso dos nomes reluzia no meio da sala branca.

Silvinha bebericou o uísque dele, depois serviu-se de uma dose de campari. Franziu o nariz, talvez sentisse meu cheiro, depois caminhou até o sofá, parou no meio do caminho, apertou uns botões. Ray Conniff emudeceu, a voz de Simone despencou sobre a sala. Ela sentou, cruzou as pernas, começou a folhear uma *Vogue* estrangeira. Faltava uma cadela poodle tingida de rosa a seus pés. E os créditos de *Dallca* subindo sobre a imagem congelada.

Rafic me empurrou para a saída. Não foi difícil, eu estava fora de combate. Do lado de fora, surgiu novamente o mordomo nordestino. A náusea voltava, eu tinha que me controlar pelo menos até a Avenida das Magnólias. Através do vidro, Silvinha deu adeusinho.

– Apareça – convidou entediada. – Nossas festas são bárbaras, saem em todas as colunas.

Rafic me puxou para um canto mais escuro. Longe dos olhos de Silvinha, perto de outro anão de cerâmica. Pelos óculos, esse devia ser o Mestre.

– Fala franco, rapaz, você está muito duro? Apertei o gravador.

– Como?

– Duro, liso, quebrado, a pão e água. Pelamordedeus, eu sou um homem que veio do nada e se fez na vida. Ninguém como eu compreende essas coisas.

Antes que eu talvez recusasse, mas não sei se seria capaz, ele meteu a mão no bolso, arrancou uma carteira de couro legítimo, com outra águia lavrada, abriu-a, tirou um monte de notas. Sem contar, enfiou-as no bolso da minha camisa.

– Para os primeiros passos da Operação Dulce.

Fui descendo a minisselva tropical, seguindo as havaianas do mordomo. Parado no portão, olhei para trás e vi Rafic outra vez. Todo de branco no meio do verde, uma mão erguida no ar, parecia um almirante em alto-mar. Os dedos abertos formavam o V da vitória. Ou vício, vingança, vergonha, voragem, vertigem, pensei, eu estou bêbado.

– O que for preciso – ele gritou. – Qualquer, qualquer coisa para encontrar Dulce

Veiga. Nosso rouxinol perdido, beleza.

Tropecei para fora. Um vento viscoso, cheirando a azedo, vinha do rio Pinheiros.

– Vai com Deus, moço – disse o mordomo. E fechou o portão.

30

Há tanto tempo eu não jantava fora. Era como ir ao cinema.

Mesa no canto, azeitonas pretas sem caroço, pão com gergelim, patê de berinjela, bloody mary. Um, dois cigarros. Na frente do rapaz a cara de Rupert Everett em *Dancing with a stranger* e do casal em crise, Rita Tushingham e Tom Selleck, pizza, guaraná, silêncio farpado. Elis Regina numa FM suave, sentimental eu fico, quando pouso na mesa de um bar, eu sou um lobo cansado, carente. Ao ponto, filé ao molho madeira, gordos champignons, batatas fritas, arroz à piemontesa. A loura com perfil de Grace Kelly, pena o moleton, turma da repartição cantando parabéns para Antônio Moreno, vinho riesling ou cabernet? Cerveja desce melhor, mas vinho chapa, que vengam el toro. Uma garfada, um gole. Torta de limão, água com gás. Outro cigarro, café com chantili, licor de strega flambado. Da mesa ao lado Paula Prentiss e Daryl Hannah olham excitadas a chama azul, Mel Gibson e Alan Ladd fingem não ligar. Mais três, quatro cigarros, ar de Humphrey Bogart, se queres saber se eu te amo ainda, Nana Caymmi na FM, procure entender a minha dor infinda. Outro café, outro licor, sou amigo de Fulano, guardanapo de linho, Belmondo e Carmen Maura de mãos dadas logo à esquerda. Cinco, seis cigarros. Conta paga, gorjeta excessiva, volte sempre, quem me dera. Na saída, os olhos ávidos de Shelley Duvall ao lado de Woody Allen. E o bafo espesso da Oscar Freire sem brisa na noite de fevereiro. Kim Novak passa num Monza cinza, desce no L'Arnaque.

Ainda sobrava muito do dinheiro de Rafic. Primeiro passo da Operação Dulce: encher o bucho. Eu poderia pensar que não tinha a menor vergonha na cara, mas sem pensar nada, só uma náusea persistente, ia subindo, depois descendo a Augusta, coração sereno como uma bomba-relógio. Não estava certo, pensei, mas tudo estava certo, lua cheia atrás da torre da Paulista. Cio no ar, presa na esquina.

Foi quase em frente ao Long champs que ela barrou meu caminho. Da maneira clássica, pedindo fogo. Era ruiva, cabelos frisados até os ombros, *colant* justo azul-turquesa. Não usava botas, mas sombra verde nas pálpebras. Quase um ano sem trepar, enumerei: do mundo nada se leva, a vida é para ser vivida & etc. James Dean envelhecido e Kim Bassinger paraibana, frente a frente numa ilha da América do Sul. Os pássaros sobrevoaram nossas cabeças gritando *here and now! here and now!*

Joguei o jogo de jogar o jogo, estilo Dalton Trevisan:

- A fim duma transinha?

– Pode ser, qual que é?

– Ninharia, baratinho.

– Quanto, gatinha?

- Quinhentos o instante, a hora mil.
- E a chupetinha gostosa?
- Seiscentos valeu?
- Valeu, mas.
- No hotel da Peixoto tem que pagar o quarto.
- Quem sabe em casa, maior astral. E mais barato.
- Mora só, tesudão? – Fora Deus.
- Limpeza, em cima?
- Do lado, antes da Praça Roosevelt.
- *Oquei*, sabe que você parece o garoto do Bom Bril?
- Bom Bril eu vou te mostrar.
- Duvi-dê-o-dó.
- Como é seu nome? – Viviane na rua. Na real é Dora.
- Rainha do frevo e do maracatu?
- Rainha até pode ser, moço. Mas o eu eu não dou não.

31

O elevador continuava quebrado, ninguém nos corredores. Embaixo da porta, só a conta de luz, que nem olhei. Depois da faxina de Jacyr, o apartamento cheirava a pinho-sol, veja campestre. Ele era bom nessas coisas. Em outras também, eu supunha. Larguei o gravador em cima da mesa. Sobre o disco de Márcia, um bilhete de Jacyr: *"É bárbarô, vossê é amigo dela, me conçegue um de presente bofe"*. E o poema, o poema ainda estava lá, manchado de café. A única mancha do apartamento, parecia proposital. Tive um impulso de guardá-lo imediatamente, junto com todas as outras lembranças de Pedro, que recolhera e escondera de mim mesmo. Dora – Viviane esperava, não tenho a noite toda, gatão.

Ela me empurrou sobre o sofá, por um segundo desejei que fosse embora. Seria complicado expulsá-la, mais complicado do que apenas recostar nas almofadas, abrir as pernas enquanto ela sentava no chão. Puxou o zíper dos meus jeans, não parecia se importar com o cheiro de cachorro molhado. Devia conhecer piores, anos de calçada. A gritaria da rua entrava pela janela aberta, junto com a luz mortuária do Happy Days, Elba Ramalho em tocafitas de carro e Jacyr no Quênia's Bar, bebendo cerveja com o rastafari, orgulho da raça nagô, vinte e cinco centímetros. Dora desceu minhas calças até os tornozelos, com os pés descalcei os sapatos. Por cima da cueca, ela passou a mão no meu pau, enfiou-a por dentro do tecido, fechei os olhos, podia ver quem quisesse em seu lugar, eu era louco por Diane Keaton, por Deborah Bloch, sempre as ruivas, afundei mais nas almofadas. Vamos dançar lambada, bichinho, ela disse, e baixou também minha cueca, o sotaque estragava tudo, tentei me concentrar outra vez, a mão molhada de suor avaliava o peso dos testículos, depois apertou a base do meu pau, lambeu a glândula como quem prova um sorvete ruivo, um sorvete de

maracujá, talvez Patrícia Pillar, não Woolf, ele fremiu de encontro ao céu da sua boca. Ela subiu a mão por baixo da minha camisa, beliscou um dos mamilos, as unhas ciclâmen de Silvinha entre os pêlos de Rafic, filho da puta, gemi, e Dora começou a lambê-lo suavemente, da base até a glândula, afastando o, prepúcio. Cruzei as mãos na nuca para não tocar em seu cabelo tingido, suas pálpebras verdes, Nora Barnacle, tira minhas calças, pedi, e ela tirou, como uma escrava, Lou Andreas Salomé, tira minha cueca, as meias também, Frida Kahlo, e ela tirou. Abri mais as coxas, ela ajoelhada no meio, dava voltas com a língua, pequenas pancadas, depois enterrava-o no fundo da garganta, uma das mãos no mamilo, a outra segurando os testículos, mais fundo, pedi, luz apagada, Marilyn Monroe descendo *the river of no return*. Ele ficava cada vez mais duro, mais empenado, apenas os sons da rua lá longe, gritaria, baixaria, empurrei com força o corpo para a frente, ela recuou assustada, depois entendeu, aceitou o ritmo. Eu empurrava, ela recuava, eu recuava, ela avançava, inteiro na boca, areia movediça, pantanal. Tirava às vezes para respirar, eu pedia não pára, volta aqui, volta já, e ela voltava, fode gostoso a tua cangaceira, ela gemeu. Branco canalha, rainha do frevo, ô Dora, sulista escroto, gaúcho metido,

Dada Corisco, fodendo o agreste. E lá no fundo da garganta, quase gozando e rindo, olhos fechados para ver longe dali, sem que nada no corpo dela, além da boca, tocasse meu corpo além do pau, desta Vez deliberadamente, com todos os detalhes, enquanto enchia sua boca de esperma, continuei a lembrar de Pedro.

32

Descemos juntos no Paraíso.

Viramos os últimos bares, eu e Pedro, bebendo cerveja com Steinheger, depois conhaque à medida que a noite esfriava.

Falávamos como se nos conhecêssemos há anos. Há vidas quem sabe.

Quando todos os bares fecharam e o dia começava a nascer nos lados da aclimação, convidei-o para vir até o apartamento onde eu morava há menos de um mês, desde que Lídia se fora.

Não havia quase nada lá. Um colchão, roupas espalhadas, discos, livros, uma garrafa de vodca ou uísque pela metade.

Sentados no chão, ficamos bebendo, fumando, ouvindo uma velha fita de Bola de Nieve que, não sei porque, ele trazia no bolso.

Cada vez mais clara, a luz da manhã varava as folhas de jornal que eu colara nas vidraças. Feito uma cortina de crimes, intrigas e miséria.

Tínhamos quase a mesma idade, nenhum dinheiro, mulher ou filho. Ríamos sem parar das nossas vidas e das alheias.

Bola de Nieve cantava yo era como una barca solitária en el mar y surgiste en mi vida.

Ficávamos cada vez mais bêbados.

Tentei levantar para fazer café, mas Pedro tornou a encher os copos. E me puxou para

junto dele, contando que morava longe, que não queria voltar para casa naquela noite, que brigara com o irmão, a cunhada, Os sobrinhos.

A voz de Pedro era rouca e lenta. Mau rouca e mais lenta por causa da bebida, dos cigarros, das palavras muitas, da manhã nascendo.

Comecei a cochilar enquanto ele perguntava se podia ficar ali, se podia ficar comigo. Claro que sim, era tão simples.

Quase dormi, não lembro. Quando acordei, ele me beijava.

O beijo de Pedro não era desses de amigo bêbado, encharcado de álcool e solidariedade masculina, carência etílica ou desespero cúmplice.

A língua de Pedro dentro da minha boca era a língua de um homem sentindo desejo por outro homem.

Ele era bonito. Todo claro, quase dourado.

Tentei afastá-lo, repetindo que nunca tinha feito aquilo. Eu gostava de mulher, eu tinha medo. Todos os medos de todos os riscos e desregramentos.

Ele beijava minha boca, minha faces, meus olhos, meus cabelos, minhas mãos, meu pescoço, meu peito, minha barriga.

Eu parecia uma donzela assustada.

Eram ásperas demais as barbas amanhecidas roçando uma na outra, os músculos duros dos braços, das pernas, os cabelos raspados na nuca, os pêlos no peito. O cheiro, os toques, todo o resto: inteiramente diverso do amor de uma mulher, que era o que eu conhecia.

Pouco e mal, e quase sem prazer, mas era assim que tinham me ensinado que devia ser. Assim eu conhecia o amor das mulheres.

No meu ouvido, Pedro repetia que não podíamos fugir daquilo, que estávamos predestinados, que fora um encontro mágico, que precisava de mim para não morrer de solidão e abandono e tristeza. Eu deixava que repetisse todas essas coisas de fotonovela, de melodrama, de latino América, que continuasse a me beijar.

Dormimos juntos vestidos, abraçados.

Quando acordei, pelo apartamento não havia outro vestígio dele além dos filtros brancos dos cigarros que fumava, no cinzeiro cheio.

Eu não sabia se voltaria a encontrá-lo, eu não sabia se queria que voltasse. Eu estava aterrorizado pela idéia de gostar de outro homem.

Ele voltou, dias depois.

Quando Pedro voltou, estava anoitecendo. E foi como se todas as luzes da casa se acendessem ao mesmo tempo.

E nós jantamos juntos, fomos ao cinema, ao teatro, ouvimos música, sentamos nos bares, acendemos os cigarros e enchemos os copos um do outro. Durante semanas fizemos todas essas coisas que as pessoas fazem quando querem ficar juntas, vivendo uma a vida da outra.

Depois voltávamos para casa e ele sempre tornava a me beijar, insistindo que fôssemos para a cama.

Tú no sospechas cuando me estás mirando, ele cantava com Bola de Nieve.

Durante meses, os dois em pé, os paus duros apertados um contra o outro na porta de saída. De madrugada, eu conseguia mandá-lo embora para a Luz, Tiradentes, Ponte Pequena, nunca soube onde.

Eu deitava sozinho, sem lavar as mãos ou o rosto, para guardar seu cheiro. E me masturbava noite após noite, até ficar esfolado, pensando no corpo e na cara de Pedro, em todas as formas de penetrar e ser penetrado por ele.

Eu não cedia, eu tinha medo.

Certa noite, talvez tivéssemos bebido demais, Ou não bebido nada, talvez estivéssemos, eu e Pedro, exaustos daquele jogo que não era jogo, ele deitou na minha cama, me puxou para o seu lado. Eu rolei por cima, pelo lado, por baixo dele, morto de riso.

Ele tirou minha roupa, lambeu todo meu corpo, me virou de bruços e me possuiu como um homem possui outro homem.

Eu senti primeiro dor, depois medo, depois prazer. Como sente um homem penetrado pela primeira vez por outro homem. Mas nojo não, nem desprezo ou vergonha.

Só alegria, eu senti com Pedro. Uma alegria que era o avesso daquela que tinham me treinado para sentir.

Na manhã seguinte, ficamos o dia todo na cama, ouvindo Bola de Nieve, pedindo pizzas e cigarros e cervejas por telefone.

Quando anoiteceu, e começava a chover, eu lambi todo o seu corpo, virei-o de bruços e o penetrei também. Como jamais possuía nenhuma mulher real, nem mesmo Lídia, nenhum ser de fantasia, na palma da minha mão.

Tinha sardas miúdas nos ombros, manchas de ouro. Gosto de sal, cheiro de terra molhada pela primeira rajada de chuva, um triângulo de pêlos nas costas, logo abaixo da cintura.

Mordi sua nuca, ele gemeu.

Passamos dias assim, Pedro e eu, um dentro do outro. O cheiro, os líquidos, os ruídos das vísceras. O que era de quem, dentro e fora, nós não sabíamos mais.

As secreções, as funduras.

Os dias se interrompiam quando ele ia embora. Recomeçavam apenas no mesmo segundo em que tornava a chegar.

Não sei quanto tempo durou. Só comecei a contar os dias a partir daquele dia em que ele não veio mais.

Desde esse dia, perdi meu nome. Perdi o jeito de ser que tivera antes de Pedro, não encontrei outro.

Eu queria que voltasse, não conseguia viver outra vez uma vida assim sem Pedro.

Nos meses seguintes, não havia nenhum sinal dele pelas ruas, os hospitais, paradas de

ônibus, estações de metrô, uma por uma, tarde da noite, amanhecendo nas padarias.

Por vezes, na rua, alguém de costas parecia com ele.

Parei de trabalhar. Parei de ser e de fazer qualquer outra coisa além de esperar que ele voltasse.

Mas Pedro não voltou, eu não voltei.

As luzes da casa nunca mais tornaram a acender com sua chegada.

IV

Quinta-feira

Poltrona Verde

Dulce Veiga, eu tinha que encontrar Dulce Veiga.

Olhei o relógio, nem oito da manhã. Há pelo menos dez anos eu não acordava àquela hora insana. Talvez vinte, quem sabe trinta. Sem esperar, lembrei.

Quando íamos para a fronteira, no começo do verão, minha mãe passava dois dias fazendo pão, fritando pastéis, matando e assando frangos. Pressentindo ausências, o cachorro uivava baixinho, metido embaixo das camas. Depois o pai tirava da garagem o velho Chevrolet parecido com um morcego, e eu ficava olhando a luz esbranquiçada das manhãs no Passo da Guanxuma. A viagem durava um dia inteiro, até o rio Uruguai. Pouco depois do meio-dia, o pai encontrava alguma sombra à beira da estrada, perto de um açude, a mãe estendia uma toalha xadrez na grama e abria os guardanapos brancos com os frangos, os pastéis, os pães. Antegônias, ela dizia, talvez aqui existam antegônias.

Como se fosse viajar outra vez, de manhã cedo, apoiei o pé direito no chão e apertei os olhos com força, cheios de areia. Agora, a mãe viria com a caneca de café quase sem açúcar, um pedaço de pão doce feito em casa, apura, guri, só falta tu.

Agora, agora.

Não aconteceu nada. Nada além de um terror lento, enquanto lembrava de Rafic, do dinheiro e do que, não sabia exatamente como, eu tinha prometido a ele: encontrar Dulce Veiga. E ela podia estar morta, morando em Cristiana, Salt Lake City, Alcântara ou Jaguari, internada num hospício, longe de tudo. Eu não queria pensar naquilo, eu não queria pensar numa porção de coisas, em todas as coisas.

Eu precisava tanto saber de Pedro.

Peguei a carta de Lídia em cima da mesa, abri uma gaveta e guardei-a junto com as outras lembranças dele. Há quase um ano, continuavam lá. Pouca coisa, quase nada. A fita de Bola de Nieve, uma camiseta com a cara de Sal Mineo, uns poemas de Ginsberg e aquele cartão-postal todo em tons de sépia, com a figura de um homem encolhido na beira do rio. Não era preciso virá-lo para lembrar de todas as frases escritas nas costas, logo abaixo da inscrição *Pont Neuf sur la Seine: Mélancolie*. Fechei a gaveta, eu não podia lembrar. Era preciso encontrar Dulce Veiga, manter aquele emprego, continuar a viver. Mesmo sem encontrá-la, mesmo que Pedro jamais voltasse.

A vida não é apagável, pensei. Nem volta atrás. Ainda não construíram a máquina do tempo. Ninguém virá em meu socorro. Faz tanto tempo que invento meus próprios dias. Preciso começar por algum ponto.

Fiquei repetindo em voz alta essas coisas inúteis, óbvias, lamentativas. Eu queria minha mãe, eu queria aprender a acordar cedo, outra vez, partir para a fronteira da Argentina e não voltar nunca mais. Mas lavei o rosto, escovei os dentes, ensaboei o pau pela centésima vez para eliminar os últimos vestígios de Dora, rainha do frevo e do sexo oral. Passei café, sentei, coloquei papel na máquina de escrever. Era o melhor que eu podia fazer.

Apertei o botão do gravador arrebitado. Mais rouca do que eu lembrava, um tanto

ofegante, como se tivesse acabado de subir correndo escadas, a voz de Márcia encheu o apartamento.

– *"Evidente que Márcia Felácio é só um nome artístico, mais para compor com o nome do grupo, as Vaginas Dentatas. A nossa intenção é passar para esse macho tradicional, em decadência, sem um mínimo de autoconhecimento, primeiro uma sugestão de prazer, e logo em seguida outra de terror total. Nós queremos soar assustadoras como uma ameaça de castração, de impotência, de mutilação. Mas o meu nome verdadeiro mesmo é Márcia Francisca da Veiga Prado, Márcia F., para os amigos."*

Além de cigarros, cafés e paradas para voltar a fita, interrompi mais algumas vezes para ouvir o disco. Afinal, Jacyr tinha adorado. E Filemon era bem capaz de localizar nele qualquer coisa como os-ecos-rimbaudianos-de-uma-geração-que-em-meio-à-ruína-de-todas-as-ideologias-filtrou-suas-desilusões-através-de-gritos-agudos-e-acordes-distorcidos-na-falta-de-harmonia-característica-da-agonia-deste-fim-de-milênio. Carente de Cristo, naturalmente.

Não que *Armagedon* fosse péssimo. Podia mesmo ser chamado de inquietante, intrigante, instigante ou qualquer outro desses adjetivos jornalísticos começados por *in*. O problema é que me dava vontade de ouvir Mozart. Comecei a procurar o *allegro* daquele *Concerto n.º 23*, que sempre me provocava impulsos de abrir janelas, tomar banho, fazer a barba e descer correndo as escadarias, como se tivesse vinte anos e uma limusine sempre à minha espera, no jardim lá embaixo.

De repente, inspirado talvez pelo espírito de Wolfgang Amadeus, lembrei do telefone de Alberto Veiga. Podia ser que ele soubesse de mais alguma coisa. Peguei o cartão, liguei. Apenas seis números, provavelmente Higienópolis. Devia morar bem, afinal, sustentara durante anos a pós-graduação roqueira de Márcia pelo *underground junkie* do primeiro mundo.

Atendeu uma voz de homem, grossa de sono, mal-humorada.

– Eu poderia falar com Alberto Veiga?

– Quem gostaria?

– Ele não me conhece.

– Se é por causa da peça, cara, pode desistir. O concurso acabou. Eu mesmo vou fazer o papel do Arandir.

Interrompi:

– Não sou ator, sou só jornalista. O humor melhorou na hora:

– Às suas ordens.

– Diga a ele que é o cara que escreveu sobre Dulce Veiga.

A voz afastou-se do telefone. Para alguém ao lado, murmurou alguma coisa que não entendi. E tão rápido que não tive tempo sequer de abaixar o volume do Mozart, outra voz de homem atendeu. Parecia também morto de sono. Talvez dormissem juntos, pensei, Arandir e Alberto Veiga.

Comecei a me identificar.

– Não precisa dizer mais nada. Eu sei perfeitamente quem você é.

– Obrigado pelas flores.

– Quem agradece sou eu. É o mínimo que poderia fazer por alguém com lembranças tão belas da minha inesquecível Dulce Veiga.

– Obrigado – eu disse. – Será que poderíamos conversar pessoalmente?

– Quando você quiser.

O tempo de tomar um banho, passar no jornal, entregar a entrevista de Márcia, de preferência antes que Castilhos chegasse, pensei. Já estaria sabendo das manobras de Rafic e com alguma poética ironia em língua inglesa engatilhada.

– Pode ser hoje à tarde?

– Naturalmente, você manda. Apareça no ensaio. Assim você aproveita e vê algumas cenas do nosso trabalho. Precisa também conhecer o Marco Antônio, a maior revelação dos últimos anos. Vai sacudir os palcos brasileiros. Quem sabe você se inspira e faz uma entrevista com ele.

Pode ser, suspirei.

– O meu trabalho mais ambicioso, mais revolucionário. Mais do que nunca preciso do apoio da imprensa. Você sabe, um artista não é ninguém sem os meios de comunicação para divulgar seu trabalho.

– Acabei de fazer uma entrevista com sua filha.

Captei certa tensão na pausa longa do outro lado.

– Ah, claro. A Marcinha herdou o talento da mãe.

– Do pai também – não resisti.

Alberto Veiga começou a discorrer sobre a sua arrojada & contestadora concepção de qualquer coisa de Nelson Rodrigues, pensei em Darlene Glória, irmã Helena, gemendo *Herculano, aqui quem te fala é uma morta*, peguei o endereço, desliguei. Não acreditava que ele pudesse esclarecer qualquer coisa sobre o paradeiro de Dulce Veiga. E se também ele, que fora o marido dela e o diretor do show que não acontecera, não soubesse nada, então – então eu estava fodido. Viraria homus nas mãos de Rafic.

Mãe, chamei.

Aumentei o volume de Mozart, mas já tinha começado aquele *adágio* tristíssimo. Enquanto tomava banho, não consegui imaginar nenhuma limusine à minha espera. No máximo, um ônibus com algum assento milagrosamente vazio.

34

Passei no arquivo, antes de ir para a redação, peguei a pasta de fotos de Dulce Veiga. Queria confirmar se aquele homem na mesa da boate, de mãos dadas com ela, era mesmo Rafic. A foto não estava mais lá. As outras, sim, como eu tinha deixado. Estranho, pensei. E fui para a redação.

Em cima da minha mesa havia montes de telegramas. Nenhum oferecia férias com tudo pago & acompanhante em Punta dei Este, Madagascar, Camboriú ou Salvador que fosse. Eram todos de antigos fãs de Dulce Veiga – muitos mais do que eu poderia imaginar – elogiando a crônica, pedindo mais notícias sobre ela. Rafic devia estar esfregando as mãos com todo aquele sucesso, já devidamente comunicado por Castilhos. Amaldiçoei a hora em que tinha me envolvido nesta história maluca.

Então percebi as rosas na mesa de Teresinha O'Connor. Meio obscenas de tão escancaradas, pareciam falsas, inacreditavelmente abertas no ar mefítico daquele jornal. Com a ponta dos dedos, toquei nas pétalas. E estremeci, como se houvesse tocado num espinho.

– Xangô aceitou a oferenda – disse uma voz.

Era Pai Tomás. Pelos botões abertos da camisa, vi uma guia de contas verdes e amarelas sobre o peito negro.

– O que você disse?

Ele pareceu não ouvir.

– Você já almoçou? – perguntou.

– Ainda não, só passei aqui para deixar um negócio para Castilhos.

– Pode deixar que eu entrego – ele pegou das minhas mãos o gravador, o envelope com a entrevista e um bilhete confuso, pedindo que mandassem um fotógrafo na casa de Márcia, explicando o que acontecera com Rafic. – Quando você for almoçar, coma carneiro e agradeça. Xangô gosta.

Quis perguntar por que carneiro e não frango à passarinho, pintado na brasa, virado à paulista. Mas ele já ia longe, o envelope nas mãos. Do outro lado da redação, arrumando tudo no meio do caos de Castilhos, curvou-se e disse algo que soava como:

– *Okêarô!*

Fiquei olhando o calendário de Teresinha, parado no dia anterior. Virei uma página, espiei o dia de hoje. Dizia: "Tudo se origina de mim, e a mim retorna".

No elevador, cruzei com Castilhos. Embora fumasse, cheirava a sabonete. Alma de Flores, reconheci. Não conseguia encará-lo.

– A matéria está em cima da sua mesa. Tem um bilhete junto.

– Rafic já me contou tudo.

Mas *tudo* o quê?

Ele bateu um cigarro no ar. A cinza entrou nos meus olhos. Enquanto eu piscava, meio puto, Castilhos recitou:

– "... *then on the shore*

Of the wide world I stand alone, and think

Till Love and Fame to nothingness do sink."

– Shelley – arrisquei. E entrei no elevador: – Percy Shelley.

Antes que a porta de ferro fechasse, ouvi-o dizer:

– Errado. É John Keats, meu jovem: *When I have fears*. Talvez fosse *tears*, não entendi direito.

35

Era um casarão caindo aos pedaços, numa travessa do Bexiga, quase embaixo do viaduto. Espiei pelas grades da bilheteria, não havia ninguém por trás da placa escrita "Não me peça para dar a única coisa que tenho para vender". Os únicos sinais de vida recente naquele buraco escuro eram uma revista de tevê com Lilian Lara na capa, um maço de cigarros e um cinzeiro cheio.

A porta estava apenas encostada. A sala de espera, cheia de retratos em preto-e-branco de Cacilda Becker, Glaucê Rocha, Sérgio Cardoso, Margarida Rey, Jardel Filho, também estava vazia. Tudo cheirava a mofo, mas talvez pelas fotografias, pelas douraduras espatifadas no veludo bordo das poltronas e cortinas, ainda havia restos de nobreza pelo ar.

Isso era sempre o mais melancólico. Em tudo, aquela memória de outros tempos mais dignos, escondida ali no teatro, nos canteiros da Avenida São Luís, nas vidraças da Estação da Luz, na redação do *Diário da Cidade*, nos casarões sobreviventes da Avenida Paulista, por toda parte. Tempos, pensei, tempos melhores. E dei de cara com minha própria imagem refletida entre as rachaduras de um espelho. Meu cabelo começara a cair. Automático como sempre fazia nos últimos anos, desviei depressa os olhos. Eu também conhecera melhores tempos.

Esfreguei as palmas das mãos, afastei as cortinas.

Só o palco estava iluminado. Devagar, para não chamar atenção, sentei numa poltrona do fundo. Enquanto meus olhos acostumavam-se ao escuro, como sombras chinesas, distingi meia dúzia de silhuetas de cabeças na primeira fila. Sobre um praticável no centro do palco, dois homens se encaravam. Um deles, muito jovem e musculoso, tinha um jornal nas mãos. O outro, bem mais velho, sacudia os cabelos grisalhos desgrehados e um revólver. O mais velho gritava:

– *"Ciúmes de minha filha, não. Ciúmes de você. Tenho! Sempre. Desde o teu namoro que eu não digo o teu nome. Jurei a mim mesmo que só diria teu nome a teu cadáver. Quero que você morra sabendo. O meu ódio é amor. Porque beijaste um homem na boca? Mas eu direi o teu nome. Direi teu nome a teu cadáver"*.

O homem grisalho apontou o revólver para o musculoso. Fechei os olhos, não explodiu nada. Quando tornei a abri-los, ele gritava para uma das sombras chinesas:

– Bate no chão. Dá um grito, meu amor. Faz algum tipo de barulho na hora que eu atirar.

A sombra gemeu:

– É que é tão emocionante. Eu até esqueci.

– Ótimo, mas faz um barulho qualquer. Senão eu perco o clima – o homem voltou-se para o outro, que continuava parado: – Vou repetir a deixa. Eu falo, atiro, aí você cai.

Atenção: "*Mas eu direi o teu nome. Direi teu nome a teu cadáver*".

Apontou o revólver. Uma voz gritou na fila das sombras chinesas. O rapaz musculoso caiu de joelhos, cobrindo o peito com o jornal. Era o *Diário da Cidade*, eu vi. O homem apontou o revólver outra vez. A voz tornou a gritar. O rapaz caiu estendido no chão, levantando uma nuvem de poeira e rasgando o jornal. O homem grisalho berrou:

– "*Arandir!*"

Deixou cair o revólver, curvou-se até acomodar o corpo do outro nos próprios joelhos. Afagou os cabelos dele durante um tempo que pareceu enorme, depois tornou a gritar:

– "*Arandir! Arandir!*"

Achei que fossem parar por aí. Eu conhecia bem o final de *O beijo no asfalto*, o sogro louco de ciúmes, revelando seu amor maldito. Agora a luz caíria em resistência bem lenta sobre o cadáver de Arandir, até as trevas. Aplausos frenéticos, se houvesse público, depois de certa hesitação chocada.

Mas eles não pararam.

O homem grisalho continuou ajoelhado, imóvel, na mesma posição, os dois braços estendidos como se abraçassem Arandir. Só que em vez de continuar morto, Arandir levantou-se e caminhou para outro praticável mais atrás, um pouco mais alto. Lá, inteiramente nu, estava deitado outro rapaz ainda mais musculoso que ele, o rosto voltado para o fundo do palco. Em pé ao lado dele, Arandir estendeu a mão dramaticamente.

– Me dá um beijo – implorou o cara nu, com certo sotaque que não consegui identificar. – Por tudo que é mais sagrado, me dá um beijo. Na boca.

Achei que Arandir fosse simplesmente abaixar-se e beijá-lo, mas não. Lentissimamente, gestos provocantes como num *striptease*, ele tirou primeiro os sapatos, depois tirou também as meias, a camisa, os jeans. Quando pensei que fosse ficar só de cuecas, arrancou-as também e jogou o monte de roupas emboladas no praticável do homem grisalho. Tão nu como o outro deitado no chão, mas não era tão musculoso nem tão peludo, Arandir ajoelhou-se ao lado dele e circundou-o com o braço. Ficou passando a mão pelas coxas, pela barriga, pelos peitos salientes do outro.

Sem se mover, ainda estatizado como se abraçasse Arandir, o homem grisalho gritou:

– Belisca os peitinhos devagar, até ficarem bem duros. Arandir obedeceu. Só parou para subir a mão até o pescoço do, eu supunha, atropelado. Então segurou o rosto dele, voltou-o para a luz. Num baque, reconheci: o homem nu deitado era o argentino que morava no meu prédio.

– De língua – ele gemeu. – Pelo amor de Deus, me beija. Arandir curvou-se. Beijou-o demoradamente na boca. Achei que iam começar a trepar ali mesmo, mas as sombras chinesas aplaudiram. *Bra-vô!* gritou alguém. No praticável mais baixo, o homem grisalho soluçava, a cara enfiada na cueca de Arandir.

Levantei para sair. Talvez eu fosse mesmo meio careta, mas aquilo tudo estava parecendo patológico demais para um sujeito que. A cadeira estalou, o homem grisalho largou a cueca, olhou para o meu lugar e gritou:

– Quem está aí? Esta cena é secreta, não quero nenhum espião do Antunes por aqui.

– Sou o cara do jornal – falei. Essa estava se transformando na minha senha favorita para amansar dramáticos temperamentos da família Veiga.

Ele desceu do palco, veio caminhando para mim. Naturalmente, era o próprio Alberto Veiga. A mil:

– Você chegou na hora exata. Este é o grande momento da peça, a cena que Nelson Rodrigues não se atreveu a escrever. Reparou no texto do atropelado? A pontuação sincopada, perseguindo o ritmo da respiração coloquial, tudo coisa minha. – Apontou para o palco, onde os dois pelados continuavam abraçados. – Uma Pietá *gay*, é isso que eu quero. Uma Pietá *gay* desesperadamente erótica, ao fundo. Como um arquétipo de Eros e Thanatos. Estática, eterna. E o pobre Aprígio ali, jogado no meio do palco, no meio da vida, do crime que cometeu, cheirando a juventude impossível de Arandir. Essa a mensagem final: o amor é pura miragem.

Aos que não renunciaram encontrá-lo, como Aprígio, resta o consolo de cheirar os restos da juventude morta por ele mesmo. Muito ousado, comentei.

– É nesse momento que me remeto a determinados trechos daquele patético diário dos últimos dias de Roland Barthes. Quando ele renuncia ao amor dos rapazes e opta definitivamente pelo amor dos michês. – Ele berrou: – "*Só me reatarão os michês!*" – E sem pausa: – lá leu Barthes, claro.

– O prazer do texto – eu disse.

– O prazer é todo meu – Alberto sacudiu minha mão. As cabeças na primeira fila estavam todas voltadas para nós. Ele bateu palmas: – Todo mundo dispensado. Vão tomar café na esquina, bater o texto. Só ficam o Marco Antônio e o Arturo.

Marco Antônio e Arturo, eu supunha, eram Arandir e o argentino-michê-do-meu-prédio, isto é, o atropelado. As sombras chinesas começaram a se mexer. Na verdade, mais pareciam peruanas do que chinesas. Selminha devia ser a garota magra de óculos, saia de batique e bolsa indiana.

– Não quero tomar seu tempo. Alberto Veiga me puxava para o palco:

– Mas meu tempo é todo seu. Você conseguiu decodificar o simulacro da *imagérie* na cena final? A cena de amor entre Arandir e Arturo na verdade acontece apenas na mente erotizada do pobre Aprígio. Não é real, mas mítica. Como o fantasma que perseguirá eternamente os heterossexuais apavorados: a possibilidade de um amor entre machos. O amor que Aprígio sente é impossível, e o amor que acontece entre os outros dois, arquétipo da morte, mera fantasia. Mas o amor verdadeiro, se é que existe, entre homens ou mulheres, onde fica?

Numa gaveta fechada, tive vontade de dizer. Nas costas de um cartão-postal, sob uma ponte no Sena: *mélancolie*.

– Tem mais, tem muito mais. Quando o Marco Antônio vai tirando a roupa, no meio de uma nuvem de gelo seco, entra uma daquelas músicas bem características de *striptease* de boate *gay*. Dona Summer, algo assim. Pura ilusão, desejo. Desejo louco, perverso, desejo alucinado. Desejo que não se atreve a violar as barreiras do estabelecido. Desejo que não se

sacia nunca, a não ser na fantasia solitária ou na própria morte. Essa a essência de Nelson Rodrigues, da sociedade contemporânea, do Brasil e do teatro que eu quero fazer.

– Realmente *muito* ousado – repeti. – Nunca pensei.

– Você que ligou hoje de manhã? – perguntou Arandir.

– Foi – eu estava meio tonto com as teorias de Alberto Veiga, aqueles cavalões cheirando a suor nus na minha frente.

– Conheço você – disse o argentino. Entre os pêlos crespos, mais escuros à medida que desciam pelo umbigo, os bicos rosados dos peitos continuavam duros.

– Desculpa – continuou Arandir. – Achei que era por causa do concurso.

Alberto Veiga interferiu:

– Verdade, fiz um concurso para escolher o Arandir. Queria uma cara completamente nova. Um verdadeiro macho, uma lasanha. Teve mais de cinquenta candidatos, o Arturo aqui tirou o segundo lugar. Físico perfeito, pena o sotaque. Mas foi quando pensei na possibilidade de aproveitar um talento como o dele que me veio a idéia da Pietá *gay*.

O talento de Arturo, qualquer um podia ver, era realmente enorme.

Ele perguntou:

– Você não *mora* no meu *prédio*?

– No andar de cima.

Alberto girava em torno de nós três. Eu, os dois machos nus.

– Mundo pequeno, as coisas são sempre meio mágicas. Então vocês já se conhecem? Não no sentido bíblico, imagino.

– Nós nunca nos falamos – eu disse. – Você é *muy* cerrado – disse o argentino.

– Você gosta de Carlos Gardel.

– E você, de Nara *Leon*.

Bastava, pensei, talvez bastasse, sim. Apenas um gesto ou palavra ambíguos, cúmplices, matreiros, para que Alberto Veiga suspendesse imediatamente os ensaios e fôssemos os quatro – eu, Arandir, Arturo e Alberto, eram *As* demais para a minha cabeça – para o apartamento dele. Sem controlar, imaginei algumas coisas *muito* taradas. Mas eu era um sujeito sério, eu não era homossexual, eu disse que precisava falar sobre Dulce Veiga. Em particular, acentuei. Arandir pegou a roupa embolada no chão, desceu para a platéia. Arturo desapareceu atrás das cortinas, cantarolando *se cruzé por los caminos como um pária que el destinos e empenó em deshacer*.

Tinha um rabo tão esplêndido que, por um momento, eu também duvidei que Arandir nunca o tivesse visto antes daquele beijo.

praticamente desde o nascimento de Márcia. Tinham sido casados durante dez anos, aos quais ele se referia como "os mais felizes da minha vida". Não revelava os motivos da separação, mas parecia evidente que, enquanto Alberto desfraldava cada vez mais sua homossexualidade, Dulce começara a beber, a tomar drogas, a ter amantes bizarros. Depois de uma fase de queixas e acusações – "esse espaço de rancor inevitável", ele dizia, "quando o amor acabou e ainda não teve tempo de transformar-se em alguma outra coisa, boa também" –, o show era uma forma de selar publicamente a amizade entre os dois. E iniciar, quem sabe, uma outra espécie de casamento. Menos passionai, mais artístico.

A última vez que Alberto viu Dulce Veiga foi na madrugada antes da estréia. Ele abriu a porta do apartamento para que ela entrasse, com Márcia no colo, e não quis entrar com ela, beber alguma coisa, era sempre conhaque, conversar. Até hoje, ele se arrependia de não ter feito isso. Naquela noite, poucas horas antes de desaparecer, Dulce talvez precisasse apenas desabafar com alguém. Mas ele estava exausto, nas últimas semanas ensaiavam todos os dias até duas, três da manhã. Ficava cada vez mais difícil trabalhar com ela, chegava sempre atrasada, não conseguia decorar as letras novas, sentia-se perseguida. Às vezes chorava muito, sem motivo aparente, repetindo que queria outra, outra coisa. Todos eram pacientes e carinhosos com ela: tinham certeza que o show seria um grande sucesso, mesmo porque, apesar de insegura, Dulce cantava melhor do que nunca.

Naquela madrugada, no corredor do edifício da Avenida São João, Alberto beijou-a na testa e virou as costas para ir embora. Antes de entrar no elevador, ainda olhou para trás e achou-a muito magra, muito pálida, muito triste. Encostada na porta, Dulce Veiga segurava a menina adormecida num dos braços, um pouco curva, tinha um cigarro aceso na outra mão. Nos últimos tempos, fumava sem parar. Alberto até pensou em voltar, em tomar aquele conhaque com ela, afinal, ouvir Billie Holiday ou Bessie Smith, *Me and my gin*, que ela ouvia o tempo todo. Mas o elevador chegou, ele foi embora. Essa era a última imagem que restara dela. Parada na porta do apartamento, a filha no colo, um cigarro entre os dedos, Dulce parecia ter medo de entrar em casa. E encontrar – o quê?

Na noite seguinte, o teatro lotado, ele telefonou primeiro para o apartamento dela, e ninguém atendeu. Ligou depois para Lilian Lara, com quem às vezes Dulce deixava Márcia, quando não a levava para o ensaio. "Essa menina adora música", dizia. Márcia estava no apartamento de Lilian, Dulce não. Ela deixara a menina, Lilian contou, dizendo que ia ao cabeleireiro fazer as unhas, limpeza de pele, alguma coisa assim, de mulher. E parecia bem, parecia animada com o show, com a filha, com ávida até. Então Alberto foi até o apartamento dela, ele tinha uma chave, e não havia ninguém lá.

Preso com um alfinete naquela poltrona de veludo verde que ela gostava tanto, escrito às pressas, havia um bilhete endereçado a ele. Dulce dizia que estava cansada de tudo, que não suportava mais, não queria fazer sofrer as pessoas que a amavam, desaparecia para sempre, era inútil procurá-la. Pedia ainda que Alberto cuidasse bem de Márcia, que fizesse o possível para mandá-la estudar na Inglaterra, como tinham combinado. Era um bilhete curto, mal escrito, desesperado. Só de pensar nele, Alberto dizia, e parecia verdadeiro, "só de pensar nele tenho vontade de chorar".

Até hoje, ainda o guardava. Numa caixa, com outras coisas sem importância. Um vidro de perfume, uma luva, um brinco, uma caixa de pó-de-arroz, como lembranças de alguém

que já morreu. Se eu quisesse, poderia vê-lo, o bilhete, poderia ver tudo. Bastava que fosse até o seu apartamento, aproveitaria para convidar Marco Antônio e Arturo, mostrar algumas fotos, alguns vídeos, falar mais de seu próprio trabalho. Ao qual, ele dizia, "dediquei toda minha alma ferida depois que Dulce escolheu as sombras". Mas, ele garantia, não havia nenhuma pista naquele bilhete. Nem no apartamento, no dia em que ela desaparecera, em qualquer outro lugar ou com qualquer outra pessoa. Se eu quisesse, poderia também falar com Lilian Lara, que fora a amiga mais próxima dela. Alberto tinha certeza de que não adiantaria nada. Ele mesmo, e muita gente mais – "ela era muito, muito, muito amada", ele afirmava – havia feito o possível para encontrá-la, nos últimos vinte anos.

Tudo inútil. Ninguém sabia onde andava Dulce Veiga.

37

O céu tão claro lá fora. Nem uma nuvem no céu de fevereiro. Parado na frente do teatro, dentro do calor mais leve de quase cinco da tarde, escutei uma espécie de silêncio. Que talvez estivesse dentro de mim – um pouco escurecido pelo mofo do teatro, um pouco tonto depois de ouvir Alberto Veiga, um pouco esvaziado, como a tarde.

Encostei na parede, acendi um cigarro, fiquei olhando os viadutos. Na calçada oposta, em câmera lenta, o corpo todo coberto por sacos de farinha, uma mendiga arrastava um saco cheio de jornais velhos. Parecia a imagem da Morte numa gravura medieval, faltava apenas a foice.

Mas Saul, eu perguntara, quem é Saul. E Alberto, como Márcia, não lembrava de ninguém com esse nome. Precisava continuar os ensaios, chamou Marco Antônio e Arturo, mandou que tirassem a roupa, que repetissem a *Pietá gay*, desta vez com fúria, como se estivessem morrendo de tesão um pelo outro, dizendo que Pepito era um bêbado frustrado, decadente, que misturava nomes, tempos, histórias, e eu quis acreditar.

O sol batia direto na minha cara branca. Era bom o sol, depois daquelas horas enfiado no teatro escuro, em lembranças escuras. Talvez eu devesse procurar Pepito outra vez, talvez devesse ir ao Rio de Janeiro, falar com Lilian Lara. Talvez uma porção de coisas dinâmicas & emocionantes & etc, se eu continuasse mesmo a bancar o Phillip Marlowe. Por enquanto, minha vontade era dar por encerrada toda esta história. E continuar ali, encostado na parede, sem fazer absolutamente nada.

Apaguei o cigarro. Entrei no bar ao lado, pedi uma água. O sol baixo batia na imagem de São Francisco de Assis, o passarinho no ombro, dentro de um nicho no alto da parede, cercado de rosas murchas.

– Pouco movimento – eu disse.

O português de olhos claros suspirou, debruçado no balcão:

– É o maldito verão, ô pá. Nessa temporada todo mundo vai pras praias.

– Isso é pra quem pode – eu disse, e lembrei de Rafic, barracas no Guarujá. Ele sorriu, coçou os braços peludos. Tinha olhos doces, e não poder sair da cidade nos irmanava na

desventura, embora de lados opostos do balcão. Preciso conhecer Portugal, pensei.

E outra vez, fechando os olhos, revi aquele mar de águas verdes, cheias de algas flutuantes. Eu boiava na superfície até depois da arrebentação, até algum ponto de onde, olhando a praia, visse apenas um coqueiro e talvez uma loura metida num duas peças antiquado, gritando em alemão rascante: *Its es nicht aufregend, dieses Leben? Há* quantos anos eu esquecera o significado dessa palavra que, na infância, tinha gosto de sol na cara e pés descalços? Férias, repeti, *holidays, vacaciones, urlaube*.

– O senhor faz teatro? – perguntava o português. Devia estar me achando com pinta de veado.

– Faço – menti. E fiquei louco para começar a contar minha gloriosa descida pelas escadarias, gritando *cidadãos de Tebas!* e mandando os soldados arrancarem Antígona de perto do corpo de Hemon, irmão querido.

– Estamos ensaiando uma peça aí em frente.

Nem naquele tempo de censura, perseguições, proibições & tortura, Alberto garantia, Dulce se envolvera com comunistas. Gostava de ficar em casa decorando letras de Dalva de Oliveira, Edith Piaf, Patachou, Marlene Dietrich, sem a menor idéia do que acontecia além das paredes do apartamento. Alguém estava mentindo. Mas era eu quem teria que prestar contas daquelas mentiras a Rafic. Quem sabe numa festa *bem* artística, bebendo Jack Daniel's com Melinha Marchiotti.

– Deve de ser uma vida porreta – dizia o português.

– Médio – eu gemi.

Na calçada em frente ao bar, a mendiga parou na esquina, como se escolhesse uma direção para ir. Podia seguir em frente, pensei, passar por baixo do viaduto e afundar nas ruas do Bexiga, onde sempre haveria muitos restos de comida na porta das cantinas. Mas podia também dobrar à direita, em direção ao centro da cidade, devia haver muito papel nas esquinas da Ipiranga. Ou virar à esquerda, pegar um daqueles caminhos que iam dar na Liberdade, sushis no meio do lixo. Peguei a garrafa d'água, fiquei parado na porta do bar, olhando a mendiga indecisa. Eu me sentiria maravilhoso se tivesse coragem de chamá-la para oferecer um misto-quente, um guaraná. Ela atravessou a rua, mas em vez de passar por baixo do viaduto, deu a volta e subiu por cima dele, onde só cruzavam carros.

– Muitas festas, muitas mulheres, muita bebida – repetia o português.

No alto do viaduto, a mendiga depositou o saco de papel no chão. Depois, com as duas mãos livres, num gesto elegante demais para ela, tirou o capuz. Tinha cabelos louros, lisos, repartidos ao meio, cortados na altura do queixo. Estendeu o braço direito para o alto, o indicador esticado apontando o céu, e voltou o rosto para mim. Mesmo imundo, o nariz corroído pela sarna, o rosto ainda guardava restos da antiga beleza.

Eu gritei:

– Dulce, espere por mim, Dulce Veiga.

Saí correndo com a garrafa nas mãos. O português gritou alguma coisa que não entendi. Até conseguir atravessar a rua e dar a volta pela ilha de cimento embaixo do viaduto, para subir ao encontro dela, fiquei um momento sem conseguir vê-la. Ah, eu a levaria para casa,

daria um banho nela, faria com que me contasse todos os detalhes obscuros daquela história maluca, depois iríamos juntos à estréia do show de Márcia. *Happy end*: ao fundo, Dulce Veiga cantaria a versão original de *Nada além*, sob uma chuva de rosas e aplausos. Em primeiro plano, Márcia e eu de mãos dadas, olhos nos olhos. Créditos subindo sobre a imagem congelada.

Ainda não era aqui, ainda não era assim.

Quando cheguei ao alto do viaduto, ela atravessara para o outro lado. Como se fugisse de mim, sem saber que eu era seu salvador, seu cantor, seu criador. Entre os carros que passavam, fiquei esperando o primeiro espaço livre para atravessar. Em etapas, entrevista no meio dos carros, ela começou a tirar os jornais do saco e a jogá-los para o alto. As folhas amassadas esvoaçavam por um momento, depois caíam entre as rodas dos carros, sobre sua capa encardida, do outro lado da rua. Então, enquanto eu esperava, subiu na amurada baixa do viaduto e ficou montada nela, balançando-se de um lado para outro, como se estivesse num cavalo ou numa gangorra. Como uma amazona, uma criança. Uma louca, olhava para mim, rindo um riso sem dentes. Gritei cuidado, você vai-se machucar, Dulce Veiga, qualquer coisa assim, mas sabia que não conseguiria ouvir no meio do barulho dos carros que não paravam de passar.

Antes que eu pudesse fazer qualquer gesto, ela pulou do viaduto.

Ninguém gritou, os carros não pararam.

Fiquei pensando se seria mais rápido dar a volta por onde tinha vindo, e atravessar a rua, ou cruzar ali mesmo, entre os automóveis. Nesse momento algum sinal fechou em certa esquina, o viaduto ficou vazio. Atravessei correndo, debrucei na amurada, olhei para baixo, para a calçada de cimento onde ela deveria ter-se espatifado, vinte metros abaixo.

Não havia ninguém na rua. Nenhum sinal de sangue ou de gente. Viva ou morta, real ou imaginária.

O vento continuava a soprar os jornais. Enrolada nas minhas pernas, uma página do *Diário da Cidade* mostrava o rosto de Dulce Veiga. Sorrindo, longe de tudo, cheia de luz. Nesse momento, talvez por me sentir perdido e tudo parecer tão doido, lembrei do mistério, lembrei do jogo de búzios.

38

Do outro lado da mesa coberta por uma toalha imaculada, Jandira primeiro acendeu uma barra de incenso, passou-a pelo espaço entre nós. Depois fechou os olhos, orou:

– Benditas e louvadas sejam todas as forças universais, todas as forças cósmicas. Benditos e louvados sejam todos os *oduns* da paz, da felicidade e da prosperidade. A benção *Ifá*, a benção *Lodumaré*.

Uma moto passou roncando lá fora. Nem isso conseguiu quebrar o fascínio com que eu olhava os objetos entre nós, do lado de fora do círculo formado pelas guias coloridas. Pedacos de cristais, crucifixos, uma vela acesa, um copo cheio d'água e pedras de sal

marinho, uma boneca vestida de amarelo, um cartão com a imagem de um homem forte com um machado nas mãos, vestido de vermelho e branco. Tudo ordenado, sem um grão de poeira. Por trás daquilo, não parecia a Jandira que eu conhecia. Solene, sacudia os búzios entre as mãos fechadas, recitando algo que soava como:

– *Aroboboi Oxumaré aroboboi, Obá nixé kaô kábisile, ogunhê patacorê Ogum, jace jace, ora iê iê fiderô mã, iê iê oh minha Oxum, epa rei e kide rei Iansã, Oiá misolorum, eu eu Osanha asa, odê kokô ma iô, okê aro Olodomin ofá, lelu lemanjá odô iá. A bênção Obá, a bênção Ená, a bênção Inã, bençoá Jesu. Kobalaroê Exu kobá, a bênção todos oa vodus.*

No ar entre nós, ela jogou os búzios no meio do círculo das guias. Ficou olhando sem dizer nada, com aquela cara sabida de quem via o que eu não era capaz de ver. Aproveitei para olhar em volta. Era um apartamento do tamanho do meu, eu não conseguia imaginar como ela e Jacyr cabiam ali dentro. Mas como a mesa, todo ele era ordenado e limpo, pobre mas decente. O chão brilhava, encerado. Suspensas na janela, as avencas e samambaias enchiam de verde o precipício escuro do pátio interno. Com um guarda-roupa, eles tinham improvisado uma divisão no meio da sala. Nas costas voltadas para nós havia uma colagem que misturava orixás e santos da igreja católica com Buda, madre Teresa de Calcutá, Chico Xavier, o papa e artistas de cinema e tevê. Fiquei tentando descobrir se o cara de peitos nus, eu precisava de óculos, seria Arnold Schwarzenegger ou Sam Shepard, mas estava achando que Shepard seria intelectual demais para o gosto de Jacyr, quando Jandira disse:

–Axeturá.

Olhei para a mesa. Alguns búzios espalhavam-se em pequenos montes mas, no centro do círculo, quatro ou cinco deles formavam uma fila mais ou menos reta. Os olhos de Jandira estavam completamente vesgos.

– Meu filho, os caminhos estão muito mais abertos do que você imagina. Só que eles parecem tortos. Mas é por esses caminhos que parecem tortos que você tem que caminhar, e as coisas vêm ao seu encontro. Você só tem que escutar os caminhos e seguir por eles.

Mas será que eu, comecei a perguntar. Acho que queria saber se seria, afinal, capaz de ouvir os tais caminhos, se eram tão tortos assim, talvez silenciosos também.

Jandira tornou a jogar. Baixei a cabeça, espiei entre as sobrancelhas. Desta vez, caíram todos no canto à minha direita. Menos dois, sozinhos no canto oposto.

Ela perguntou:

– Você conhece a história de *Logunedé* ?

Disse que não, e senti vontade de fumar. Os olhos fixos atrás de mim, em alguma coisa ou alguém que não estava lá, Jandira contou:

– *Logunedé* é um príncipe, quase menino. Filho de Oxum, rainha das águas, e de Oxóssi, o rei das matas. Durante seis meses, *Logunedé* se transforma numa princesa encantada. E fica dormindo, deitado no fundo de um barco no meio do rio. Então ele se transforma também numa estrela. Deixa a princesa dormindo lá, no fundo do barco, sozinha, e sai vagando pelo meio da mata. Como uma estrela, procurando seu pai Ilê.

Mas o pai não era Oxóssi, pensei em perguntar.

Ela tirou os olhos daquela incômoda coisa invisível atrás de mim, fixou-os no meu

rosto. Tão vesgos que deviam focalizar, no máximo, aquele ponto onde as sobrancelhas se uniam, no começo do meu nariz. O território livre, preferido por nove entre dez cravos e espinhas.

– Larga a princesa dormindo, meu filho. Vira estrela e vai pro meio da mata, Ilê te espera.

A Pítia de Delfos perde, pensei. Com a desvantagem que não havia nenhum Apoio por perto. A não ser Schwarzenegger, ou seria mesmo Sam Shepard? Eu precisava de óculos, além de largar a princesa, e talvez Jacyr, além das faxinas, pudesse levantar uma boa grana decodificando oráculos na saída. Sem falar que mata, onde estávamos, só as árvores castigadas da Praça da República, do Trianon ou Ibirapuera, e me senti meio verme pensando nessas coisas.

Celta, druídica, xamânica, Jandira tornou a reunir os búzios e jogá-los entre nós. Desta vez, olhei depressa e contei, metade estava voltada para baixo, metade para cima.

Ela disse:

– *Ejionilê*. Hein, perguntei.

– Quando três fios brancos crescerem no seu peito, meu filho, *Oxaguiã* anuncia e traz a paz.

Faltava só um, então. Até a manhã do dia anterior, embora preferisse esquecer, eu lembrava, havia pelo menos dois. Visíveis porque pêlo é o tipo de coisa que não pára nunca de crescer no corpo de um cara. Minha preocupação não eram esses dois, ou os três que ela anunciava, e sim os dez, os cem pêlos brancos futuros, incontrolláveis. E além deles, aquela criatura de grisalho peito cabeludo em que pouco a pouco eu ia me transformando, enquanto a vida rolava e nada, nada acontecia. Nem sequer correntes de ouro para exibir entre o matagal grisalho. Ela disse:

– O Tempo é um orixá tão poderoso que não existe cavalo capaz de suportar o peso dele. Por isso não encarna, só ronda.

Enigmas, era tudo que eu encontrava pela frente. Enigmas insolúveis, esfinges impenetráveis, insanidades. Dulce Veiga caindo do viaduto, uma Pietá *gay*, a reencarnação de Virginia Woolf, coisas assim. Um telefone começou a tocar ao longe, devia ser o meu mesmo, seria Pedro? Comecei a ficar aflito com aquele hermetismo afro-brasileiro. Resolvi ser mais objetivo, embora inoportuno com o tempo dos orixás, que talvez fosse como o tempo de Lacan.

– Preciso encontrar alguém. Uma pessoa desaparecida há muitos anos.

Jandira ajeitou o turbante, esse não era prateado nem dourado como outros que eu vira, mas verde e amarelo. Um verde e amarelo que me fazia pensar nas matas onde eu deveria andar vagando, transformado em estrela, à procura de Ilê. Ela sacudiu os búzios, jogou-os no espaço entre as guias. Um deles pulou fora, na minha direção. De medo que caísse no meu colo, cheguei a afastar a cadeira. Não queria que me tocasse, aquele búzio na ponta da mesa.

– Não se preocupe, você vai encontrar essa pessoa. Ela é amiga de Ossanha, Oxum cuida bem dela. E muita coisa mais, coisa que você nem imagina, meu filho, você vai encontrar. Um dia a estrela volta, entra no corpo da princesa e a princesa acorda. Ouve o que

a tua mãe diz, e segue a estrela sem medo.

... e se a estrela desaparecesse de repente no horizonte, se já tivesse morrido enquanto a luz dela ainda chegava aqui, se não fosse uma estrela, mas um pulsar, quasar, buraco negro, se fosse Nêmesis, o planeta peregrino e assassino, além de Plutão, se fosse inatingível como Vega, Canopus, Aldebarã, se...

– Onde anda Jacyr? – perguntei, dispersivo.

– Pela vida, o santo cuida dele.

Hã-hã, eu disse. Não queria pensar no Quênia's Bar, uma perna apoiada na privada, a outra bem aberta, e vinte e cinco centímetros até o cabo. Perguntei sem graça:

– Quanto foi?

Jandira parecia constrangida:

– O que você puder, meu filho. Nunca cobro nada pelo que aprendi de graça. Mas preciso fazer um ebó, o santo pede. Você tem algum dinheiro?

Galinha preta na esquina da Caio Prado, pomba branca esvoaçando na Praça Roosevelt, pipocas à beira do Minhocão.

– Aqui não. Só pegar, aí do lado.

– Depois você me dá, já sei o que fazer.

Enfie uma nota embaixo da saia de renda amarela da boneca, onde apontavam outras notas, alguns cheques. Levantei para sair. Nenhum grande amor, nenhuma carta, herança ou festa.

Confusion, no connection, pensei. Parecia frase de filme, e quando pensei em filme, pensei também que tomar banho, ligar para um velho amigo, ainda restavam alguns, e ir ao cinema talvez fosse a melhor maneira de encerrar aquele dia sem sentido. Procurando bem, talvez encontrasse alguma reprise de Fellini na cidade.

Jandira colocou as mãos nos meus ombros. Cheirava a canela, manjerição, arruda. Já não estava vesga quando olhou bem dentro dos meus olhos:

– Antes de dormir, meu filho, coloca um copo d'água com açúcar na cabeceira. Para chamar as fadas, de madrugada elas sentem sede e vêm beber do lado da sua cabeça. E amanhã se veste todo de branco e não come carne para guardar teu pai Oxalá, que te proteja.

39

No corredor, esbarrei com uma mulher toda de preto. Era Teresinha O'Connor. – Você por aqui?

– Eu *moro* aqui, do lado. Deu três beijos no meu rosto.

– Me disseram que ela é ótima, não sei mais o que fazer. Hoje ele me tratou tão mal, como se eu fosse nem sei quê.

– Boa sorte – desejei. E não entendi nada.

Liguei o rádio. Além dos pensamentos, queria outros ruídos no cérebro. Mais profanos, menos confusos. Em falsete, uma voz animadíssima gritou *flaaaaash-baaaaack!*, e até que não seria de todo mau tomar banho ouvindo *help I need somebody help I need someone*, embora eu não cantasse, acho que ainda sabia a letra inteira de cor. Inesperadamente, como saída do fundo do tempo, aquele tempo em que eu a conhecera, Dulce Veiga começou a cantar *Nada além*.

Apaguei o rádio. Voltou aquele silêncio que eu detectara na saída do teatro. E eu, dentro dele. Eu, só eu, só.

Os velhos amigos então, lembrei, tomar banho, telefonar, ir ao cinema, depois jantar. De todo aquele tempo de silêncio e pena, não restava muita gente. Talvez Nelson, enumerei, amaldiçoando a mulher e as três filhas, não faço nada além de alimentar aquelas fêmeas; talvez Maria do Carmo, cada vez mais convertida a membro típico do Lamuriento Exército das Vítimas do Feminismo: um filho, nenhum marido ou amante, carnes e sonhos despencando pelas academias de aeróbica e redações de revistas femininas; talvez Fernando, olhos de fogo frio, batalhando pó até os dentes rangerem, depois uma puta – ou travesti, seria capaz? – na primeira esquina, pagar e brochar. Fora esses, havia também a Lépidia Legião Daqueles que Tinham Dado Certo, todos acasalados, aparece sábado, vou fazer uma jantinha, você *tem* que ver os vídeos que a gente trouxe de Tóquio, os computadores de Nova York, os vinhos de Paris.

Não, eu não queria ver nenhum deles. Eu não queria nada, eu não queria ninguém. Como Dulce Veiga, o que eu queria era encontrar - outra coisa. À amargura explícita ou atenuada por *fondues*, sessões *à slides* e *Armagnac's* importados, preferia ficar só. Era mais limpo. No máximo um velho Bergman, cheio de traumas. Então a campainha tocou, e tudo começou a acontecer muito depressa.

Pálida e descabelada, o capacete nas mãos, era Patrícia. Foi entrando sem esperar convite.

– Desculpa aparecer assim. Pedi seu endereço no jornal, uma moça me deu. Telefonei a tarde toda, ninguém atendia, achei que estava quebrado. Você precisa me ajudar.

– Que aconteceu, *Virgínia*?

– É a Márcia, entende?

Eu não entendia nada.

– Ela desapareceu.

Inevitável repetir a pergunta feita dezenas de vezes nos últimos dias:

– Como assim, *desapareceu*?

– Desde duas da tarde. Não foi no ensaio, deixou esperando um pessoal que queria gravar um negócio para a tevê. Um monte de coisas, um monte de gente. Não ligou, não

disse nada.

Reparei numa coisa peluda, pouco abaixo do pescoço dela. Era Vita, a gata, metida dentro da jaqueta, só a cabeça de fora. Patrícia usava aqueles mesmos óculos pesados do dia anterior, as hastes remendadas com esparadrapo. Tinha andado chorando, e repetia:

– Como a mãe dela, igual à mãe dela. Bem no dia da estréia do show.

Sem querer parecer cínico, lembrei:

– Quando eu era mais moço os artistas costumavam fazer esse tipo de coisa, chamava-se *golpe publicitário*. Os cantores eram assaltados, as atrizes arrebatavam a alça do sutiã nos bailes de carnaval, coisas assim. Hoje acho que se chamaria *jogada de mídia*.

Vita miou educadamente, reconhecendo o ambiente. Patrícia bateu com força o capacete em cima da mesa. Mas não havia mais nada sobre ou fora dela que já não estivesse meio quebrado naquele apartamento. Ela estava séria:

– Não fala assim, é verdade. Márcia anda muito louca, cheirando demais, faz uns três dias que não dorme. Só fuma e cheira. De repente toda essa história sobre o desaparecimento da mãe. De repente ela resolveu fazer a mesma coisa, sei lá.

Electra, Alceste, Ifigênia: qual seria esse complexo?

– Você já avisou a polícia?

– De jeito nenhum. Tem droga na roda, sujeira.

– Falou com mais alguém?

– Umas pessoas, uns amigos. Ninguém sabe nada.

– E por que você me procurou?

Muito alta e magra, instável como se pudesse cair a qualquer momento, ela andava de um lado para outro, apertando Vita dentro da jaqueta.

– Você parece um cara legal. E jornalista deve saber o que a gente faz numa hora dessas.

– Avisa a polícia, eu acho.

– Não! – ela gritou. Sublinhando o grito, Vita tornou a miar.

– A polícia não.

Drogas pesadas, Esquadrão da Morte, queima de arquivos, Cartel de Medellin. Márcia flutuando no rio Pinheiros, a espuma branca da poluição entre seus cabelos, quase tão branca quanto eles, um sapo pousado sobre a borboleta tatuada entre seus seios. No velório, uma coroa de flores em forma de guitarra elétrica, as Vaginas Dentatas cantando o *backing vocal* de *meus heróis morreram de overdose*. Procurei um espaço vazio na mesa, bati na madeira. E comecei a ficar preocupado.

– Não sei o que eu poderia fazer. Só me ocorre esse tipo de coisa: polícia, hospital, necrotério.

Patrícia sentou no sofá embaixo da janela, puxou o zíper da jaqueta, Vita saltou para fora. O rabo eriçado, começou a investigar o apartamento. Patrícia cruzou as pernas, enfiou o

rosto nas mãos. A aflição era real, mas eu não queria acreditar naquela história. Estratégia, repeti, estratagema. De repente lembrei de Jayne Mansfield nos bailes do Copacabana Palace, eu era muito antigo. Ou não havia mais estrelas como antigamente.

Patrícia levantou a cabeça:

- Me dá um cigarro.
- Você não fuma.
- Como é que você sabe?
- Eu sou um sujeito muito observador.

Ela pegou na minha mão, seus dedos frios. Vita fuçava papéis em cima da mesa.

– Por isso mesmo procurei você. Por favor, me ajuda. Na entrevista de ontem, Márcia não falou nada estranho?

Tirei minha mão. Acendi o seu cigarro, acendi outro para mim. Por trás dela, anoitecia.

– Falou uma porção de coisas. Todas estranhas, mas nada - nada além, pensei, nada além de uma linda ilusão. Tive vontade de ligar o rádio outra vez. Mas Dulce Veiga já devia ter parado de cantar.

Patrícia levantou-se, arrancou Vita de cima da mesa, voltou a sentar. Olhou o relógio, um desses digitais de mergulhador submarino. Enorme, cheio de botões.

– Quase sete horas. Ela já devia estar no Hiroshima. Precisamos conferir a luz, o som, uma porção de coisas. Você acha mesmo que ela quer repetir a mesma história de Dulce Veiga?

Ismênia. Clitemnestra, Jocasta; meu repertório grego não era tão vasto assim. Ajoelhei na frente de suas pernas de Cyd Charisse, dentro dos jeans rasgados e das botas, tipo Maria Schneider. Mas não me impressionava muito aquele texto dito de olhos desorbitados & voz trêmula como Meryl Streep. E por que, afinal, ela não pegava o telefone e não ligava para o tal Hiroshima, para Alberto Veiga, para mil lugares?

Ficamos fumando em silêncio. Por um momento tão longo que, se não houvesse aquele campo elétrico em torno do corpo dela, talvez eu pudesse descansar a cabeça em seus joelhos e, enquanto ela afagava meus cabelos, contar ou ouvir alguma picante história de Bloomsbury. Como se adivinhasse meus pensamentos, Vita jogou-se no chão e esfregou as costas nas minhas pernas. Talvez pudéssemos também procurar Jandira, que diria algo tipo "a pequena chama do Apocalipse apagou-se antes do incêndio começado", ou contaria a lenda de algum orixá que, quando o palco está armado, transforma-se em raio laser e sai voando entre os edifícios.

Quase no escuro, Patrícia começou a chorar. O neon da funerária acendeu lá fora, Vita olhou para cima, seus olhos brilharam feito dois faróis. A luz verde de neon brilhava sobre os cabelos despenteados de Patrícia, e não parecia Virginia Woolf assim, mas um adolescente andrógino, perdido e apaixonado. E eu gostava dela, merda, sempre acabava gostando das malditas pessoas e todas as suas loucuras. Talvez por isso, por gostar dela e querer ajudá-la, compreendi de repente aquilo que qualquer outro menos idiota teria compreendido desde o primeiro momento.

Patrícia estava apaixonada por Márcia. Apaixonada como uma louca.

No mesmo momento em que percebi isso, talvez porque parecêssemos os dois irrealis e frágeis naquela luz, naquela situação, no mesmo momento tive certeza absoluta de que ela escondia algo. Estendi a mão, toquei de leve seu queixo pontudo.

– Patrícia, escuta.

Ela fungou. Armei minha mais profunda voz de Homem Maduro & Compreensivo, Embora Fatigado das Loucuras da Juventude:

– Se você confia mesmo em mim, é melhor contar logo tudo. Se não nós vamos ficar aqui parados, olhando a cara um do outro até amanhã de manhã. E não vai acontecer nada. O máximo que eu posso fazer é pedir uma pizza, umas cervejas e botar um som.

– Certo – ela disse.

– Certo o quê?

– Eu confio em você.

– Então conta tudo.

Ela jogou a ponta do cigarro pela janela. Pela primeira vez desde que tinha entrado, olhou nos meus olhos. Tirou os óculos embaçados, apoiou o braço nas costas de Vita e esfregou os olhos. Ficaram ainda mais vermelhos, mais assustados.

– Acho que sei onde ela está.

Por um segundo louco, uma das mãos no queixo de Patrícia, outra no dorso de Vita, em alta velocidade, pensei assim – Dulce, ela sabe onde anda Dulce Veiga, e me contaria tudo, eu avisaria Rafic, Castilhos, todo mundo, faríamos uma grande matéria de primeira página, eu levaria Dulce a todos os programas de tevê tipo "esta é a sua vida", Rafic ganharia rios de dinheiro, potes de prestígio, se elegeria deputado, senador, qualquer coisa, talvez me conseguisse um cargo qualquer no exterior, talvez em Tirana, na Albânia, onde durante o inverno, no frio dos Bálcãs, eu voltaria enfim a escrever poemas, bons poemas desta vez, talvez epopéias, como um rapsodo, e talvez um dia recebesse uma carta de Pedro, marcando encontro em Ibiza, Alexandria ou Volterra, e.

– Onde?

– Não posso contar, eu prometi. Se contar, Márcia me manda embora. Ela soluçou alto, depois gemeu: – E eu não posso viver sem ela, entende?

Sacudi devagar seu queixo, estava molhado de lágrimas. Ela enfiou as unhas roídas no pêlo da gata. O miado de Vita, desta vez, era quase um uivo. Seu pêlo estava todo eriçado.

– Ela fica nervosa com a lua cheia.

– Conta logo tudo o que você sabe. Ou então vá embora e me deixe em paz.

Em voz baixa, como se tivesse medo que alguém mais, além de mim, pudesse ouvi-la, Patrícia disse:

– Uma casa, uma casa muito velha no Bom Retiro. Acho que é uma pensão, um cortiço. Desde que moramos juntas, desde que ícaro morreu e eu vim para São Paulo, Márcia vai lá quase todos os dias. Leva sempre comida, remédios, às vezes roupas. Roupas de mulher.

Uma vez eu a segui.

– Quem mora lá? – eu estava gritando. – Quem mora lá, Patrícia?

– Eu não sei, eu não vi, eu não entrei. Fiquei só na rua, espiando. Márcia descobriu, não sei como. Ela me fez prometer que não faria isso nunca mais. Que não contaria para ninguém. Que era um segredo, ela disse, um segredo horrível.

Levantei de um salto. Quase ao mesmo tempo, toda arrepiada, Vita pulou do colo de Patrícia, atravessou o apartamento e ficou dando voltas em frente à porta, arranhando a madeira como se quisesse sair imediatamente para a rua. Patrícia também levantou.

– Você acha – ela gaguejou –, você acha que.

– Só pode ser – eu disse, meu coração disparado. – Só pode ser ela.

Nem eu nem Patrícia precisávamos pronunciar aquele nome. E quando saímos, mesmo não dito, tive a impressão que ele permanecia vibrando, sozinho no apartamento, pulsante como uma coisa viva dentro da luz verde da funerária.

41

Os pneus guincharam na curva da igreja, perto da Estação Tiradentes. Vita miou esganiçado. Sem respeitar o sinal, Patrícia dobrou no meio dos ônibus, alguns garanhões gritaram num bar, e precisei me agarrar na cintura dela para não cair. Durante muito tempo, ela rodou por ruazinhas apertadas, sujas, cheias de casas de comércio, depois parou em frente a um velho portão enferrujado.

– É aqui – ela disse. – Foi nesta casa que Márcia entrou, naquele dia.

Pulei da moto, olhei para dentro. Ervas daninhas brotavam entre as gretas do caminho de cimento manchado de umidade que levava até os degraus roídos pelo tempo. Entreaberta, a porta de pintura verde-escuro – verde fundo, pensei, verde-musgo como a poltrona de Dulce Veiga – deixava ver um sofá de plástico laranja, com um quadro de Iemanjá por trás. Atravessei o caminho, subi os degraus, fiquei parado de frente para Iemanjá. Os braços estendidos à frente do corpo, as mãos abertas para mim, ela pisava descalça sobre águas que pareciam lodosas sob a capa de sujeira que cobria o quadro. De dentro da casa, por um corredor estreito, vinha um cheiro de cebola frita, repolho cozido. Não havia ninguém à vista. Tive vontade de entrar por aquele corredor, mas lembrei de Patrícia.

A cara de Vita escapando pela gola aberta do blusão de couro, ela continuava parada ao lado da moto.

– Você não vem?

Ela batia o capacete nos joelhos, indecisa:

– Vai você, eu não tenho coragem.

Está bem, falei. Estava disposto a resolver sozinho mesmo aquele mistério quando, de repente, ouvi um miado estridente e uma chispa peluda passou correndo entre minhas pernas.

– Vita – Patrícia gritou. – Vita Sackville-West, volte já aqui. Correu atrás dela,

esbarrou em mim, quase caímos em cima do forro furado do sofá laranja, de onde saíam uns tufos de palha. Patrícia entrou pelo corredor no encalço de Vita. No corredor de números pintados em tinta branca nas portas fechadas, ficou mais forte o cheiro de fritura, comida azeda, roupa suja, miséria. Do alto do teto de madeira pendia uma lâmpada pendurada num fio, mas a luz amarelada era insuficiente para clarear o corredor inteiro. Não conseguíamos ver a gata.

Patrícia apertou meu braço. Por trás de uma das portas uma criança começou a chorar.

Quase no fim do corredor, muito quieta, Vita estava sentada em frente a uma porta. A de número oito, eu vi, quando Patrícia ajoelhou-se para pegá-la nos braços. De dentro do quarto, vinha o som de música, a voz de alguém cantando uma música familiar, embora misturada ao choro da criança, às descargas abertas dos automóveis na rua, à respiração ofegante de Patrícia, às batidas do meu próprio coração. Colei o ouvido na porta, tentando ouvir melhor. E quando reconheci a música, quase sem poder me controlar, pensei em dar a volta, atravessar aquele corredor, dar as costas à imagem de Iemanjá, tomar um táxi, ir até em casa, jogar algumas coisas dentro da mochila e partir para qualquer lugar, bem longe dali. No meio da fuga que eu não me atrevia, era tarde demais, reconheci a voz e a música.

Era Dulce Veiga. Por trás da porta fechada daquele cortiço sórdido, era a voz de Dulce Veiga cantando *Nada além*.

No colo de Patrícia, os olhos de Vita faiscaram na penumbra, violeta como os de Liz Taylor. Imóveis, as duas olhavam para mim. Por todos os filmes que eu vira, e eram milhares, por todos os livros que eu lera, por tudo que tinham me ensinado sobre como um homem deve comportar-se nessas situações e essas coisas todas – por muitas coisas mais, enfim, eu não podia simplesmente dar as costas e sair correndo, deixando as duas ali paradas, sozinhas, fêmeas, indefesas.

Meu Deus, pensei. Eu não pensava em Deus fazia tempo.

Levei a mão ao trinco. Um trinco antigo, de metal. Parecia morno, viscoso. Talvez fosse a palma suada da minha mão. Contei mentalmente até três. Abaixei o trinco e, sem ruído, abri a porta.

De costas para nós, no centro do quarto, estava uma poltrona de veludo verde. Caída no alto da poltrona, inclinada para fora de uma daquelas abas na altura de quem está sentado, havia uma cabeça loura de mulher. Seus cabelos eram lisos, despenteados, repartidos ao meio, cortados na altura do queixo. Não podíamos ver o rosto dela, apenas a cabeça, parte dos ombros e um braço. Jogado sobre o veludo verde da poltrona, naquela luz amarelada, a pele do braço estendido tinha uma tonalidade doentia, quase amarela também. Na palma da mão voltada para cima, as unhas vermelhas estavam cravadas no monte de Vênus. E na altura do cotovelo, acima das unhas vermelhas, do pulso seco, latejava uma veia.

Era essa veia que Márcia massageava, ajoelhada aos pés daquela mulher, segurando uma seringa no ar. Como se falasse com um bebê, repetia coisas que eu não conseguia ouvir, provavelmente coisas doces. Carinhosas, sedativas, hipnóticas. A mulher retorcia-se na poltrona, abrindo e fechando a mão até que a veia saltasse mais, estufada.

Longe, no corredor, a criança gritou mais alto.

Márcia não desviou os olhos. Curvou-se devagar sobre o braço da mulher e, concentrada, toda vestida de preto, como uma enfermeira às avessas, uma enfermeira da treva, enfiou a agulha naquela veia. A mulher parou de debater-se. Márcia pressionou a seringa, injetando o líquido. Os cabelos louros tombaram sobre o veludo verde.

Eu quis entrar, naquele momento, interromper aquela cena medonha. Patrícia segurou a ponta da minha camisa. Parado na porta, olhei em volta. As paredes estavam quase inteiramente cobertas por capas de revistas e reportagens com fotos de Dulce Veiga de vinte, trinta anos atrás. Além da poltrona verde, havia no quarto também uma cama de ferro antiga, com lençóis encardidos, embolados, e um guarda-roupa de porta aberta, mostrando vestidos fora de moda, echarpes em frangalhos, sapatos, chapéus. Ao lado da janela fechada, sobre a penteadeira, entre algumas maçãs, potes de creme e vidros de perfume, um toca-discos portátil girava no prato um velho 78 rotações. Arranhada e falha, a voz de Dulce Veiga cantava seu último sucesso.

Márcia puxou a seringa. Uma gota de sangue espirrou no ar.

Com algodão, ela começou a desinfetar o braço da mulher. O algodão ficou vermelho de sangue. Márcia apanhou outro chumaço, comprimiu-o contra a veia. Mais ativo que a fritura ou a sujeira, flutuava no ar um outro cheiro, adocicado, como o de amêndoas esmagadas. Os cabelos louros da mulher balançaram, suspensos sobre o braço nu. Márcia suspirou, ergueu os olhos. Foi então que Patrícia largou minha camisa, Vita pulou miando para dentro do quarto, Márcia deixou cair a seringa e olhou para nós, apavorada.

Antes que ela pudesse gritar ou fazer qualquer gesto, entrei no quarto. Pisando nos cacos da seringa, dei a volta na poltrona para ver de frente o rosto daquela mulher.

42

A segunda vez que vi Dulce Veiga, e foi a última, ela não estava sozinha. além do bebê, que só vinte anos mais tarde eu saberia que era Márcia, havia também um homem naquele apartamento de cortinam sempre fechadas na avenida São João. Foi tudo tão rápido, tão confuso, que mal consigo organizar as lembranças na memória, sem saber o que veio antes, durante ou depois.

Eu havia voltado para apanhar algumas fotos, letras de música, talvez para conversar um pouco mais com ela, não lembro ao certo. Por alguma razão, o editor da revista não estava satisfeito, era meu primeiro perfil, e não estava bom. Toquei a campainha, um homem abriu a porta, um homem alto, olhos claros, usando uma camiseta de mangas cavadas muito suada. Os cabelos colados no rosto pelo suor, ele caminhava de um lado para outro jogando roupas e livros, principalmente livros, muitos livros, dentro de uma mala aberta no meio da sala. Lembro que ele abriu apenas uma fresta da porta, me olhou assustado por cima da corrente do trinco, como se tivesse medo de que fosse outra pessoa. E só quando eu disse quem era e o que queria foi que puxou a corrente, abriu a porta e me deixou entrar. Então eu a vi, pela última vez vi Dulce Veiga, mas não seu rosto.

Dividindo a sala em duas, havia um arco de concreto, sem cortinas. Parado no espaço

onde aquele homem jogava roupas e livros, percebi na outra sala a poltrona de Dulce Veiga voltada de costas para nós. De onde estava, via apenas seus cabelos louros caídos, despenteados, parte do ombro direito e um braço nu estendido sobre o braço de veludo verde. Da mão dela, pendia uma seringa vazia, na pele do braço brilhava um fio de sangue. Querida, o homem disse, como se não se importasse com aquilo, é o rapaz da revista, mas ela não respondia, você precisa cuidar da sua carreira, ele disse, ainda mais agora que eu tenho que ir, mas ela não se movia, diga onde está que eu entrego a ele, mas ela continuava sem responder, imóvel na poltrona verde.

Enquanto o homem falava, sem parar de jogar coisas dentro da mala, olhando para lá, para onde Dulce Veiga estava, eu via também o berço da menina, coberto por um pano indiano, suspenso como tenda, a mesinha de tampo de mármore, e em cima dela, entre maços de cigarro e alguns papéis, várias ampolas, gaze, algodão, um frasco de álcool. O homem continuava a falar. Dulce não se movia.

Delicado então, mas firme, ele começou a me empurrar em direção à porta, dizendo que voltasse depois, outro dia, que tinha pressa, precisava viajar, que Dulce não estava bem, que não havia tempo, nem um minuto, ele precisava viajar, fugir, urgente. Quando abriu a porta para que eu saísse, o bebê começou a chorar. Por trás dos ombros dele, ele era muito alto, ele era muito forte, eu vi Dulce tentando levantar-se da poltrona, sem conseguir, e antes que eu saísse para o corredor ela o chamou com uma voz que parecia vir de longe. Muito mais longe que a extremidade da porta onde estávamos, do outro lado do mundo. De outro mundo, ela o chamou.

Saul, ela disse, ela pediu sem forças, Saul, olhe a menina. O homem me deixou parado na porta, caminhou até o berço, embalou-o suavemente, enquanto a menina parava de chorar, e quando finalmente parou, ele acariciou devagar os cabelos de Dulce, depois tirou a seringa das mãos dela, com cuidado, como se fosse uma arma carregada e pudesse disparar. Para não feri-la, colocou-a sobre a mesa de mármore. O homem voltou até mim, repetindo que eu precisava ir, que ele também precisava ir, antes que os homens chegassem, e foi se aproximando, ele estava muito suado, ele tremia, eu podia sentir o cheiro de suor limpo dele e ver bem de perto seus olhos, que não eram exatamente verdes, mas de um castanho muito claro, deviam ficar verdes quando o sol batesse de frente neles, mas não havia sol ali dentro, as cortinas sempre fechadas. Eram olhos de medo, olhos de horror os olhos do homem muito perto de mim, brilhando no escuro. Ele segurou meus ombros, falou que eu tomasse cuidado, que eu era muito jovem, que não contasse a ninguém que ele estava ali, que eu publicasse a entrevista e dissesse para todos lerem que Dulce Veiga era uma grande cantora, a melhor de todas, do mundo inteiro. Com seus olhos de urgência e pânico, o homem passava a mão no meu rosto, repetindo essas coisas com uma sombra de tristeza, ou desespero, ou despedida na voz, e foi chegando muito perto, cada vez mais perto do meu rosto, e de repente curvou-se, me apertou contra ele, me beijou na boca.

A menina tornou a chorar no berço, Saul, Dulce chamou-o outra vez, Saul, a menina. Ele me empurrou para o corredor, bateu a porta. Apertei o botão do elevador, devo ter passado a mão na boca, sentindo o gosto suado de sal da boca daquele homem, devo ter passado muitas vezes a mão na boca, não como se sentisse nojo, apenas tocando, investigando o que fora levado ou ficara nela, sem compreender nada daquilo, eu era muito

jovem, eu não Sabia de nada. Não lembro se foi quando o elevador chegou lá embaixo ou se quando abriu a porta no andar onde eu estava, não sei mais o momento exato em que do elevador antigo, porta de grades, saíram quatro ou cinco homens apressados, vestidos de terno, um deles tinha uma arma na mão, e me jogaram contra a parede. O apartamento da cantora, perguntaram, o guerrilheiro, onde mora Dulce Veiga, o terrorista, onde é a casa daquela puta, daquele comunista, e sem saber direito o que significava aquilo, era tudo rápido demais, eu não tive culpa, eu falei o número, sem querer, acho que era setenta, eu disse: é lá que eles moram. Os homens saíram correndo, eu fui embora.

Não lembro quase mais nada, depois. Dentro do elevador, ou na saída do prédio, ouvi os homens dando socos e pontapés na porta do apartamento. Na rua, as pessoas falavam em voz baixa, passavam apressadas, olhando para o chão, fingindo não ver o carro do DOPS estacionado sobre a calçada, com homens armados em volta. Lá embaixo, na avenida São João, bem em frente àquele prédio onde, há vinte anos, antes de sumir no mundo, morou um dia Dulce Veiga.

43

Apesar do vestido de seda azul, dos sapatos de saltos altos e finos, das unhas pintadas de vermelho vivo, do colar de pérolas e dos cabelos louros exatamente iguais aos que Dulce Veiga costumava usar – aquela figura sentada na poltrona verde não era ela. Entre pontos pretos de barba, por trás da camada de maquiagem realçando as maçãs do rosto e alinha orgulhosa, quase dura do maxilar, para tornar a face falsa ainda mais semelhante à dela, sem muita dificuldade reconheci aquela pele morena e os olhos de pânico de vinte anos atrás. As pupilas dilatadas estavam fixas em mim.

Em voz baixa, chamei seu nome:

– Saul.

Mas embora ele olhasse direto para mim, compreendi que não me via. Nem a mim, nem a nada ou ninguém fora dele mesmo. Habitava outro mundo, talvez aquele mesmo de onde Dulce Veiga certa vez o chamara, enquanto preparava a fuga, para cuidar da menina, aquela mesma que cuidava dele agora. Sorria crispado, um fio de baba escorrendo do canto da boca, as pernas abertas, os dois braços de veias machucadas largados sobre o veludo verde. Como se navegasse no espaço, como se pilotasse uma nave espacial. Perdido em galáxias, a cabeça jogada para trás, as pálpebras azuis semicerradas, longe de nós e de tudo, sozinho no volante de sua loucura.

Márcia caminhou até a penteadeira, desligou o som. No silêncio incômodo, parecia perfeitamente calma. Ou exausta demais para espantar-se:

– Você o conhece?

– Poderia mentir que não, como você mentiu – falei, e ela baixou os olhos. – Mas eu o vi uma vez. Há muitos anos, no apartamento de sua mãe.

Patrícia recolhia os cacos manchados de sangue da seringa. Como se quisesse acarinhá-lo, Vita roçava lentamente o dorso contra as pernas do homem travestido de Dulce Veiga. A

criança tinha parado de chorar. Pela porta aberta do quarto entrava o bafo azedo do corredor.

– Eles eram muito – Márcia começou a dizer. Depois hesitou, passou a mão pela cabeça, eriçando os cabelos descoloridos. E repetiu, mais firme: – Eles eram muito *amigos*, Saul e mamãe. Ele não tem mais ninguém no mundo, só eu.

– E por que exatamente você?

– Isso é negócio meu.

– Você podia ser presa por tráfico de drogas, sabia? Imediatamente me arrependi de ter falado. Como por encanto, de repente a calma ou o cansaço de Márcia desapareceram. Uma faísca percorreu seu corpo, e ela voltou à antiga forma possessa. As mãos na cintura, gritou:

– Então me denuncia. Deve ter uma delegacia perto daqui, vai lá e me denuncia agora como traficante. Como ladra, como assassina. Como o que você quiser, me denuncia agora. Me denuncia já.

Como talvez, pensei amargo, como talvez, sem querer, vinte anos atrás denunciei Saul, e você nem sabe disso. Era horrível pensar aquilo. E eu não tinha culpa, queria me jogar aos pés de Saul, gritar feito um louco, mais louco que ele, rolando no chão, rangendo os dentes, que eu era muito jovem, que eu não sabia o que fizera.

Vita miou espantada, olhando para nós. Patrícia colocou a mão no ombro de Márcia, explicou em voz baixa:

– Fui eu que chamei ele. Não sabia o que fazer, você tinha desaparecido, o pessoal da banda está apavorado.

Márcia afastou o ombro com tanta violência que os cacos da seringa na mão de Patrícia tornaram a cair no chão:

– Você é uma idiota, tinha que contar coisas da minha vida ao primeiro desconhecido. Eu avisei que se fizesse isso você podia arrumar as malas e dar o fora.

– O nosso show, a estréia – Patrícia gemeu. Perto de Márcia, ficava lamurienda e pedinte como uma menina mendiga. – Achei que era importante para você, só queria ajudar.

– Há anos que você sempre quer me ajudar, e acaba atrapalhando tudo. Não foi você quem contou para Alberto que eu estava louca em Nova York? Me faz um favor: não tenta nunca mais me ajudar. Eu quero quebrar a cara sozinha, meu amor. Como quebrei, depois que ícaro morreu.

De repente, sem ninguém esperar, Márcia jogou-se na cama e começou a chorar, o rosto enfiado nos lençóis encardidos. Em frente àquele morto-vivo travestido de outra morta-viva, como atores que não tivessem decorado o texto nem as marcas de um filme ou peça, talvez livro, de qualidade duvidosa, Patrícia e eu nos entreolhamos. Ela espiou o relógio de mergulhador submarino:

– Já devíamos estar no Hiroshima.

Mas nós estamos lá, pensei. No meio do cogumelo atômico, no segundo da explosão, cegos e mudos com a luz horrível. Preso no espelho da penteadeira, havia um retrato da verdadeira Dulce Veiga. O tule negro de um véu cobria quase completamente seu rosto. Menos a boca de lábios finos, que ria para nós. Vita pulara sobre a cama e ronronava entre os

cabelos de Márcia.

– Talvez seja melhor vocês irem para o teatro – eu disse. – Depois a gente conversa.

Então uma mulher apareceu na porta. Era gorda e lenta, muito morena, cabelos lisos de índia, buço cerrado. Parecia uma boliviana, uma ianomâmi. Embalava nos braços uma criança ranhenta, provavelmente aquela mesma que chorava. Espiou para dentro:

– O que foi, dona Márcia? Ouvi uns gritos, o seu Saul está passando mal de novo? – Na poltrona, Saul soltou um gemido. A mulher riu, aproximou-se dele e falou para nós: – Ele é gozado, não gosta que a gente chame ele *de seu Saul*. Fica uma onça, só falta morder. Gosta que a gente diga *Dulce Veiga*, não sei por quê.

– Não foi nada – Márcia fungou.

– A estréia, o show – Patrícia disse.

Saul tornou a grunhir. Até ele aquietar-se, a mulher ficou repetindo ritmado como numa canção:

– Dulce, Dulce Veiga. Tudo bem, Dulce Veiga, tudo azul. A senhora está tão bonita hoje, dona Dulce.

Márcia levantou:

– Vamos embora. Eu tenho que cantar.

And this how must go on, pensei. De que adiantaria não ter revelado o número do apartamento, a polícia naquele tempo sempre sabia de tudo. Márcia caminhava para a porta. Segurei seu braço.

– Você tem que explicar uma porção de coisas.

– Não tenho que explicar nada, porra. Não se meta na minha vida.

– Mas eu preciso saber. De repente, ela relaxou.

– Está bem – disse, e puxou o braço, tão mansa que custei a acreditar. Tinha olheiras roxas sob os olhos muito verdes, dois vincos fundos ao lado da boca. A pele parecia gasta, seca. Quis abraçá-la, repetir que não tinha culpa, mas ela me empurrou sem raiva:

– Depois, depois do show. Me procura no Hiroshima, a gente conversa.

No meu ouvido, Patrícia perguntou baixinho:

– Quem é esse homem?

Não respondi, eu não podia. De certa forma, também não sabia. Márcia deu um beijo na testa de Saul, recomendou à mulher:

– Se ele passar mal, dona Iracema, a senhora me liga. Qualquer hora, a senhora sabe onde me encontrar.

A mulher com cara de índia estava parada ao lado da poltrona verde. Embalava a criança num dos braços, enquanto passava a outra mão na testa lívida de Saul. Você está linda, Dulce Veiga, dizia, em toda a minha vida nunca vi a senhora tão bonita como hoje. Feito um rastro prateado de lesma, da boca de Saul a baba continuava escorrendo sobre a seda azul do vestido.

Fiquei quase uma hora embaixo do chuveiro. Quando finalmente saí, me sentindo tão sujo quanto antes, lembrei que costumavam rodar o segundo caderno do jornal do dia seguinte por volta das dez horas. Eu poderia passar lá antes do show, levar a entrevista publicada para Márcia. Ou, sempre sonhara com isso, entrar na gráfica aos gritos de "Parem as máquinas! Parem as máquinas!". Mas não haveria nada de novo para imprimir. Anão ser talvez uma foto de Saul travestido de Dulce Veiga. E eu aos pés dele, cabeça enfiada em seus joelhos, numa Pietá bissexual: "Vinte anos depois, repórter chora o resultado de sua denúncia". Denúncia, não: *deduragem* ou *traição* faziam mais o gênero *Diário da Cidade*.

Dei um soco na cabeça, sossega, você não teve culpa, estava tudo armado. Ao sair, peguei algum dinheiro, coloquei dentro de um envelope e, como se quisesse comprar a simpatia dos orixás, enfiei por baixo da porta de Jandira. Desci as escadas perseguido por uma falange de Exus em fúria.

A lua cheia subia por trás dos viadutos da Bela Vista. Enorme, redonda, amarela. Fui descendo a Rua Augusta, olhando vitrines, revistas, pessoas, chutando latas vazias, pedrinhas, somando mentalmente os números das placas dos automóveis.

Se quisesse, eu poderia enlouquecer, sabia tantas histórias terríveis. Fácil seria também entrar no primeiro bar, beber até dormir, para acordar com a cabeça machucada por lembranças vagas de algum pesadelo.

Quando vi o jornal, melhorei. Por cima da foto a cores de Márcia, Castilhos colocara um título de página inteira – *Márcia E: tudo além*. Atrás da blusa desabotoada, podia-se ver as cores de uma das asas da borboleta entre os seios dela. Era bonito, desafiador. O texto também parecia bom, apesar dos erros de revisão. Então meus ombros soltaram-se devagar, e me senti bondoso, me senti decente outra vez. Resolvi comprar rosas para Márcia. Rosas brancas, rosas da paz. E demorei tanto tempo para ir até o Largo do Arouche que, quando cheguei ao Hiroshima, já era quase meia-noite. Havia muita gente em frente ao cogumelo atômico de neon lilás.

Passei a mão na boca seca. De certa forma, aquele beijo ainda ardia. Como se um pedaço da minha boca, durante todos aqueles anos tivesse ficado perdido, grudado na boca de Saul.

V

Sexta-feira

O Labirinto De Mercúrio

O Armagedon propriamente dito, não havia dúvida, era ali mesmo. Na batalha final, amontoavam-se punks, darks, skin-heads, góticos, junkies, yuppies. Uma legião de replicantes, clones fabricados em série, todos de preto ou roxo, correntes, crucifixos, vendas nos olhos, tatuagens, cabeças raspadas, descoloridas, arrepiadas como cristas geométricas, assimétricas, tingidas de verde, vermelho, violeta.

Todo vestido de branco, as rosas brancas nas mãos, eu era o mais estranho entre eles. Um caçador de andróides, disfarçado de anjo. Decidido, fui abrindo caminho até o bar. Dois ou três uísques derrubariam em poucos minutos aquela estranheza. Sobre as cabeças dos mutantes, os telões de vídeo reproduziam a imagem de Márcia e, enquanto tentava chamar a atenção do japonês do bar, ouvi a voz dela. Rouca, enfurecida, gemidos lancinantes da guitarra ao fundo:

– *Caiu, caiu a Grande Babilônia! Tornou-se recesso de demônios, prisão de todo espírito impuro e de toda ave impura e repelente, porque do vinho acre de sua luxúria beberam todas as nações, com ela prostituíram-se os reis do mundo e com seu luxo desenfreado enriqueceram os traficantes da terra!*

Ao fundo, em coro, intercalando as palavras, as Vaginas Dentatas gritavam ritmadas *yeah, yeah, ela caiu. caiu a Grande Babilônia!* Engoli o uísque de um trago só. Tinha gosto de chá de boldo, álcool retificado, sem açúcar. Márcia parecia em ótima forma embora, para falar a verdade, eu fosse mais do tempo que Maria Bethânia sacudia pulseiras no ar, recitando Fernando Pessoa: "Mora comigo na minha casa o rapaz que eu amo". Seria mesmo dele? Eu não lembrava, podia ser Bivar, Fauzi Arap, Luiz Carlos Lacerda, mas podia também ser dele, não fora muito discreto, o tio, todos aqueles marinheiros peludos da *Ode marítima*, lembrei, um certo rapazinho lá em Londres, *quando eu morrer, Dauy*, aquele uísque era mortal, tudo isso me fazia pensar em Pedro, eu estava ficando bêbado mais rápido do que pretendia, depusitei as rosas no balcão, os replicantes olharam como se fosse um buquê de vermes, meu Deus como o tempo passa, e quando a gente vê, de repente, um dia, o binômio de Newton final e realmente tornou-se mais belo que a Vênus de Milo.

Pedi outro uísque, fiquei acompanhando a performance de Márcia. Era sensacional. A maquiagem branca acentuava o clima de decomposição urbana, as olheiras tinham sido acentuadas com sombra negra. Ela terminou o discurso apocalíptico com o punho cerrado erguido no ar – onde andaré Angela Davis, pensei –, as tachas da pulseira de couro cintilaram sob a luz dos *spots*. Depois pegou a guitarra e, sem pausa, atacou um daqueles rocks que falavam em césio, peste bubônica, mercúrio, devastação nuclear, lixo atômico, ciclamoto & ozônio. Buracos, claro. A platéia aplaudiu e dançava freneticamente: Márcia Felácio e as Vaginas Dentatas eram um sucesso.

E pensei: esteja onde estiver, viva ou morta, aquilo devia fazer bem à alma de Dulce Veiga. Isso me deixou melancólico, eu não costumava pensar em almas, deste ou do outro mundo. Estava começando a me sentir muito só, e velho, e deslocado, e careta, precisando de pelo menos vinte horas de sono, quando alguém tocou meu ombro. Seria Patrícia, imaginei.

Não, era Filemon. Uma lata de cerveja nas mãos, perfeitamente adaptado ao ambiente. Parecia feliz em me ver.

- Nunca pensei encontrar você por aqui.
- Muito menos eu.
- Castilhos pediu uma crítica. Mas disse que só publica se eu falar bem.

Perfeito: por trás dos panos, Rafic já começava a agir. Para a volta triunfante da mãe, claro, seria estratégico primeiro atapetar bem o caminho da filha. Eu quase podia prever o dilacerante encontro das duas em algum programa de tevê ou capa de revista. Rafic entre as duas, a estrela em ascensão, a supernova, ao lado da estrela apagada.

- Como se chamam as estrelas apagadas?
- Hein?

– Nada. Vai ser difícil você gostar. Este é um lugar do demônio. Filemon sacudiu a cabeça, também parecia um pouco bêbado. O brinco em forma de cruz balançou.

– Ao contrário. Eu conheço bem a Márcia, ela é muito religiosa. Tudo isso é para glorificar o nome de Jesus. Na clínica, a gente só lia a Bíblia.

Ah, pensei. E lembrei da dedicatória na capa do disco, qualquer coisa sobre caminhos de luz, atalhos de treva. Mais um enigma, suspirei exausto, bem-aventurados os doidos de pedra. Em cima do balcão, no meio das rosas, a mão de Filemon tentava tocar na minha. Encolhi os dedos, ele percebeu. Tentei disfarçar:

- Filemon, Filemon. Que nome estranho você tem.
- Coisas do meu pai, ele é terapeuta junguiano.

– Deve ser ótimo ter um pai terapeuta. Você pode pirar de graça a qualquer hora do dia ou da noite - e tive vontade de pedir a ele uma receita de lexotan, a herança de Lúcia fora dilapidada.

– Escuta – ele disse, bem perto do meu ouvido, a boca vermelha no rosto pálido quase encostada na minha pele. Tive uma vontade quase incontável de beijá-lo outra vez. Era meio compulsivo, aquilo. Ou magnético, sei lá. Fluidos, odores imperceptíveis, vibrações. Que coisa era aquela que, independente da razão, atraía ou repelia as pessoas? – A gente precisa conversar. Eu fiquei pensando naquilo que aconteceu.

Tirei o corpo:

- Agora não, preciso ver o show.
- É lá embaixo, eu te mostro.

Ele me puxou para o porão onde ficava o palco. Olhando sua nuca raspada, por entre anjos do apocalipse, monges loucos, sereias radioativas, reis destronados, profetas contaminados, bestas feridas, saltimbancos apáticos, pensei: ele quer saber por que o beije. Naquele crepúsculo, depois da chuva, antes de Dulce Veiga desaparecer no Edifício Itália. Estranho impulso, eu poderia explicar. Nome de filme, Valter Hugo Khoury, perfume, folhetim erótico e vulgar. Estranho, estranho impulso já que, excluindo Pedro, eu não era homossexual. Mas poderia contar também – se tivesse coragem, se houvesse tempo, se

valesse a pena – a história de Saul. A história do outro beijo, o beijo que Saul me dera. Como eu dera em Filemon, súbito, sem explicação. Uma espécie de maldição, passada de boca em boca. Naquele tempo, Saul devia ter a mesma idade que eu agora, e Filemon um ou dois anos mais do que eu tinha, então. Daqui a vinte anos, depois de loucas peripécias, um dia quem sabe Filemon me encontraria travestido de Márcia F., congelado no tempo, na frustração, batendo carreiras de pó. Era grotesco, mas eu não conseguia rir. Como uma estranha maldição, repeti mentalmente, no ritmo da música, passada de boca em boca.

O segundo uísque não estava batendo bem. Parecia que eu tinha bebido cinco, fumado três baseados, cheirado sete carreiras. A descida para o porão pela escada de ferro em caracol, sem ar-condicionado, no meio dos gritos de *yeah, yeah, caiu a Grande Babilônia* que intercalavam todas as músicas, parecia literalmente uma descida aos infernos.

Tropecei de repente, e esbarrei em Jacyr. Estava vestido de homem, calças pretas de couro, muito justas. Deu um gritinho, apontando Filemon:

– Muito bem acompanhado, hein, bofe?

Um colega de jornal, tentei explicar. Minha roupa branca encharcada de suor, as rosas brancas manchadas pela tinta preta do jornal. Filemon enfiava-se pelo meio dos andróides, pós e prés – o único *durante* era eu –, tentando aproximar-se do palco. Fui atrás dele.

Jacyr gritou, por trás dele vi o crioulo rastafari:

– Estou torrando a grana que você me pagou – ajeitou o xale invisível nos ombros, apontou para o palco. – Em homenagem à deusa. Ela é mulher, mas merece.

Quando consegui chegar perto do palco o show tinha terminado. O público pedia bis, as luzes apagaram, batiam palmas gritando por-que-parou-parou-por-quê, Filemon me estendeu sua lata de cerveja, meu uísque tinha acabado, bebi mais, as luzes do palco tornaram a acender. Filemon chegou mais perto, eu gosto tanto de você, ele disse no escuro, eu fiz que não ouvi, Márcia entrou outra vez e, no meio dos gritos e aplausos, quando pensei que fosse chamar também as Vaginas Dentatas para atacar *Nada além* ou algum rock contaminado, ela pegou o violão, sentou num banquinho, puxou o microfone e disse:

– Minha mãe, Dulce Veiga, era uma grande cantora. Há vinte anos ninguém sabe onde ela anda. Ela deixou alguns poemas, entre eles este, que eu musiquei. Onde quer que ela esteja, dedico a ela esta canção. Chama-se *Poltrona verde*.

Sentada no banquinho, pernas cruzadas, joelhos redondos sob a minissaia de couro, parecia Nara Leão, em ritmo de bossa nova, muito perto do microfone, apenas um *spot* sobre ela, Márcia cantou baixinho:

– *"Aqui sentada, abandonada,
contemplo o mundo imundo,
o tudo e o nada.
assim perdida, alucinada
sobre o veludo verde
desta poltrona,*

*apaixonada por tudo e nada,
navego em sedas,
me perco em mares,
eu tão distante do mar da vida,
farta de amores, cheia de bares.
Aqui sentada, incendiada,
contemplo o mundo tão vagabundo,
o nada e o tudo.
Veias feridas, aqui parada,
quase afogada na lama verde,
veludo mudo, poltrona vida,
única amiga da longa estrada,
que me aceitou e me deixou:
aqui sentada, iluminada.
Contemplo o mundo,
o mal, o bem,
o tudo, o nada
e o mais além".*

Deixa eu cuidar de você, Filemon sussurrou no meu ouvido. Não respondi. Pelo menos metade da legião de replicantes subia as escadas vaiando, perplexos com a traição *heavy-metal*. Muito segura, Márcia caminhou sorrindo até a beira do palco, estendeu a mão para mim e chamou:

– Vem cá, vamos conversar.

46

Ameaçadoras, as Vaginas Dentatas cercaram Márcia aos gritos. No meio delas, muito pálida, enxerguei Patrícia. A japonesa brandia no ar o baixo elétrico, feito uma espada samurai:

– Traição, traição. Você devia ter chamado o grupo todo no palco. Só você quer aparecer, sua naja?

Como se não ouvisse, Márcia entrou no camarim, me puxou para dentro, bateu a porta, passou a chave, tirou a blusa e enrolou-se numa toalha antes que, outra vez, eu tivesse tempo de rever a borboleta entre seus seios. Começaram abater na porta. Por entre gritos e batidas, uma voz de mulher começou a cantar ao longe. Parecia Madonna. Estendi as rosas meio despetaladas, manchadas de preto, e o jornal com a entrevista dela. No camarim apertado,

pouco maior que um elevador, ficavam ainda mais ridículos. Ela olhou rapidamente, sorriu quase sem mover os lábios:

– Tudo além, muito bem. Tudo além de quê?

Bebeu no gargalo de uma garrafa d'água. Depois acendeu um cigarro, sentou em frente ao espelho e ficou olhando para mim. Os olhos muito verdes no meio da tinta preta lembravam um pouco os de Vita. Sentei em frente a ela:

– Por que você mentiu que não conhecia Saul? Ela virou o resto da água na própria cabeça:

– Você o viu, não viu? Naquele estado, é melhor mesmo que ninguém saiba que está vivo. De que adianta, cara?

– Seu pai também mentiu que não o conhecia.

– Meu pai – ela baixou os olhos procurando um cinzeiro. Não havia nenhum. Bateu a cinza no chão e com uma espécie de ironia, ou desprezo, repetiu: – *Meu pai* prefere pensar que Saul nunca existiu. Você compreende, ele é um homem muito vaidoso. Deve ser difícil admitir que mamãe teve outros homens. Muitos outros.

Alguém deu um pontapé na porta. Márcia equilibrou a ponta do cigarro na beira da mesa, entre outras manchas de queimado. Apanhou uma toalha, começou a passá-la pelo rosto. Misturada ao suor e à tinta preta que circundava os olhos, levada pela água, a maquiagem branca escorria aos poucos, deixando entrever a pele entre as riscas, como a máscara de um *clown*.

– E como você soube dele?

– Foi quando voltei de Londres. Uns amigos de minha mãe cuidavam dele.

– Que amigos?

– Amigos, ora. Gente que *você* não conhece. Ninguém o suportava mais. Eu gostei dele, eu entendi a loucura dele. Afinal, já fui louca também.

E continua, pensei, porque então, como se se ausentasse, como se deixasse o corpo ali sentado, molhado de suor, água, tinta, enquanto uma parte dela partia para outro lugar, entortou de leve a cabeça, depois levou uma das mãos até o pescoço e começou a acariciá-lo com as pontas dos dedos. Sem graça, eu parecia querer trazê-la de volta para aquele camarim escuro, falei:

– Gostei do bis, é sua melhor música.

Longe, ela continuava a acariciar o pescoço. Às vezes apertava suavemente, parecia apalpar alguma coisa. Redonda, pequena, imperceptível.

– Mamãe deixou alguns poemas, deixou uns diários também. Nunca foram encontrados. Estou colocando música no que restou, talvez um dia faça um disco inteiro só com essas canções.

Sua voz ficou tão baixa que quase não ouvi quando disse:

– Mas não sei se vai dar tempo.

– Claro que sim, por que não?

– Você não está entendendo. Eu menti outras coisas, também. Como se falasse à criança antiga, no apartamento da São João, perguntei:

– E o que foi que você mentiu, Márcia?

Não respondeu. Entre seus dedos frios, de unhas curtas, pintadas de preto, apanhou meus dedos e, curvando mais a cabeça, levou-os até seu pescoço, fazendo-me tocar no mesmo ponto onde tocara antes. Estendi os dedos sobre sua pele. Por baixo dela, por trás das riscas de tinta, gotas de suor e água, como sementes miúdas, deslizando ao menor toque, havia pequenos caroços. Senti minha mão tremer, mas não a retirei. Circundei-os, apalpei-os levemente. Ela fechou os olhos. Eram grânulos ovalados, fugidios. Exatamente iguais aos que haviam surgido, há alguns meses, no meu próprio pescoço. Não só no pescoço, nas virilhas, nas axilas.

– Em outros lugares também – ela disse. – Estão espalhados pelo corpo todo. Tenho medo de procurar um médico, fazer o teste. – Subitamente abriu os olhos, quase colados nos meus, e perguntou:

– Você é homossexual?

Lembrei de Pedro. Retirei os dedos.

– Não sei.

Márcia endireitou a cabeça:

– Eu também não sei direito, às vezes eu, Patrícia, você sabe. Mas é estranho não saber. Acho que ninguém sabe. Deve ser mais confortável fingir que sim ou que não, você *delimita*. Mas acho que aqueles que acham que são homossexuais compreendem melhor essas coisas. Eu vi você com Filemon, ele gosta de você.

Sem se mover, ela remexeu na bolsa pendurada na cadeira. Apanhou um pacotinho de papel vegetal, virou o conteúdo em cima da mesa. Entre as manchas de queimado de inúmeros cigarros, com uma gilete, começou a esmigalhar os grãos brancos. E disse:

– Ícaro morreu de aids. E eu acho que estou doente também.

Do lado de fora tornaram a bater, gritaram mais alto. Encostei na porta, como se quisesse protegê-la das pessoas que batiam. Através da madeira, podia sentir as vibrações, feito socos nas minhas costas.

– Vão derrubar a porta.

– Podem derrubar. Sei muito bem como lidar com essa gente. – Você quer que eu abra?

Curvada sobre a mesa, com a ponta fina de uma espátula em forma de espada, ela desenhava alguma coisa com as fileiras de pó branco. No cabo da espátula, de perfil, havia a cabeça dourada de uma águia. Igual às águias de Rafic, pensei vagamente. O anel, o isqueiro, a carteira. Devia ser apenas coincidência.

– Se você quiser, para abrir uma porta, basta virar a chave. Ou você ainda quer saber mais alguma coisa?

– A poltrona. Aquela poltrona de veludo verde de Saul, é a mesma de Dulce Veiga?

Ela terminou de desenhar, afastou a cabeça para ver melhor. De onde eu estava, não era

possível ver nada. Apenas seus cabelos descoloridos, molhados. Com a ponta da espátula, retocou alguma coisa, depois voltou para mim os olhos espantados, inocentes:

– Poltrona, que poltrona? É só uma poltrona velha, caindo aos pedaços. Não sei de quem era. Que importância pode ter isso?

Nenhuma, pensei. Ou quis pensar, precisava sair logo dali. Definitivamente, eu era um fracasso como detetive.

Abri a porta. A voz de Madonna pulou para dentro do camarim *Material girl*. Junto com ela, as três Vaginas Dentatas, mais um bando de gente, todos falando ao mesmo tempo. Patrícia fingiu não me ver, alguém abriu uma garrafa de champanha com estrondo. Soberana no meio de todos, Márcia sorria imóvel, estendendo a nota enrolada para suas súditas. Antes de atravessar o palco para alcançar a pista cheia de gente e sair para a rua, evitando encontrar Filemon, parado na porta, consegui decifrar o desenho que Márcia fizera com o pó, no tampo da mesa.

As linhas finas, alongadas, irregulares e trêmulas como as de um ideograma chinês ou japonês, traçado a pincel e nanquim, tinha mais ou menos esta forma:



47

Torii.

Alguém certa vez me dissera que se chamavam assim os arcos vermelhos da Liberdade, na Rua Galvão Bueno. Embaixo deles, longe da agitação do Hiroshima, toquei em meu próprio pescoço, como tocara antes em meus lábios. Continuavam lá, os gânglios. Esquivos, arredondados, exatamente iguais aos de Márcia.

Lembrei então daquela noite em que encontrara um cartão-postal sob a porta, algumas semanas depois que Pedro desapareceu. Todo dourado, como ele, devia ser outono em Paris, mas o cartão não tinha selos, não vinha de lá. À beira de um rio, sob uma árvore, havia um homem sentado sozinho, a cabeça baixa. Nas costas, logo abaixo da inscrição *Pont Neuf Aur la Seine: Mélancolie*, com sua letra torta, meio infantil, Pedro escrevera:

"Não tente me encontrar. Me esqueça, me perdoe. Acho que estou contaminado, e não quero matar você com meu amor".

Mas já matou, pensei naquele dia.

E outra vez agora, embaixo dos arcos vermelhos da Liberdade, como pensara em todos os dias depois daquele dia em que ele desaparecera, e nos meses seguintes, sem me atrever a procurar um médico ou fazer o teste que poderia confirmar as suspeitas, apalpando meu

corpo inteiro em busca dos sinais amaldiçoados, suores noturnos, manchas na pele, voltei a pensar – mas já matou.

No entanto, eu continuava vivo. A meus pés, embaixo e em volta do viaduto, a cidade brilhava sob a lua cheia. Senti vontade de estender a cabeça em direção a ela e começar a uivar.

48

De cima, de longe. No terraço de um edifício, na beira de um viaduto, a bordo de um avião, nada é claro, eu olho para baixo, para o centro de algo que parece um labirinto, uma elipse. Círculos concêntricos movediços, devoradores. Alguém me empurra pelas costas, eu tento inutilmente segurar em alguma coisa. Na amurada do edifício, na porta aberta do avião. É mais seguro permanecer aqui. De cima, de longe. Voltam a me empurrar, com mais força. Eu caio girando no espaço.

Acordei antes de tocar a terra. Girando como meu corpo durante a queda, as palavras continuavam na minha cabeça. De cima, de longe. Mais de meio-dia, as palavras não iam embora. Preciso viajar, pensei, preciso ver todas essas gentes, todas essas coisas assim. De cima, de longe. Lembrei do oferecimento de Rafic, "passagens, no balcão do aeroporto, a hora que você quiser", e decidi ir ao Rio falar com Lilian Lara. Quase certo de que seria inútil mas, afinal, ela fora a última pessoa a ver Dulce Veiga.

49

Uma mulata de guarda-pó azul e touca branca abriu a porta.

– O senhor é enfermeiro?

– Não, sou o jornalista que ligou.

– De São Paulo?

– É.

– A gente nota pela cor.

Eu não disse nada. Ela mandou que esperasse na sala, dona Lilian já vinha, desapareceu no interior do apartamento. Era uma cobertura no Posto Seis, de frente para o mar. Havia dois ambientes com sofás, muitos quadros, nem tão ruins quanto os de Rafic, e uma infinidade de objetos de decoração tipo veados de cobre, cães dálmatas de louça, elefantes de mármore, coisas assim. Pelas vidraças abertas para o mar entrava o bafo do verão, uma luz tão clara e tropical que, olhando as folhas das palmeiras lá embaixo, recortadas sobre o verde das águas, a curva de Copacabana perdendo-se na ponta do Leme, voltei a ter a mesma sensação de sempre ao chegar no Rio de Janeiro. Ao fundo, numa trilha sonora que só eu ouvia, eternamente Gal Costa cantava *Aquarela do Brasil*.

"O meu Brasil brasileiro", cantei na cabeça: "terra de samba e pandeiro."

Olhei minhas próprias mãos, voltou também a outra sensação que eu sempre tinha no Rio. Naquela luz excessiva, minha pele parecia branca demais, as unhas sujas, encardidas, a pele machucada em volta delas, dedos amarelados de cigarro e outras manchas, veias e ossos e pêlos nítidos demais. Cruzei os braços, fechei as mãos, apertei-as contra a camisa úmida de suor. Num canto da mesa de centro havia um objeto estranho, como uma caixa rasa.

Era um jogo. Americano, japonês, não havia nenhuma indicação. Um labirinto em forma de hexágono, sobre um fundo preto, com uma gota prateada de mercúrio do lado de fora do labirinto, tudo coberto por acrílico transparente. Virei-o nas mãos, a gota de mercúrio bateu contra uma das paredes e partiu-se em três. Tornei a virá-lo, mais devagar. Uma das gotas partidas entrou no labirinto. Com movimentos cada vez mais suaves, consegui que ela comesse a deslizar pelos corredores, em direção ao centro. Das duas gotas que ficaram de fora, uma partiu-se em mais duas, outra entrou também pelo labirinto, escorregou de encontro àquela que já estava lá dentro e fundiu-se nela.

– Gostou do jogo, meu bem? – perguntou uma voz de mulher, uma voz conhecida.

Lilian Lara era uma mulher alta e magra, um lenço florido na cabeça, as pontas passadas em volta do queixo, depois amarradas na nuca. O lenço cobria as orelhas, parte das faces e da testa. Como se não bastasse, ela usava enormes óculos escuros, até a base do nariz arrebitado como o de uma menina. Estranho querer ficar incógnita dentro da própria casa, pensei. Depois lembrei de uma nota de Teresinha O'Connor sobre a operação plástica.

Levantei, o labirinto nas mãos. Sem perceber, eu estava ajoelhado ao lado da mesa.

– Fascinante – eu disse. E mexi a caixa, uma das gotas fora do labirinto partiu-se em pelo menos dez outras. Ficaram brilhando sobre o fundo preto. Metálicas, quase invisíveis de tão mínimas.

– Mas não é nada fácil, meu bem. Você tem que colocar a gota inteira bem no centro, sem deixar que ela se parta. Eu nunca consegui, não tenho paciência nem jeito para essas coisas.

As mãos dela tremiam levemente, muito mais velhas que o rosto. Ou, pelo menos, que os *centímetros* visíveis de rosto entre o lenço e os óculos. Entediada, Lilian jogou-se no sofá, ajeitou a canga colorida sobre as pernas, apanhou um cigarro de uma caixa de prata e ficou esperando que eu o acendesse. Quando agradeceu, reconheci sua voz - era a mesma voz de Leda, que eu ouvia na televisão das velhinhas, no corredor do meu prédio.

– Naturalmente você quer saber o final de *Muralhas de sangue* – ela soprava a fumaça pelas narinas hirtas, praticamente sem mover a boca pintada de vermelho, e inevitavelmente lembrei de Nelson Rodrigues, a grã-fina-de-narinas-de-cadáver: – O Brasil inteiro só quer saber disso, meu bem. Já está gravado, mas eu não posso contar. Sinto muito, está no contrato. Não posso sequer revelar se Leda volta para Rogério ou foge mesmo com Mário Sérgio. Estou autorizada a contar apenas que Eleonora entrega a carta que a absolve, e não admito fotos.

– Não foi sobre a novela que vim falar com a senhora.

– Ah, não? – ela estava surpresa. – Mas me chama de *você*, por favor.

– É sobre uma pessoa que *você* conheceu. – Fala, meu bem.

– Dulce Veiga – eu disse.

As narinas de Lilian tremeram um pouco. Então, sem falar muitos nomes nem dar muitos detalhes, tentei explicar toda aquela história que nem eu entendia mais. Enquanto falava, a mulata colocou no centro da mesa uma jarra com um líquido amarelo e cubos de gelo. Lilian serviu, brindou, provei: vodka com suco de laranja, muito doce. Recomecei a falar. Quando disse o nome de Saul, ela tornou a encher o próprio copo e com a maior naturalidade, como se todo mundo soubesse disso, lamentou:

– Foi quem mais sofreu, coitado. Afinal, ele é o pai de Márcia. Quase pulei do sofá:

– Quer dizer então que Alberto.

– Imagina, meu bem. Eu acompanhei tudo isso bem de perto, ficamos grávidas na mesma época. Claro que Alberto e Márcia, aquela mau-caráter, se encarregaram de espalhar outra história. Devem morrer de vergonha. Alberto, de ser um corno. E Márcia, uma bastarda. O que aconteceu foi tristíssimo, meu bem. Dulce deixou Alberto para viver com Saul, que estava metido em mil complicações políticas. Você sabe, naquele tempo a barra era pesada. Não é como hoje, comunista virou trouxa. Saul foi preso, torturado, e quando saiu da prisão, meio louco, Dulce tinha desaparecido e Alberto mandara Márcia para bem longe. Aí ele foi parar num hospício, durante anos.

Os olhos inocentes de Márcia, lembrei, o discurso teatral de Alberto Veiga: tudo mentira. Fiquei tão furioso que tive um impulso de levantar e ir embora, voltar para São Paulo, bater direto na casa, na cara de Márcia. Quase nem ouvia as coisas que Lilian Lara dizia, uma gente completamente louca, uma gente sem classe, uma gentinha, meu bem, não me admiro que a pobre

Dulce tenha resolvido desaparecer para sempre, e ela tinha talento, era uma verdadeira artista, como eu. Cada vez mais exaltada, Lilian levantou, pegou uma caixa dentro de um armário.

– Quando Dulce desapareceu – disse – nós estávamos fazendo um filme juntas. Eu peguei uns fragmentos, mandei montar este vídeo. É a última imagem dela.

Lilian colocou o filme no videocassete. Depois fechou as cortinas, pegou uma garrafa de vodka e virou dentro da jarra, os cubos de gelo meio dissolvidos na água amarelada do suco de laranja. Sentou do meu lado, tornou a encher o copo, o controle remoto entre as mãos velhas. O lenço um pouco torto, dava para ver a raiz grisalha dos cabelos e uma cicatriz vertical, ao lado da orelha. A canga escorregou, ela não se preocupou em arrumar. Ainda tinha belas pernas, rijas, queimadas de sol.

O filme, em branco e preto, não tinha som. Dulce Veiga estava sentada numa poltrona, em frente a um homem de costas. Movia a boca, não se ouvia nada do que dizia. Ela sacudia um sininho no ar. Uma porta se abria e entrava Lilian Lara, quase irreconhecível, vinte anos atrás. Lilian trazia uma bandeja nas mãos, usava um uniforme semelhante ao da mulata que abrira a porta para mim. Colocava a bandeja na mesa, entre Dulce e o homem, curvava a cabeça e saía. Dulce servia dois cálices de licor. Estendia um para o homem e levava o outro até os lábios, com um sorriso vago. A imagem congelava num *close* daquele rosto. Belo, impenetrável, os olhos verdes semicerrados pelo sorriso um tanto cínico, um tanto cruel, o cálice cheio de licor quase tocando os lábios finos.

Legal, eu disse.

Lilian estava ocupada em encher outro copo. Encheu também o meu, mas não bebi.

– Ela envenena ele. Dulce foi uma idiota em largar o filme. Ela era muito fechada, nunca se sabia direito o que estava pensando. E me deixou com aquela criança nos braços, ainda bem que Alberto levou logo. Mas aquele filme, ah que grande filme. E era um superpapel, o principal. Ganhamos um balaio de Sacis. *Vertigem diabólica* não é um belo título, meu bem?

Ela não olhava para o vídeo. Começou a enumerar os prêmios, a fita continuava a correr. Depois de alguns segundos sem nada gravado, entrou outra imagem. A princípio, parecia exatamente igual à anterior. Mas quando a mulher sacudiu o sininho no ar e a câmera aproximou-se mais, percebi que, desta vez, ela não era mais Dulce Veiga, mas a própria Lilian Lara. E a empregada, uma moça completamente desconhecida.

Subitamente Lilian endireitou-se no sofá, apertou um botão no controle remoto e a imagem desapareceu.

– Espere – eu disse.

– É só isso.

– Eu queria ver a continuação, a troca das atrizes.

– Ah, você viu? Pois é, quando Dulce sumiu, o filme tinha que continuar de qualquer maneira. O diretor me ofereceu o papel dela. Eu não queria aceitar, não sei. Mas eu estava apenas começando, era uma grande chance. Uma chance de ouro, meu bem.

Eu ia insistir para ver de novo, quando uma moça alta entrou na sala. Usava biquíni, devia vir da praia. Com as cortinas fechadas, não vi direito o rosto dela. Lilian levantou-se, andou até a janela e puxou as cortinas. A luz clara, um pouco mais suave na tarde que caía, pulou novamente para dentro da sala. Sobre a mesa, a gota do mercúrio brilhou na caixa do labirinto.

– Querida, já pedi *mil* vezes para você usar o elevador dos fundos quando voltar da praia. Não quero essa areia nojenta cheia de vermes nos meus tapetes persas.

– Não enche – disse a moça. Lilian apresentou:

– Esta é minha filha. Chegou hoje de São Paulo, ela vive na ponte aérea. Tem uns segredos por lá, que não me conta.

Eu olhei para a filha de Lilian Lara: era Patrícia.

– Prazer – ela disse, estendendo a mão como se nunca tivesse me visto na vida.

– Prazer – repeti. Aquilo era tão absurdo que, por segundos, duvidei que fosse mesmo Patrícia. Mas não havia dúvidas. Embora sem a fantasia *heavy* e os óculos, os cabelos empastados de sal e areia, era ela mesma. A ave pernalta, Virginia Woolf de biquíni, queimada do sol de fevereiro.

Patrícia sumiu dentro do apartamento. Lilian voltou a sentar, tirou os óculos escuros. Entre as bolsas arroxeadas, seus olhos estavam vermelhos, injetados de sangue.

– Temos uma relação tão difícil – queixou-se. – Ela é muito rebelde, parece que me

odeia. Às vezes penso que Dulce é que estava certa, quando sumiu e largou a filha no mundo. Só Deus sabe o que eu tenho sofrido com esta menina.

De dentro vinha um barulho de gritos, portas batendo. Lilian levantou, foi ver do que se tratava. Além da espuma branca das ondas na praia, as águas do mar agora eram de um azul mais denso, quase negro. Sopradas pela brisa, as folhas das palmeiras moviam-se devagar. "Onde amarro a minha rede", cantarolei em silêncio, "Onde a lua vem brilhar." Brilhar ou brincar, eu não lembrava. Lindo e trigueiro, trigueiro era bonito: o meu Brasil. Sozinho na sala, sem que eu mesmo esperasse, de repente peguei o labirinto e enfiei no bolso.

Quando Lilian voltou, perguntando se eu não queria beber mais, ficar para jantar, quem sabe, meu bem, mando buscar um caviarzinho, eu já estava em pé, pronto para sair. Ela tornou a encher o copo. Desta vez, direto da garrafa.

50

Na portaria do edifício, a vodca bateu. Enquanto respirava fundo a brisa do mar, cheguei a me apoiar na parede até que passasse a vertigem. Que não era diabólica, mas açucarada, enjoativa. Há mais de ano eu não vinha ao Rio, desde aquela vez que encontrara Pedro no metrô. Afastei Pedro da memória, e me espreguicei pensando em, quem sabe, subir até São Conrado para ver Vicente, ou descer até Laranjeiras, para visitar Jacqueline.

Comecei a andar, procurando táxi ou ônibus. Havia sal e sexo soltos no ar azulado do entardecer, tantos corpos aproveitáveis. Se eu não olhasse os mendigos e o lixo espalhados na rua, desviando os olhos por cima de todas as cabeças, no caminho do mar, do horizonte onde as ilhas mergulhavam na bruma, seria fácil imaginar que estava no Havaí. Seja aqui, abençoei, mas baixei os olhos mais do que devia.

Do outro lado da rua, vestida outra vez com o uniforme de Vagina Dentata, Patrícia tomava água de coco, uma perna apoiada num banco de cimento. Inadequada como uma colagem *punk* sobre uma paisagem dos mares do sul. Atravessei em direção a ela.

– O que é que você está fazendo aqui?

– Eu é que pergunto: o que é que *você* está fazendo aqui? Seus cabelos estavam pesados de sal, repartidos ao meio e presos na nuca. Absurdo, nunca a vira tão parecida com Virginia Woolf. Ela ergueu o coco para as janelas do apartamento de Lilian.

– Vim pegar energia. Tive uma briga horrível com Márcia ontem. – Jogou longe o coco, e imitou Lilian, repuxando o rosto com as próprias mãos: – *Aquela bastarda, filha de um louco e de uma maluca...* Ela odeia Márcia, não sabe que moro com ela. Acha que fico num hotel, que estudo literatura. Não se importa comigo.

– Ninguém se importa com ninguém, meu bem.

– Mas ela é minha mãe, você não contou nada a ela, não é?

– Nada, não falei nada – ia dizer mais alguma coisa quando começou uma correria. Um carro de polícia parou, a sirene ligada muito alto, outro carro arrancou em alta velocidade, pneus guinchando no asfalto, algumas pessoas correram, crianças gritaram.

No ar azulado do entardecer, ouviu-se o barulho de um tiro.

– Corre – Patrícia gritou, e saiu correndo também. De longe, no meio das pessoas que corriam em todas as direções, tornou a gritar: – Se eu morrer, diga a Márcia que nunca uma mulher foi tão amada quanto ela.

Eu corri. Seqüestro, gritavam, assalto, pegaram os traficantes. Um vendedor fechou o *trailer*, cocos verdes rolaram pela calçada, pisei num, quase caí, continuei correndo, as palmas das mãos esfoladas, ouvi mais tiros, uma mulher passou chorando. Quando percebi, estava dentro da praça que dava para o Arpoa-dor. Tinha perdido Patrícia, e também a vontade de ir a São Conrado, Laranjeiras, Botafogo ou qualquer outro lugar naquela Beirute. Tudo que queria era voltar imediatamente para São Paulo. Lá pelo menos, pensei. E não sabia o que vinha depois.

A praça estava mais calma. Meio tonto com a vodca e a correria, fui andando em direção às grades verdes que separavam a praça do mar. E sobre as pedras do Arpoador, toda vestida de branco, os cabelos louros e o vestido esvoaçando na brisa da tardezinha, recortada contra a noite que vinha chegando do outro lado do mar, estava parada Dulce Veiga. Segurei nas grades, feito um prisioneiro. Ela ergueu o braço direito no ar, a mão estava meio fechada. Quando o braço ficou completamente esticado, ela abriu a mão e soltou um pombo branco. As asas do pombo refletiram por um segundo os raios do sol, filtrados pelos edifícios do outro lado da rua. Depois sumiu no azul, entre as gaivotas. Batidos pelo vento, os cabelos de Dulce Veiga cobriram seu rosto. Ela sacudiu a cabeça, até que o rosto ficasse limpo outra vez. Entre as grades, embora ela estivesse distante, além da rua do outro lado da praça, sobre as pedras ainda quentes de sol, pude ouvir perfeitamente quando gritou algo que soava como:

– *Epa, epa, epa babá!*

Eu poderia subir nas grades, atravessá-las de um salto. Mas a polícia rondava a praça, as ruas em volta, seria muito suspeito. A última coisa que eu gostaria era acabar no distrito. Olhei para trás, procurando a entrada ou saída da praça. Outra vez me perdi entre os canteiros, cachorros e babás, e quando finalmente consegui encontrá-la, a entrada, a saída, para dar a volta pelo caminho ao lado, que levava até a praia, Dulce Veiga não estava mais lá.

Alguns surfistas deslizavam na água, o sol coado pelos edifícios da Vieira Souto.

Talvez agora, pensei, do outro lado das pedras, do outro lado do Forte, ela caminhasse descalça pela areia, cantando alguma coisa como Copacabana, princesinha do mar, pelas manhãs tu és a vida a cantar, acompanhada somente pelo rumor das ondas quebrando na praia. Muito brancos, seus pés afundam na areia mais úmida daquele ponto exato onde as ondas se desfazem. O vento esvoaça os panos brancos, gotas de mar e sal respingam seu rosto, tudo cheira a maresia. Ela não sente, não vê nem ouve nada além da própria canção que canta, endereçada a algo que já não existe nem está mais ali. Como um réquiem.

Ouvi mais tiros ao longe.

Eu sabia que era inútil procurá-la. Então caminhei até a praia, tirei os tênis, as meias, dobrei a barra das calças, entrei no mar e lavei sete vezes o rosto, na sétima onda, com a água salgada e fria da Guanabara.

De longe, na fila de espera do Santos Dumont, vi Patrícia apanhar seu cartão, desaparecer na sala de embarque. Respirei aliviado, só faltava ela ter morrido no tiroteio. Pelo menos metade do Rio de Janeiro parecia ter resolvido passar o fim de semana em São Paulo. Depois do que eu vira, achava uma grande idéia. E até chamarem meu número, encostado na coluna, fiquei tentando colocar a gota de mercúrio dentro do labirinto. Continuei a tentar no avião, mas as sacudidelas faziam a gota esbarrar contra as paredes da caixa e partir-se em infinidades de novas gotas.

Tentei no táxi, impossível. Colocar a gota inteira dentro do labirinto, sem que se dividisse em muitas outras, exigia concentração absoluta e quase total imobilidade. Esperei até chegar em casa, de repente tinha-se tornado questão de vida ou morte conseguir aquilo. De vida ou morte era exagero, mas de sanidade ou loucura, não.

Chegar ao centro, sem partir-se em mil fragmentos pelo caminho. Completo, total. Sem deixar pedaço algum para trás.

Havia jeitos, manhas. Mesmo que a gota se dividisse antes de entrar no labirinto, era possível fazer uma parte dela esperar, lá dentro, por suas partes perdidas, que chegavam aos poucos, e se integravam nela. Então primeiro uni-las numa só, depois fazê-la escorregar, única, com toda a suavidade, mas precisa, por entre as paredes do labirinto, até o exato centro geométrico. Não sei quanto tempo durou. Meus olhos, meus ombros doíam.

Então, de repente, ela estava lá. No centro, eu conseguira. Parada lá, íntegra, a gota de mercúrio tinha uma forma estranha. Assim como um P maiúsculo datilografado em cima de um L também maiúsculo, deste jeito: E. Eu já vira aquele sinal, pensei, e levei algum tempo para lembrar do rabo de Vita Sackville-West pousado sobre o mapa-astral feito por Patrícia. Havia um símbolo assim, lá. Não era Netuno, que eu lembrava. Netuno era o garfo, os traços vermelhos. Talvez Urano, pensei, quem sabe Plutão, tive quase certeza. Plutão, o Hades, senhor dos infernos, uma moeda sob a língua do morto para pagar Caronte na travessia do rio Estige, ao encontro de Perséfone. Me benzi, eu estava ficando esquisito. Embora imundo, suado, os cabelos grossos de maresia, eu continuava vestido de branco. Deixei o labirinto bem no centro da mesa, exatamente sobre o G *de Armagedon*, o disco de Márcia. Passava das onze quando finalmente saí de casa.

Chovia forte quando cheguei à Liberdade. A água e o vapor embaçavam o neon lilás do cogumelo atômico na frente do Hiroshima. Pela janela entreaberta do táxi, ouvi o som pesado das Vaginas Dentatas que saía lá de dentro, aquele refrão da *Grande Babilônia*. Eu estava indeciso entre descer naquela chuva toda para enfrentar outra cena de drogas e *rock and roll*, sem sexo, a voltar para casa, desistir de tudo, procurar o último lexotan, o disco de Chet Baker cantando *My Funny Valentine*.

Então Márcia saiu correndo para a calçada, Patrícia vinha atrás dela. Encolhido no

banco do fusca, fiquei ouvindo:

– Você tem que voltar, não seja louca. O show já está no fim. Márcia ainda estava vestida com a roupa do show. A chuva começava a lavar a maquiagem branca de seu rosto.

– Não posso, Iracema disse que ele está muito mal. Quebrando tudo, chamando feito louco por mim.

– Só mais meia hora. Eu levo você até lá.

Márcia começou a procurar um táxi. Estava completamente descontrolada:

– Você não entende? Não dá tempo, eu tenho que pegar a herô.

Um táxi parou, jogando água em cima das duas. Patrícia gritava:

– Mas o que é que eu faço? A cantora é você. E nós precisamos conversar, resolver a nossa vida.

Márcia entrou no táxi. Pela janela, ainda disse:

– Deixa elas terminarem o show sozinhas. Diz que eu passei mal, inventa qualquer coisa. Depois a gente conversa.

Patrícia tentou beijá-la, ela fechou a janela. O táxi arrancou e partiu. No meio da rua, Patrícia ainda gritou o nome dela, depois baixou a cabeça, chutou o pára-lama de um carro e tornou a entrar no Hiroshima. Eu então toquei o ombro do motorista, e disse finalmente aquela frase com que sonhava há pelo menos trinta anos:

– Siga aquele carro.

Ele me olhou como se eu estivesse completamente louco. Precisei repetir três vezes, vezes demais para um clichê. Ele começou a se mover, era nordestino. A cena da perseguição dos automóveis, filmada de helicóptero. Pneus gritando nas curvas, batidas e música frenética, uma grua subindo devagar. Mas nas ruas vazias não havia perigo, e o fusca arrebitado onde eu estava não tinha sequer rádio. Acendi um cigarro, o paraíba mandou eu apagar.

O táxi de Márcia pegou a Avenida Liberdade, deu algumas voltas e caiu no início da Paulista quase deserta. No meio da noite, o topo da torre invisível entre as nuvens baixas, só se via os raios furando a neblina. Na frente do MASP, por um momento, para que aquilo que eu estava pensando não fosse verdade, desejei que o táxi de Márcia de repente descesse a Augusta, rumo à cidade, e eu talvez desistisse de tudo para ficar na frente do Quênia's Bar, beber uma cerveja com Jacyr e o rastafari, ou seguisse em frente sempre pela Dr. Arnaldo, até o Sumaré, parasse numa transversal suspeita, alguma casa desconhecida, ou então continuasse até a Lapa, atravessasse a Marginal para subir a Freguesia do Ó, onde ela apanharia a droga na própria casa, quem sabe escondida atrás do pôster de Janis Joplin, de Jim Morrison. Mas como eu desconfiava, ele desceu pelo túnel da Bela Cintra, e entre os grafites coloridos – *Alex Vallaurivive*, li de repente –, quando ainda poderia seguir reto, pegou o caminho da esquerda, começou a descer a Rebouças. Aumentou a velocidade. Quando atravessou a ponte do rio Pinheiros e chegou ao Morumbi, eu tinha uma certeza tão absoluta que comecei a tremer como se tivesse febre.

O táxi de Márcia parou exatamente em frente ao número 58 da Avenida das Magnólias.

Mesmo com aquela chuva, cada vez mais forte, só um cego não veria o neon rosa do número 58 brilhando no escuro, sob a cascata de samambaias verdejantes despencando pelo muro de concreto em que alguém grafitara *Turcão Bundão*. O pau enorme continuava esporrando dólares. Márcia desceu. Era a casa de Rafic.

Meia-noite, vi no relógio do carro. E mandei o motorista tocar direto para o Bom Retiro.

VI

Sábado

Vaga Estrela Do Norte

O quarto estava destruído. Frangalhos das capas de revistas e jornais das paredes misturavam-se aos cacos do toca-discos, espalhados pelo chão. Os vestidos antigos, echarpes, chapéus e sapatos tinham sido arrancados do guarda-roupa, jogados sobre a cama de ferro. Embora velha, desbotada, cheia de manchas, a única coisa relativamente intacta naquela devastação era a poltrona de veludo verde.

Jogado entre os trapos, com um robe de seda puída, um dragão nas costas, Saul soluçava. Sentada na beira da cama, Iracema repetia consolos inaudíveis, passando a mão pela cabeça dele – e a cabeça dele, sem a peruca loura igual aos cabelos de Dulce Veiga, era quase completamente raspada. Como a de um presidiário, um louco, um judeu em campo de concentração, um doente terminal submetido à quimioterapia. Da têmpora direita até quase a nuca, fios grisalhos espetados circundavam uma cicatriz rosa, sinuosa feito cobra.

Iracema sobressaltou-se:

– Ah, é o amigo da moça. Achei que fosse dona Márcia.

– Dona Márcia já vem – eu disse, chegando mais perto da cama. Do meio dos panos, do corpo esquelético de Saul, das costas curvas sacudidas pelos soluços, do dragão verde e vermelho vinha um cheiro de suor, roupa suja, mijo seco, perfume vagabundo. *Fartum*, era uma palavra antiga, e foi a que lembrei.

– Acho bom ela vir logo – Iracema disse. – Já faz tempo que liguei para a boate. Eu também não posso ficar aqui o tempo todo. Tenho a minha vida para cuidar, moço.

Armei um ar confiável, eu era bom nisso:

– Pode ir, eu cuido dele.

– Dona Márcia falou que não era para deixar ele sozinho com ninguém mais, a não ser eu.

Ela hesitou, eu insisti. Eu tinha uma cara prestativa, crédula, talvez bondosa, quem sabe idiota. Iracema saiu, fechou a porta. A chuva batia violenta nos vidros da janela fechada. Tentei abri-la, para que aquele cheiro fosse embora, mas ela parecia nunca ter sido aberta. Ao lado da poltrona verde, uma goteira transformava aos poucos numa pasta de cor cinza os jornais rasgados, cacos e panos. Pensei em ratos, baratas. No mesmo momento, uma lagartixa cruzou a rachadura da parede. Sa-la-man-dras, soletrei, duendes do fogo, e isso era esquisito em mim. A chuva batia, a goteira pingava, Saul soluçava arranhando o ferro da cabeceira da cama com as unhas vermelhas, e eu tremia um pouco, chegando cada vez mais perto.

Estendi a mão, toquei seu ombro. Gravetos finos, soltos dentro de um feixe, os ossos deslizaram embaixo dos meus dedos. Ele voltou-se. No rosto deformado pela loucura e pelo sofrimento, apenas os olhos continuavam iguais, castanhos muito claros. Outra vez, depois de tanto tempo, tive certeza de que ficariam verdes quando o sol batesse neles de frente.

Como naquele dia, chamei:

– Saul.

Ele gritou. Não era um grito, mas um grunhido, um ronco sem forma, como se a dor não encontrasse palavras. Lembrei então da tática de Iracema.

– Dulce, Dulce Veiga.

Ele sorriu. Os dentes escuros, manchados de cigarro, roídos de cáries.

– Onde está Dulce Veiga?

Ele tornou a gritar, a gemer sem palavras, mas não parecia ter medo de mim. Passei a mão por sua cabeça, os fios muito curtos espetavam as palmas esfoladas das minhas mãos. Ele parou de arranhar o ferro da cama, torceu uma ponta do robe. Lembrava um gato sarnento, escorraçado, igual a um que eu vira certa vez, depois de atropelado, arrastando as vísceras pela sarjeta sem poder morrer. Eu não sabia que linguagem usar com ele, eu não conhecia aquilo, nunca estivera daquele lado das coisas. E voltei a falar em voz mansa, baixa, tola:

– Dulce, Dulce Veiga, lembra dela? Ela gostava tanto de você, você também gostava dela. Eu também gosto de você, e também gostava dela. Onde ela foi parar?

Como num eco, Saul repetiu:

– Onde, onde ela foi parar? Eu continuei:

– Ela morreu? Ele disse:

– Não, ela não morreu.

Eu perguntei:

– Mas onde, então, onde ela foi parar?

Ele repetiu:

– Onde, onde ela foi parar?

Eu sugeri:

– Muito longe daqui.

Ele confirmou:

– Muito, muito longe daqui.

Eu pedi:

– Me diga onde. Eu vou buscá-la.

Ele sorriu:

– Você vai buscá-la.

Eu prometi:

– Vou, eu vou buscá-la para você.

Ele acreditou:

– Para mim. Eu confirmei:

– Para você, eu prometo.

Ele pediu:

- Promete de novo.

Eu repeti:

– Prometo, eu prometo sim.

Ele exigiu:

– Então me beija.

Ficou me olhando sereno, sarnento, embalando a si mesmo dentro do robe com o dragão verde e vermelho. Talvez me reconhecesse, pensei em pânico. Além de qualquer memória ou desejo, ele continuava a olhar para o fundo dos meus olhos. Como alguém que vai morrer no próximo minuto pediria a um desconhecido, sangrando no asfalto, ele pedia. É preciso beijar meu próprio medo, pensei, para que ele se torne meu amigo. Entreaberta, a boca dele cheirava mal, os lábios cobertos de partículas purulentas, os dentes podres. Uma cara de louco, uma cara de miséria, de maldição. Uma maldição passada de boca em boca, que eu poderia exorcizar agora, devolvendo um beijo que era ao mesmo tempo a retribuição daquele, e inteiramente outro. Sem compreender coisa alguma, eu começava a compreender alguma coisa vaga. Era preciso coragem para compreendê-la, muito mais que coragem para realizá-la, e coragem nenhuma porque, aceita, ela se fazia sozinha. Eu repeti, de outra forma, aquele vago conhecimento assim: é preciso ser capaz de amar meu nojo mais profundo para que ele me mostre o caminho onde eu serei inteiramente eu. Pensei então na GH de Clarice mastigando a barata, em Jesus Cristo beijando as feridas dos leprosos, pensei naquela espécie de beijo que não é deleite, mas reconciliação com a própria sombra. Piedade, reverso: empatia. Talvez eu também estivesse louco. Ele continuava esperando, a boca aberta. Eu passei a mão por seus ombros. Ele fechou os olhos quando aproximei mais o rosto. E eu também fechei os meus, para não ver meu espelho, quando finalmente aceitei curvar o corpo sobre a cama e beijar aquela boca imunda.

Saul se afastou sorrindo, depois, e começou a andar pelo quarto, entre as ruínas. Porque aquilo era insuportável, pensei em segurá-lo pelos ombros, em bater no seu rosto muitas vezes, sacudi-lo até que começasse a gritar novamente, até que entrasse a mulher com cara de índia e gritasse comigo, e chegasse Márcia para aplicar-lhe a droga, e qualquer coisa assim histérica, ruidosa, violenta, acontecesse logo para que eu pudesse sair dali e esquecer para sempre. Mas continuei imóvel.

Ele aproximou-se da poltrona verde. A chuva tinha ficado fraca, quase não se ouvia mais. Ele ficou em pé ao lado da poltrona, eu levantei. Parado ao lado dele, a mão em seus cabelos de louco, de mendigo, de pária, acariciei a cicatriz de cobra e repeti, muito baixo:

– Onde andarás Dulce Veiga?

Ele tocou o assento da poltrona:

– Aqui.

Podia ser loucura. Delírio, fantasia. Ou uma premonição tão extraordinária que mal percebi quando me ajoelhei em frente à poltrona. Levantei lentamente a almofada do assento. Havia um rombo embaixo dela. Enfiei a mão lá dentro. Os braços cruzados, os pés descalços, Saul balançava-se ritmado para a frente e para trás, cantarolando uma oração sem nexo.

– Saul é o sal salgado, a noite prisioneira – ele dizia. – Dulce o doce dulcíssimo, a luz

do dia claro, liberto, amém.

Abri os dedos dentro da poltrona, eles não tocaram em nada. No máximo alguma aranha, pensei, ratinhos rosados, recém-nascidos, com suas caudas de vermes. Não senti medo. Ajoelhado como eu estava, minha mão não chegava a tocar o fundo. Ergui mais o corpo, afundei o braço. E lá embaixo, então, lá no fundo, meus dedos finalmente tocaram alguma coisa. Fechei-os em torno dela, puxei-a para fora.

Era um caderno. Rasgado, manchado de umidade, um daqueles velhos cadernos escolares com um grupo de escoteiros caminhando no meio da selva, na capa, uma bandeira do Brasil desfraldada: *Avante!* Alguns papéis caíram de dentro.

– Ao norte – Saul disse. – Bem no centro da estrela. Apanhei os papéis, pareciam cartas, guardei-os dentro do caderno, depois recoloquei com cuidado a almofada no assento da poltrona, cobrindo o buraco. Ninguém suspeitaria, não havia vestígio algum. Eu estava abrindo o caderno quando ouvi a sirene de uma ambulância distante aproximando-se cada vez mais.

– Os fios – Saul gemeu. – As faíscas.

De repente, como um vampiro de filme de terror barato, ele gritou outra vez, jogou-se sobre mim, tentando enfiar as unhas vermelhas nos meus olhos. Mas já nos perdoamos, pensei sem medo. E desviei o corpo, ele bateu de encontro à penteadeira. O espelho quebrado rolou em cacos pelo chão, sete anos de azar, pensei ainda, mas não para mim, não tinha sido eu. Aquela foto de Dulce Veiga ficou solta no ar, presa apenas por uma das pontas num caco de vidro. No meio do horror, ela continuava a sorrir apenas com a boca, o resto do rosto encoberto por um véu negro. Saul jogava potes de cremes, vidros de perfume, maçãs e discos antigos para todos os lados.

– Os fios, os fios não – ele gritava. – As faíscas, não!

Alguma coisa em mim disse que não havia mais tempo. Abri a porta, saí para o corredor. Iracema espiava, a criança ranhenta em seus braços. Passei por ela sem responder às perguntas que fazia, o caderno nas mãos, atravesssei velozmente a sala com o sofá de plástico rasgado, o quadro de Iemanjá – *Odô iá!* saudou em mim uma voz que eu não conhecia – pisando sobre as águas lamacentas, o caminho que levava até a rua.

Fiquei escondido embaixo da marquise da loja ao lado. Apertei o caderno contra o peito. E vi primeiro a ambulância dobrar a esquina para estacionar quase em frente onde eu estava. Dois enfermeiros desceram, com uma camisa-de-força.

Alguns vizinhos espiaram nas janelas dos edifícios próximos. Poucos, deviam estar acostumados. Atrás da ambulância, um táxi parou e Márcia desceu. Mesmo daquela distância, eu podia ver o brilho de seus olhos, o cabelo descolorido esverdeado pela luz da rua. Ela conversou por um momento com os enfermeiros, depois entraram juntos pelo portão de ferro. O táxi partiu. O motorista da ambulância desligou a sirene, os faróis, o motor. Os vizinhos fecharam as janelas. As vibrações coloridas de uma televisão ficaram pulsando nas frestas de um sétimo andar. Vindos do fundo da casa, os gritos de Saul cessaram aos poucos.

Quando a rua ficou inteiramente silenciosa, saí caminhando pela chuva fria. Tinha ficado muito fina, quase nem se notava. Para ter certeza de que caía, seria preciso olhar para

cima, lá onde a luz amarelada dos postes a tornava mais nítida, desenhada oblíqua contra o céu violeta de sujeira. Protegi o caderno sob a camisa. Para que a água não confundisse e dissolvesse ainda mais as palavras guardadas dentro dele, fazendo-as escorregar pela minha roupa branca encharcada de suor e de chuva, até os pés, depois as fundisse na lama das calçadas, na corrente suja fluindo pelas sarjetas, e as levasse diluídas em água barrenta, ilegíveis para sempre, para os bueiros escancarados, para os esgotos imundos, cheios de ratos e merda, para depois quem sabe conduzi-las aos rios poluídos e finalmente ao mar repleto de lixo onde terminam todas as palavras um dia escritas e depois perdidas, inúteis, jogadas fora.

Eu queria cuidar das palavras.

Embora não soubesse a quem pertenciam. Como se fossem minhas, como se fossem lindas, eu queria tanto.

54

Era o diário de Dulce Veiga, escrito no ano em que ela desaparecera. Faltavam algumas páginas, outras estavam incompletas. Em outras mais, era impossível compreender a letra dela ou o significado dos delírios transformados em palavras. Em outras ainda, o tempo e o mofo tinham roído o sentido. Encontrei também duas cartas e o mapa do Brasil, com uma estrela de seis pontas desenhada sobre ele. No centro exato das seis pontas, assinaladas por um círculo verde, havia uma cidade chamada Estrela do Norte. As cartas, assinadas por um tal Deodato, também vinham de lá.

55

"R. não aceita que o tenha abandonado. Disse que não tenho ninguém mais, ele não acredita. Me esbofeteou, disse que tenho outros homens."

"Alberto e Lilian dizem que é perigoso que eu me envolva com Saul, que ele está metido em coisa que não compreendo. Ah, velhos amores. Não quero ouvi-los. Quando Saul me beija, e pega meus seios, e me penetra, esqueço tudo. Nunca conheci um homem como ele."

"R. soube que tenho andado com Saul. Disse que vai mandar fazer uma investigação sobre ele."

"Não posso romper completamente com R. Saul não compreende. Há coisas, eu disse. Tenho usado sempre mangas compridas."

"R. disse que acionará toda a imprensa. Que jogarão tomates e ovos podres no dia da estréia do show, que a crítica dirá que sou ridícula."

"Recebi outra carta de Deodato, ele diz que a hora que eu quiser, a comunidade está aberta. Mandou um pouco, provei. E amargo de mau. Tive vontade de ser outra coisa."

"R. diz que pagou pessoas para me apedrejarem na saída do teatro. Não suporto mais. Não posso falar nada, só poderia fugir."

"Quero apenas cantar. Não quero nada disso que vejo em volta, eu quero encontrar outra coisa."

"Vou ajudar a preparar a Nova Era. E me esquecer de mim."

56

Ao amanhecer daquele sábado, eu estava certo de que sabia onde estava Dulce Veiga. Então dormi um sono pesado, sem sonhos. Quando acordei, quase meio-dia, telefonei para Rafic e, na maior inocência, disse que precisava de outra passagem, que tinha uma pista maluca, coisa assim. Ele insistiu para que eu contasse mais, não revelei nada. Ele falou que confiava em mim, mandou que eu procurasse uma certa Júlia, no Aeroporto de Guarulhos. Liguei para lá, estava com sorte: cheio de escalas, havia um voo naquela tarde que me deixaria muito perto de Estrela do Norte. Eu quase não pensava, não sentia nada. Sabia apenas que precisava cumprir, uma a uma, feito provas, todas aquelas etapas.

Tomei banho, vesti uma roupa limpa, joguei algumas coisas dentro da mochila e fui para o aeroporto.

57

Depois do verde da mata lá embaixo, interrompido apenas pelas clareiras de desmatamento, manchas de petróleo no mar, feridas na pele - em terra firme o calor era um murro na nuca.

Minhas pálpebras, meus membros começaram a pesar toneladas. Árvores gigantescas além das vidraças e aquelas pessoas baixas, de cabelos lisos e olhos miúdos, movendo-se em câmera lenta no meio da umidade, davam a sensação estranha de que eu estava em outro país. Mas no país verdadeiro, como se o falso fosse de onde eu vinha.

Senti medo. Eu era um alienígena vindo da corte neurótica e mínima do centro do país. Se quisesse, poderia voltar na mesma noite, havia outro voo em seguida, bastava comprar algumas revistas e – absurdamente – pensei *na I-D, The Face*: escapar de tudo aquilo, para o século quase XXI –, seria fácil esperar o tempo passar.

Mas eu queria encontrá-la.

Mais forte ainda, eu me sentia preparado para isso. Como um estrangeiro cheio de temores, tirei informações e descobri que, nos últimos vinte anos, a cidade crescera tanto que Estrela do Norte agora era apenas um bairro afastado. Periferia da periferia na periferia do Brasil, eu fui em frente.

58

Pensão Estrela, estava escrito numa placa de floreios desbotados, bem em cima do nome

da rua e do número da casa, os mesmos das cartas de Deodato. O sobrado de esquina era muito velho, caiado de branco, portas e janelas verde-escuros. Na sala de janelas escancaradas para as bananeiras do quintal, um papagaio velho dava voltas tortas em frente à televisão ligada num programa de calouros. Um travesti dublava Cármen Miranda cantando *South American way*. Não havia ninguém assistindo. Bati palmas, três vezes, quase gritei *ô de casa!* como era hábito, antigamente, no Passo da Guanxuma. Hoje não sei, fui embora de lá.

Arrastando as chinelas havaianas, apareceu uma mulher cor de cuia, cabelos pretos meio grisalhos repartidos ao meio, escorridos dos lados da cara larga, buço cerrado. Devia estar chegando nos cinquenta anos. Antes que eu dissesse qualquer coisa, ela viu a mochila:

– Se é quarto pra alugar, moço, tá tudo lotado.

O rosto, o jeito arrastado de falar, lembravam outra pessoa.

– Estou só procurando uma pessoa que morou aqui. A senhora trabalha aqui há muitos anos?

Ela pareceu ofendida. Apoiou um braço na porta, o pé direito na altura do joelho. Num vôo rasante, o papagaio pousou em seu ombro.

– Eu nasci aqui. Sou a dona da pensão. Mas quem é mesmo que o senhor está procurando?

– Deodato – eu disse.

Ela coçou a cabeça do papagaio, o mesmo jeito de índia. Eu estava exausto. Devia ser o calor, o fuso horário. O papagaio cobriu os olhos com a película branquicenta das pálpebras.

– Seu Deodato morreu faz uns dez anos, moço. Que Deus o tenha em sua luz eterna, santa pessoa.

– Amém Jesus – eu disse, e comecei a ficar aflito. – Mas a mulher dele, algum filho, parente.

– Seu Deodato não tinha ninguém, fora o pessoal do culto. Era um homem muito só, muito decente.

– Mas de repente, quem sabe, a senhora conheceu também uma amiga dele. Uma moça que veio de São Paulo, uma moça loura. – Eu cruzei as mãos com força. – Dulce Veiga, a senhora já ouviu falar?

A mulher franziu as sobrancelhas, jogou o papagaio longe. Ele gritou um palavrão fanhoso, três penas despencaram no ar. A mulher levou a mão à porta para fechá-la.

– Nunca ouvi falar, não, seu moço. E agora me dá licença que eu tenho que preparar a janta, tratar da minha vida.

Naquele momento, antes que batesse a porta, naquela frase, lembrei: ela era a cara de Iracema, a mulher que cuidava de Saul. Podia ser que todas tivessem a mesma cara, mas arrisquei:

– A senhora é tão parecida com uma pessoa que eu conheço. Ela me olhava cada vez mais desconfiada:

– O senhor é de São Paulo? – Sou.

– Tenho uma irmã que mora lá faz uns dez anos.

Eu perguntei:

– Por acaso ela se chama Iracema?

A mulher fechou a cara, falou com raiva:

– Olha, moço, tem muita Iracema neste mundo de Deus. Tem muita gente que não tem o que fazer, muito desocupado metendo o nariz onde não foi chamado. Nós aqui vivemos em paz, eu acho bom o senhor ir embora de uma vez. Eu não sei de nada não.

Cheguei a avançar o corpo para entrar. A porta bateu quase na minha cara. Lá dentro, o papagaio gritou outro palavrão – filho da puta, vai te foder, tomar no eu, alguma coisa assim. Uns meninos descalços pararam para olhar. Eu devia parecer estranho parado naquela porta. Estranho, exausto, coberto de suor, louco de fome e de sede, sem conseguir respirar direito naquele calor infernal.

Então desisti.

Naquele momento exato, em frente à porta fechada do sobrado branco, desisti de tudo. Perdeu a graça, pensei, que aluguel, porra. Eu já tinha ido longe demais. Era melhor voltar para São Paulo, enterrar de vez tudo aquilo, procurar outro emprego, talvez voltar para o Passo da Guanxuma, de onde nunca deveria ter saído. A não ser que me enredasse novamente por aquele emaranhado de vagos indícios, nomes misteriosos, pistas falsas, sinais equívocos, loucura e maldição. Eu queria outra coisa: uma vida simples. Minha energia, se é que havia alguma, tinha morrido ali, naquela porta. E foi com alívio que disse em voz alta assim:

– Pronto, acabou.

Perguntei aos meninos onde havia um bar, uma lanchonete, Mac Donald's, churrascaria, qualquer coisa. Eles indicaram um lugar a umas duas quadras dali. Saí andando pela terra vermelha batida, poeirenta, as casas velhas cercadas por uma natureza monstruosa que, a todo instante, ameaçava invadir os terrenos para destruir tudo.

Ah que venham os cipós, amaldiçoei, as parasitas, as sanguessugas das margens dos rios, as cobras venenosas, a grama alta, incontrolável, que venham todos os mosquitos e febres, todos os dengues e malárias para invadir Estrela do Norte e reduzir para sempre à lama, solidão e ruína aquele lugar dos infernos.

59

Entardecia, pássaros gritavam na mata.

O homem mais triste do mundo – ele, que era eu, foi andando de cabeça baixa, arrastando a mochila pela terra. Os mosquitos começavam a chegar, invisíveis, inchaços vermelhos cocavam nos meus braços. Eu estava a ponto de sentar numa daquelas calçadas tortas, no meio dos cachorros magros das ruas, enterrar a cabeça nas mãos e chorar e chorar

pelo tempo perdido, pela falta de sentido, pela minha derrota.

Então ouvi uma voz de mulher.

Não muito longe de onde eu estava, provavelmente daquele mesmo lugar para onde ia indo, acompanhada apenas por um piano, a mulher cantava uma velha canção de Vinícius, e por falar em saudade, onde anda você, uma coisa mais ou menos assim, eu não sabia a letra direito, uma canção de ausência, saudade e perda, isso eu sabia, e levantei a cabeça para ouvir melhor, tentando prender os farrapos de versos que se perdiam no ar, levados pelo vento morno, onde andam seus olhos que a gente nem vê, eu fui acompanhando sem cantar, eu não sabia, os trechos que ainda lembrava, era tão antiga, pendurei a mochila no ombro, comecei a andar mais depressa para encontrar aquela voz, e por falar em você, razão de viver, você bem que podia me aparecer, e eu sempre tivera certeza que, desde o início, embora tudo pudesse continuar a ser somente loucura, vontade de voar, eu nada tinha a perder perseguindo uma canção, razão de viver.

A voz ficou mais clara em frente à churrascaria. Era muito cedo, não havia quase ninguém. Duas, seis pessoas nas mesas de fórmica cobertas por toalhas xadrez, o piso fresco de lajes, as pás de um ventilador girando no teto, o garçom espantando moscas. Parei na porta, esperando meus olhos se acostumarem à luz mais fraca lá de dentro.

Ao fundo, entre o pianista e a cozinha, estava Dulce Veiga.

Ela não fugiu, nem ergueu o braço em direção ao céu. Desta vez, sem parar de cantar, olhou para mim como se me reconhecesse, e indicou a mesa mais próxima com um movimento de cabeça. Eu sentei, eu estava morto de cansaço, tão perto dela que não foi preciso levantar a voz:

– Quero falar com você.

Dulce Veiga sorriu, afastando da testa os cabelos com muitos fios brancos entre as mechas louras. Tinha mudado, percebi. Não apenas pelas rugas nos cantos dos olhos verdes, nem pelos vincos mais fundos ao lado da boca. Seus maxilares haviam perdido a dureza, o orgulho, e desaparecera do sorriso de lábios finos aquela expressão de cinismo, ironia, certa crueldade. Uma mulher de pouco mais de cinquenta anos, cara lavada, um vestido amarelo-claro de algodão, sandálias nos pés pequenos, de unhas sem pintura. Não era mais bela, tornara-se outra coisa, mais que isso – talvez real.

Entre dois versos, ela pediu:

– Espere eu parar de cantar.

E continuou cantando velhas e novas canções, algumas desconhecidas. Sua voz criava uma espécie de redoma, que parecia proteger os que estavam em volta. Esperei esquecido da fome, da sede, enquanto a churrascaria enchia aos poucos, até ficar quase completamente lotada. Era estranho cantar àquela hora, cedo demais, mas todos pareciam estar ali para vê-la. Toda vez que terminava alguma canção, aplaudiam, gritavam seu nome, pediam mais, embora não houvesse sequer um microfone e o piano precisasse de afinação.

– *Ora iê iê ô!* – gritou alguém.

Ela agradeceu os cumprimentos, sentou na minha frente.

– Você lembra de mim? – perguntei.

- Claro que lembro. Você esteve no meu apartamento em São Paulo, há muitos anos.
- Eu mudei muito, como você lembra?
- Eu mudei também, quem sabe por isso lembro.

Eu disse:

- Vinte anos.

Ela concordou, sem melancolia:

- Vinte anos.

Era difícil falar. Eu comecei, mas ela interrompeu, falou que seria melhor conversarmos na casa dela. Quase na rua, um daqueles meninos da frente da pensão puxou-a pela saia, cochichou qualquer coisa, apontando para mim.

- Ele é meu amigo – Dulce falou. – Vai e diz à sua mãe que está tudo bem.

Olhei para cima, um pouco tonto. À noite, o céu imenso demais, o equador. Vertiginoso, repeti, e sem saber por quê, outra vez, voltou aquela palavra do parque – *pentimento*, era essa. Alua cheia subia atrás de uma palmeira, a luz dourada salpicava uma bruma fosforescente na copa das árvores. Ruídos estranhos vinham da mata. Não pareciam mais sinistros, apenas desconhecidos. Vivos, e eu parei de odiar Estrela do Norte.

Na beira da calçada, Dulce tirava as sandálias:

- Sempre faço isso quando acabo de cantar. Vou para casa descalça, pisando no chão. Você não quer fazer o mesmo?

Sentei ao lado dela, desamarrei os sapatos. Eram umas botinas de couro, solas de borracha, no melhor estilo Vaginas Dentatas, que pesavam e ardiam como o diabo. Amarrei os cadarços, coloquei as meias dentro, pendurei-as no ombro. Sem contar a sexta-feira, na areia do Arpoador, eu não lembraria a última vez que pisara descalço sobre a terra.

Acendi um cigarro. E comecei a falar de tudo, de todos, tramando dúvidas paranóicas, revelando suspeitas aterradoras, fazendo perguntas delirantes. Ela não respondia. Mal parecia ouvir, caminhando a meu lado, sandálias nas mãos, cantando baixinho. Às vezes sorria, sem parar de cantar, como se achasse engraçado o que eu dizia. Não havia indiferença nisso, nem cinismo ou frieza, mas qualquer outra coisa que eu não identificava porque ainda não aprendera o nome. Continuei a falar, acentuando os detalhes escabrosos, os mais dramáticos, como se fosse um contador de histórias desesperado querendo de qualquer forma conquistar a atenção da platéia. Em voz baixa, ela cantava canções desconhecidas que falavam em luas, estrelas, rios, pássaros e matas.

Depois de uns vinte minutos de caminhada, deixamos as ruas principais e tomamos a pequena estrada que levava até a casa dela, no topo de uma colina baixa. Eu tinha fumado cinco cigarros, estava exausto, completamente rouco.

Dulce Veiga abriu a janela que dava para o jardim, um gato branco pulou no peitoril.

Ela ficou a acariciá-lo enquanto olhava a noite, respirando o perfume que vinha de fora. Dama-da-noite, manacá, jasmim.

Ela olhou para dentro, fez um gesto para que eu sentasse. Tudo era claro e reto. Não havia muito onde sentar, além da mesa com quatro cadeiras, algumas esteiras e almofadas no chão. Não havia também quadros nas paredes, nem bibelôs ou qualquer enfeite. Apenas um guardanapo branco no centro da mesa, algumas flores amarelas, um cesto de frutas no canto.

Um por um, todos os músculos do meu corpo doíam, detalhados. Como se tivesse feito horas de ginástica, ou apanhado uma gripe.

Dulce Veiga entrou pela cozinha, abriu a porta que dava para o pátio. Um cachorro entrou na sala em disparada, parou na minha frente, começou a me lambe as mãos. Era grande, manso, desajeitado. Ouvi a voz dela, rindo:

– Esse é o Dick Farney, não se assuste se ele ficar meio carente. – Ela espiou na porta, alguma coisa nas mãos: – Gosto de dar a eles nomes de cantores. Você devia ter conhecido a Elizeth, era uma gatinha linda, parecia gente. Morreu de parto na última lua cheia, deixou quatro gatinhos. Eu chamei de Elis, Raul, Nara e Cazuzo.

Me dá o Cazuzo, tive vontade de pedir. Mas quase não conseguia falar, estendi mais o corpo na almofada. Dick Farney saiu correndo pela porta da frente. Lá fora, uivou para a lua. Dulce ajoelhou-se à minha frente, estendeu um caneco de ágata:

– Beba, vai te fazer bem.

Espiei um líquido amarelo, frio, denso, meio dourado. Tinha um cheiro que lembrava tangerina, amêndoas, terra molhada, e a palavra exata que me ocorreu foi: pungente. De alguma forma, doía.

– O que é isso?

– Um chá, só um chá. Toma, vai te fazer bem.

Peguei o caneco de suas mãos, provei com uma careta. Era certamente a coisa mais amarga que já provara em toda a minha vida.

– É amargo demais.

– Mas vai te fazer bem. Fecha os olhos e toma.

Por alguma razão maluca, ou absoluta falta de razão, eu não apenas sentia que tinha que fazer aquilo, mas confiava nela. Talvez por sua voz paciente, maternal. Pensei em Jandira de Xangô, um copo de leite morno na porta do apartamento, em minha mãe, pães sobre a toalha xadrez. Tinha aquele mesmo tom, aquele mesmo jeito. Talvez, afinal, eu devesse parar de bancar o durão e começasse a aprender a: receber cuidados.

Eu bebi. Como se tivesse cola, visgo, o líquido escorregou com dificuldade pela garganta. Fechei os olhos, e senti os dedos de Dulce Veiga fazendo o sinal-da-cruz na minha testa. Não como se eu morresse, mas feito uma bênção, batismo. O gosto amargo permanecia na boca.

Abri os olhos. Ela tocava meus pés.

– Você está muito tenso. Estende o corpo, vou fazer uma massagem.

Ela tocou a planta dos meus pés descalços, na ponta dos dedos. Tão firmes, seus dedos, que cheguei a espiar pra ver se usava algum instrumento de madeira, de metal. Não usava nada, apenas seus dedos. Onde pressionavam, doía terrivelmente.

O pior gosto do mundo, a pior dor do mundo.

Seus dedos subiram por meus tornozelos, pressionaram os artelhos, pensei vagamente que não gostaria que ela visse meus pés assim, tão de perto, frágeis, feios, eu mal sabia como eram capazes de me sustentar, mas fui esquecendo disso enquanto ela subia a pressão pela barriga dolorida das pernas, tocou aquele ponto remoto atrás dos joelhos, passavam-se horas, eu estava indo embora, ela me envenenara, ninguém sabia que eu estava ali, ninguém me conhecia, eu seria jogado no rio, devia haver piranhas, tudo estava acabado, tentei rir, dinâmico repórter desaparece misteriosamente, não consegui. Para não ceder a esses pensamentos, ao mesmo tempo em que repetia para mim mesmo que se tratava apenas de um chá, uma massagem, tentei falar novamente, eu precisava saber por que, afinal, ela desaparecera, e muitas outras coisas, talvez feias, sujas, loucas, eu precisava saber, e não sei se perguntei realmente ou apenas pensei em perguntar, para interromper aqueles outros pensamentos que não iam embora, como se eu fosse ser assassinado no próximo segundo, e eu estava sendo, mas de um outro jeito, apenas de certa forma, docemente, pensei, docemente Dulce. Antes de afundar numa espécie de sono, porque de alguma maneira eu continuava desperto, mais desperto que nunca, ouvi sua voz cada vez mais baixa, e quando seus dedos começaram a subir por minha coluna dolorida, apertando uma por uma das vértebras, eu já não sentia as pernas, sem ter certeza se seria realmente a voz dela, aquela voz meio rouca, densa como o veludo verde daquela poltrona que agora parecia remota, perdida num quarto imundo de uma cidade no sul, a voz talvez de minha mãe, ou a mistura de ruídos que chegavam da estrada lá embaixo da colina, da mata além da casa, do rio ao longe, da noite sobre todas as coisas, ou talvez minha mesmo, minha própria voz vindo de dentro e do fundo do meu cérebro exausto, serenamente e segura, embora parecesse tolo, quase infantil o que dizia, essa voz que eu não sabia mais de quem era, repetiu assim:

– São tudo histórias, menino. A história que está sendo contada, cada um a transforma em outra, na história que quiser. Escolha, entre todas elas, aquela que seu coração mais gostar, e persiga-a até o fim do mundo. Mesmo que ninguém compreenda, como se fosse um combate. Um bom combate, o melhor de todos, o único que vale a pena. O resto é engano, meu filho, é perdição.

VII

Domingo

Nada Além

Passava da meia-noite. Era meu aniversário, lembrei.

Quis contar para Dulce Veiga, a sala estava vazia. Meu corpo não doía mais, nem a cabeça. Levantei, fui espiar pela casa. No quarto dela, ao lado da cama de solteiro, havia uma carta. A letra no envelope era exatamente igual à de Márcia, na dedicatória que escrevera para mim no disco *Armagedon*. Abri a gaveta da mesinha-de-cabeceira. Estava cheia de outras cartas com a mesma letra, algumas mais embaixo, em envelopes debruados de vermelho e branco, vindas do exterior. Fechei a gaveta, eu não tinha vontade nenhuma de lê-las, as cartas de Márcia F.

Olhei pela janela, a lua atravessara a parte do céu que ficava sobre a casa, não se podia mais vê-la. Apenas sua luz, vaga e dourada, sobre a mata. *Ó lua*, cantou alguém ao longe. A porta para o jardim estava aberta, eu comecei a sair mas, no meio da sala, percebi que meu corpo estava enredado em fios cinzentos, eu quase não podia andar. Toquei neles. Viscosos, nojentos, deixavam uma gosma prateada nas mãos.

Cambaleei até o jardim, eu precisava arrancar aqueles fios, um a um. Eram teias de aranha, teias tão emaranhadas que levei muito tempo até conseguir tirá-las todas de mim. Minhas mãos ficaram pegajosas de seus resíduos.

Como sair de um casulo, parecia.

Lavei as mãos, o rosto, os pés numa torneira no canto do jardim. Não havia onde enxugá-los, eu comecei a sacudir as mãos, a cabeça e as pernas até ficar completamente tonto.

Então veio a náusea.

Um desgosto, uma revolta amarga na boca do estômago, um rodopio. Apoiei o corpo na madeira da parede da casa, sozinho no mundo, no meio do mato, longe de tudo, fechei os olhos e vomitei. Eu quase não tinha comido nada naquele dia, no outro também. Um jato amargo nascia do fundo de alguma coisa escura, no centro de uma coisa torturada, depois rolava pela garganta transformado numa serpente de prata, num cometa, então batia na terra, espirrava longe. A terra bebia o veneno.

Lavei outra vez o rosto, enchi a boca d'água, cuspi fora.

Abri a camisa. E na luz da lua, na luz que vinha de dentro da casa, da beira da estrada, em outra luz também, vi que havia três fios de cabelos brancos no meu peito.

Em volta tudo brilhava.

Sentada numa pedra lá embaixo, quase na estrada, Dulce Veiga tocava violão e cantava. Era estranho, mas ela colocara nos cabelos uma espécie de tiara, diadema, uma pequena coroa de pedrinhas brilhantes. Trocara de roupa e, por cima do vestido branco de saia comprida, usava um avental verde plissado.

Sentei junto dela. A lua, dali era possível ver, estava do outro lado da casa, descendo atrás da mata. E de repente, como nunca mais conseguira ver, desde criança, embora me esforçasse, mas tinha perdido aqueles olhos, inesperadamente consegui enxergar outra vez São Jorge de lança em punho, matando o dragão na superfície da lua.

Fiquei ali sentado, ouvindo. Dulce cantava novamente aquelas canções desconhecidas. Além da lua, das estrelas e coisas assim, do espaço sobre nossas cabeças, percebi que falavam também de seres da terra, escondidos entre as árvores, na fundura das grutas, nas curvas dos caminhos.

Ela disse:

– Força e fé, repete comigo: dai-me força e dai-me fé, dai-me luz.

Eu pedi:

– Força e fé. Dai-me força, dai-me fé e dai-me luz.

Dulce perguntou se eu queria cantar junto com ela. Disse que não, eu preferia ficar ouvindo. Eu não sabia cantar, expliquei. No mesmo momento, sem ouvir o que ela dizia, e talvez não dissesse nada, apenas cantasse, uma estrela cadente riscou o céu. Pensei em fazer um pedido, era meu aniversário. Mas não tinha nada para pedir.

As coisas vivas, pensei, as coisas vivas não precisam pedir.

64

Pareciam diamantes, as pedras que cercavam o caminho da porta de entrada até o portão e a estrada lá embaixo. Eu me ajoelhei ao lado delas. Cristais miúdos, topázios, ametistas, rubis.

Embaixo delas, a terra arfava feito um gato feliz. Curvei-me para ouvir a terra, mas levantei assustado com uma forma viva enorme na minha frente. Um homem, um animal, pensei – era uma árvore.

Encostei o corpo nela. Primeiro de costas, depois de frente. Circundei-a com os braços. Ela tremia, eu também. Eu abri minhas pernas, encostei meu sexo duro na sua casca áspera, depois a barriga, o peito, os ombros em arco, para melhor amoldá-la a mim. Eu encostei também o meu rosto, o topo da minha cabeça onde os cabelos começavam a fugir.

O corpo da árvore recebia meu corpo como o corpo de uma pessoa recebe o corpo de outra, quando fazem amor. Além de sua casca áspera, havia um centro macio que eu penetrava.

Tremi com mais força de encontro a ela, e fiquei todo molhado.

65

Como sempre ouvira dizer que acontece com os afogados, eu tinha medo do mar, em segundos minha vida inteira passou na frente dos meus olhos. Vou morrer, pensei, em algum próximo segundo depois destes segundos e mais alguns, não sei quantos.

Encadeadas, cronológicas, como *slides* ou fotogramas, alguns coloridos, outros preto-e-branco, quadros vivos – assim a minha vida passava em frente dos meus olhos, dia após dia, uma por uma de todas as cenas daquela última semana. Tudo lógico, natural, uma cena gerava outra e outra e unidas me conduziam até exatamente aquele lugar onde eu estava.

Eu estava ali, onde eu devia estar. Inteiro. Como uma gota de mercúrio.

66

Lá em cima, o céu não era uma tampa fechada sobre a terra, como quase sempre eu via, sepultado vivo. Ele era aberto e sem fim e cheio de mundos e indizível de qualquer outra forma que não fosse esta banal, porque não haveria palavras para ele, o Muito Maior que Tudo.

Galáxias, buracos negros, supernovas, anãs brancas, pulsares, quasares, constelações, asteróides, cometas, planetas, satélites, anéis, pontos de sombra e de luz. Minha cabeça girava, acompanhando o movimento determinante das estrelas sobre meus ombros que suportavam o mundo.

Tive medo de, por um segundo que fosse, continuar girando o corpo, olhando para cima, e de repente alguma coisa em mim, ou eu inteiro, saísse direto sem rumo nem volta em direção ao céu tão habitado que, qualquer ponto escuro que eu fixasse mais tempo, imediatamente se enchia também de estrelas.

Para não me perder, abri a boca e os olhos, me enchi de estrelas feito ele.

67

Entre as sobrancelhas e o início dos cabelos, no centro da minha testa, havia um ponto como a lente na extremidade de um telescópio que eu apontava para as pessoas que amava, e estavam distantes.

Quase todos dormiam, menos Saul, deitado numa cama de hospital, com Márcia fumando ao lado dele, Patrícia sentada no chão, a cabeça encostada nos joelhos dela, Vita Sackville-West no colo. Eu desejei que Márcia tocasse Patrícia. Ela então apagou o cigarro, abriu os dedos e mergulhou-os nos cabelos de Patrícia, ainda grossos de maresia.

Ao lado de Castilhos, Teresinha O'Connor também dormia. E Filemon, inteiramente nu,

virado de bruços. E Jacyr, num pijama curto um tanto ridículo, a cara de Garfield estampada. E Jandira de Xangô, sem turbantes. E Lilian Lara, o lenço ainda nos cabelos, retesada como se estivesse desperta. E Alberto Veiga entre Arturo e Marco Antônio, numa cama de motel, redonda, e Pepito Moraes debruçado no piano do bar vazio, e todos os outros, e Lúdia em sua casa de janelas azul-marinho, entre quadros inacabados, e os outros de antes deles, os de muito antes ainda.

Só não vi Rafic e Silvinha, uma nuvem toldava as lentes.

Voltei-as na direção de Pedro, mas continuavam embaçadas.

68

Eu perguntei:

– Você não quer voltar?

Ela disse:

– Nunca mais, eu sou feliz aqui.

Eu perguntei:

– Mas o que você quer, afinal?

Ela sorriu:

– Além de cantar?

– Mais além.

– Nada além: eu quero encontrar outra coisa.

Mas você já encontrou, pensei.

69

Um galo cantou na distância.

Perguntei:

– Esse é o Frank Sinatra?

Dulce riu, me estendeu a xícara de café recém-passado:

– Esse não é meu, ainda não tem nome.

Quando terminei de calçar os sapatos, ela me alcançou algo que a princípio parecia um novelo, uma bola de lã, de neve quente. Era um gatinho branco, olhos verdes da cor dos dela, focinho cor-de-rosa.

– Para você, é seu aniversário. Este é o Cazuzo, cuide bem do príncipe.

Mas nem contei nada, pensei.

– Não sei se eu vou saber – eu disse, o gatinho nas mãos.

– Saberá sim, não é difícil.

Me beijou dos dois lados do rosto, depois na testa.

– Já sabe o caminho, volte quando precisar.

– E o que eu digo a eles?

Ela me levou até a porta, eu comecei a descer os degraus de madeira.

– Diga o que você quiser, faça o que você quiser. Não diga nada. Se achar melhor. Minta, não será pecado. Mas se contar tudo, não se esqueça de dizer que eu sou feliz aqui. Longe de tudo, perto do meu canto.

70

Eu fui descendo pelo caminho cercado de pedras. A mochila nas costas, Cazuza entre as mãos. Ele dormia, parecia confiante em nosso futuro. Eu, nem tanto. Na luz do amanhecer, as pedras não eram cristais nem brilhantes, safiras ou esmeraldas, topázios nem ametistas. Pedrinhas comuns, de beira de rio, arredondadas pelas águas. Guardei uma, verde, no bolso.

Do outro lado do rio, o sol começava a nascer. Dava apenas para ver um semicírculo vermelho acima do horizonte, subindo aos poucos para iniciar seu caminho pelo céu de todas as cores.

Quando cheguei ao portão, à beira da estrada que fazia uma curva, depois desaparecia no caminho de Estrela do Norte, do aeroporto, do sul do Brasil, antes de ir embora, como eu gostava sempre de fazer, ainda olhei mais uma vez para trás.

Toda de branco, Dulce Veiga estava parada na porta da casa, ao lado do cachorro. Uma arara pousou na árvore perto dela. Os primeiros raios do sol faziam brilhar aquela estranha coroa – tiara, diadema – que tinha entre os cabelos louros.

Pisquei, ofuscado. Ela ergueu o braço direito para o céu, a mão fechada, apenas o indicador apontado para o alto, feito seta. Depois gritou qualquer coisa que se esfiapou no ar da manhã.

Parecia meu nome.

Bonito, era meu nome.

E eu comecei a cantar.

São Paulo, 1985-1990

*Ah Força do que Existe,
ajudai-me,
vós que chamam de o Deus.*

Clarice Lispector, *Água viva*

Correspondência De Caio F.

Sobre *Onde Andará Dulce Veiga?*

Em algumas das cartas a amigos, Caio Fernando Abreu se referiu ao processo de criação e ao andamento da escrita de *Onde andará Dulce Veiga?*

Reproduzimos aqui os trechos mais significativos dessa correspondência.

Os editores

A Maria Lídia Magliani

SP 19.3.90

Magli Magôo, menina loba,

[...]

Bueno, não te respondi logo porque enlouqueci. Comecei a escrever loucamente um romance no qual (*no-qual é* horrível) vinha trabalhando desde 84/85. Acho que sai, estou quase na metade. Esta última semana não consegui trabalhar, além de Zélia e Fernandinho enlouquecendo a todos nós, me deu outra vez a tal de otite. [...]

Estou dispersivo e pedante. O que quero te contar, criatura, é que viraste personagem. Pois é. Te escrevo então para pedir uma espécie de permissão.

Seguinte: no livro todos têm nome, menos a personagem principal, o narrador. Ele é um jornalista chegando nos 40 anos (hmmm...), publicou um livro de poemas chamado *Miragens*, a vida toda viajou de um canto para outro, sem se fixar em cidade nenhuma, em amor nenhum, homem ou mulher. Ele nem sabe direito da própria sexualidade, na verdade o romance inteiro é o pobre buscando a própria *anima*. Bem, no momento em que se passa a história – uma semana de fevereiro – ele está morando num apartamento na Rua Augusta, próximo à Praça Roosevelt. É um apartamento deixado por uma amiga – e é aí que você entra – que largou São Paulo para morar no interior de Minas.

Às vezes ele chega em casa e há uma carta dela. Só que, na hora de batizá-la (aliás, ela não estava planejada, nasceu de enxerida), não consegui evitar: me veio *Lídia*. Já pensei muito – Laura, Clara, Ana – mas ela se recusa a mudar de nome^[2].

Então é isso, permites? Se não, não tem problema, troca-se. Mas se sim (*se-sim* também é medonho), ótimo. Na verdade isso é um detalhe muito passageiro no livro todo – aliás, todas as personagens (muitas) são passageiras, e todas uma parte dele mesmo projetada externamente. Um desconhecimento do próprio ego cercado de alteregos por todos os lados, mais ou menos isso.

Ando aflito. Um pouco pelo livro, que sempre deixa a gente naquele estado meio tobogã, entre a euforia e a depressão. Durmo demais ou não durmo, fumo demais sempre, tomo café demais idem, acho de repente o-melhor-romance-de-toda-a-história-da-literatura-brasileira, no segundo seguinte quero jogá-lo no fogo e me jogar pela janela junto, etc. & etc. você sabe, a criação.

Também tenho precisado me impor uma disciplina rígida, militar, para poder escrevê-lo. Mil divisões entre todos os biscates culturais que faço para sobreviver e as horas da criação. Tenho conseguido, hei de.

Um beijo pra Marijô.

Outro, grande, procê,

Caio F.

Please, send me a letter.

A Maria Lídia Magliani

SP 12.7.90

Magli,

tenho pensado tanto em você. Não consegui escrever antes, estava mergulhado no livro tipo tempo integral. Bem, terminei. Ufa. Foi um trabalho de Hércules. Chama-se *Onde andar*á Dulce Veiga?, é aquele romance no qual eu vinha *remanchando* desde 85. Imagina que escrevi um policial, histórico, naturalmente, mas cheio de tramas & ação. Descobri o fascínio do enredo, das personagens – ficção *mesmo*. Escrevi cerca de duas mil laudas, para chegar numas 200. Fiquei feliz – e com um terrível problema de coluna, resultado de passar oito a doze horas na máquina. Preciso de um computador!

Enfim, agora, *Dulce Veiga* encaminhada na vida (sai em setembro, na altura dos meus – quem diria? – 42 anos), estou na batalha de grana para viajar. Volto a dirigir um laboratório de criação literária – não morro de amores, Deus, Magli, da última vez, numa turma de 20, sobrou apenas UM, e assim mesmo com talento, digamos, apenas razoável. Na-minha-vida-de-retinas-fatigadas tenho descoberto essa obviedade: talento é raríssimo, meu bem.

[...]

Send me some news, beijos

Caio F.

A Luciano Alabarse

SP 2.8.90

Luciano, querido:

Te escrevo à mão, um pouco deitado. Imagina: escrever, agora, dói não mais como metáfora, mas fisicamente. Nos últimos seis/sete meses, escrevendo entre oito/dez horas por dia, fiquei com um PUTA desvio na coluna. [...]

Então fica assim: *Onde andará Dulce Veiga?* foi o livro que mais me doeu. Veja só: em nenhum momento ele fluiu. Foi escrito gota-a-gota, palavra por palavra. Será lançado nos primeiros dias de setembro, e eu estou naquela fase em que não sei mais o que escrevi. De um mês para cá, tentando emergir dele, sinto uma saudade louca daquele universo, daquelas personagens. É muito triste acabar um livro – ou não? Mas entendo melhor a Tânia Faillace arrastando as 10 mil páginas do seu *Beco da velha*. Enfim: devo lançá-lo aí em POA em setembro/outubro. Ando morto de saudades de tudo. [...]

Cada vez gosto mais da luz, cada vez acho a alegria, o prazer, mais importantes. *Dulce Veiga* é um livro todo construído no sentido do encontro com o ato de CANTAR. Que se possa *cantar*, e o universo passa a ter sentido. Tudo na trilha de descobertas tão simples, tão fundamentalmente *leves*. Muita coisa envolvida nisso. [...]

Em breve, tomaremos um vinho.

Fique feliz.

Muito amor,

Caio F.

A José Márcio Penido

SP, 2 de novembro de 1990

Josézim, querido,

dia 2 de novembro, eu aqui pensando nos meus mortos, que são tantos, meu Deus, em frente a um vaso branco de louça, cheio de bocas-de-leão daquelas rosa e branco, miudinhas com saudade de você. [...]

[...] Fui ao médico: herpes braba. Texto dele: Se não secar dentro de uns dez dias, aconselho você a fazer O TESTE. Secou. Ufa! Mais uma vez, deve ser a terceira, conquisto um negativo por tabela.

Paranóias à parte – e que coisa toda tornou-se essa convivência tão diária, tão estreita, com a idéia ou a possibilidade da Morte (maiúscula respeitosa) –, ando muito bem. *Dulce Veiga* foi um livro que carreguei na cabeça e no coração durante 13 anos, e segurei pelos cabelos durante um ano de trabalho duro. Até hoje não sei como consegui escrevê-lo numa Hermes Baby. Foram umas duas mil páginas para tirar pouco mais de 200. Resultado: desvio de coluna. Não me queixo, não. Cada vez mais literatura para mim é como aquele tipo de escultura em pedra bruta. Dentro da pedra há uma forma, que você precisa localizar e tirar a golpes de formão. No braço, no muque. Quando cheguei à frase final – que já existia desde que escrevi a primeira – tive uma crise de choro de quase uma hora. Meio exaustão, meio orgasmo, meio não sei o quê. Só repetia, na terceira pessoa, Caio F. Caio F. você conseguiu.

Vai indo acho que bem. Tem saído muita coisa nos jornais e tal e tudo, mas curioso como isso já não importa. O que vale são as opiniões de pessoas próximas, e têm sido, também, muito gostosas.

Duas da tarde, preciso começar a preparar o modelinho para enfrentar um programa de adolescentes, ao vivo, na TV Cultura. Brrrr! Impulsos de ligar, mentir que estou com febre, assistir pela terceira vez *Cinema Paradiso*, chorar novamente na cena dos beijos. Mas vamos lá, tudo por Dulce Veiga. Divulgue ele(a), sinto que é como se fosse meu primeiro livro, no sentido de que me desembaracei do umbigo e cheguei mais perto da ficção, do Brasil, do humano alheio, não apenas meu.

Saudade, todo carinho do seu velho

Caio F.

A Guilherme de Almeida Prado

London, 12 de fevereiro de 1991

Guilherme, querido,

São afinal quase três meses, e muita história pra contar.

[...]

[...] Ray-Güde, minha agente alemã, vendeu *Dulce Veiga* para as Éditions du Seuil, a segunda editora mais poderosa da França (a primeira, sure, é a Gallimard). Um trechinho do parecer: "Le roman *Dulce Veiga* reflète bien une société bresilienne en pleine crise d'identité. Le style est a fois poétique et efficace, et sert tantôt la violence du monde de rock, tantôt la nostal-gie des annés 60 et de la bossa-nova". A editora Anne Morvan quer fazer um grande lançamento fim deste ano ou começo do próximo. Ray-Güde, muito animada, está vendendo *Dulce* também para uma editora alemã, e acha que pode negociar Suécia, Holanda, Tchecoslováquia.

Então, imagina. E se o Jean-Luc Besson se apaixona pelo livro? E se ele cai nas mãos do Stephen Frears? E se o Jean-Jacques Beineix me oferece milhões por uma versão com Isabelle Adjani no papel de Dulce (envelhecida, claro)? E se lá de Madri Almodóvar comunica que Carmen Maura adoraria fazer o papel?

Guilherme von Almeida Pradish, vamos fazer esse filme? Com essas traduções, todos aqueles poderosíssimos e misteriosíssimos produtores estrangeiros interessados em você poderiam se animar ainda mais. [...] Todo carinho do seu

Caio F.

PS – E pense em Dulce Veiga, antes que algum aventureiro lance mão! Afinal – se é que você criou coragem e leu o livro – toda essa história é mais nossa do que minha, não?

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998

Preparação de texto
Luciana Paixão / Valéria Sanalios

Revisão
Maria da Anunciação Rodrigues / Ceci Meira

Capa
Joca Reiners Terron

Diagramação
Carla Castilho

Produção editorial
Estúdio Sabiá

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

A1450
Abreu, Caio Fernando, 1948-1996
Onde andaré Dulce Veiga?: um romance B /
Caio Fernando Abreu. - Rio de Janeiro: Agir, 2007
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-220-0647-2
1. Romance brasileiro. I. Título.
06-0941 CDD-869.93
CDU 821-134-3(81)-3



Todos os direitos reservados à
AGIR EDITORA LTDA.

Rua Nova Jerusalém, 345 CEP 21042-230 Bonsucesso Rio de Janeiro RJ Tel.: (21) 3882-8200 Fax: (21) 3882-8212/8313

^[1] “Eu tinha dezessete dólares em minha carteira. Dezessete dólares e medo de escrever. Sentei ereto em frente à máquina de escrever e soprei meus dedos. Por favor, Deus, por favor, Knut Hamsun, não me abandonem agora. Comecei a escrever e escrevi:”

^[2] Além do nome, a personagem Lídia de *Onde andaré Dulce Veiga?* apresenta outros pontos de semelhança com Maria Lídia Magliani. Ambas largam a vida na cidade grande e vão para o interior de Minas. No romance, Lídia é a pessoa (amiga ou ex-mulher, não fica claro) de quem o protagonista herda o apartamento onde mora.

